

7ème Congrès de la SIE



Cahier des résumés des communications

Les « dialogues » dans le travail et la vie
des sociétés : la démocratie à refonder ?

L'Homme Producteur, quarante ans après.

Promotion et organisation



**SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE**

Partenariat



Groupe d'études
sur le travail
et la santé
au travail

Juin, 2026





SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Table de Matières

MOT D'INTRODUCTION	7
DIALOGUE SOCIAL ET APPRENTISSAGE DU FRANÇAIS EN CONTEXTE MIGRATOIRE	8
LE CONCEPT RENOVE DE REPRESENTATIVITE SYNDICALE	9
QUANDO O CUIDADO SE FAZ GESTO: ABORDAGEM ERGOLOGICA NO TRABALHO DAS ENFERMEIRAS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL	10
O DISCURSO DOCENTE SOBRE A NORMA DE TRABALHO PPC DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO CEFET-MG	12
LES FEMMES MIGRANTES AU BRESIL : SANTE, TRAVAIL ET GENRE DANS UNE PERSPECTIVE ERGOLOGIQUE.....	14
A CONSTRUÇÃO DO FATO JURIDICO E O USO DE CAMERAS CORPORAIS: ABORDAGEM ERGOLOGICA DA ATIVIDADE POLICIAL NO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL.....	16
OS LIMITES DO DIALOGO INSTITUCIONAL NA ABORDAGEM DA ATIVIDADE DE TRABALHO E DO SOFRIMENTO	18
UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E CRISE DO DIALOGO SOCIAL: UMA LEITURA ERGOLOGICA DA PRECARIZAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS.....	19
EXPERIENCE ET CONNAISSANCE DU TRAVAIL ENSEIGNANT: UNE RECHERCHE SUR LE CHAMP D'ETUDE DES SAVOIRS ENSEIGNANTS	21
POR TRAS DA ROTINA: OS TRABALHADORES COMO PRODUTORES. A QUESTÃO DA ROTINA NO TRABALHO DOCENTE E NO TRABALHO EM INDUSTRIAS DE PROCESSO CONTINUO.....	23
RELAÇÕES RACIAIS E AS CLINICAS DO TRABALHO : UMA PERSPECTIVA ERGOLOGICA E DECOLONIAL.....	25
TRABALHO, SAUDE E RESISTENCIA COLETIVA: DIALOGOS ERGOLOGICOS DE UMA COMUNIDADE AMPLIADA DE PESQUISA EM TERRITORIO EXPOSTO AO AMIANTO NO BRASIL	26
A ATIVIDADE DE VENDA NO VAREJO ENTRE O SILENCIAMENTO E A SAUDE: UM DIALOGO A SER RECONSTRUIDO SOB A OTICA DE L'HOMME PRODUCTEUR.....	28



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ENTRE ALGORITMOS E SABERES VIVOS: A INTELIGENCIA ARTIFICIAL E O RISCO DE SILENCIAR AS EXPERIENCIAS DO OPERADOR DE FLOTAÇÃO.....	29
ENTRE A NORMA E A FERIDA: O DESAFIO DA AVALIAÇÃO DOS RISCOS PSICOSSOCIAIS NO BRASIL.....	31
SABERES-VALORES: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGERIDO	32
EFEITOS DE SENTIDO DA REFORMA DO ENSINO MEDIO PARAENSE NA ATIVIDADE DOCENTE: UMA ABORDAGEM ERGODISCURSIVA	34
A TEORIA DA DECISÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA ERGOLOGICA: O ESTABELECIMENTO E O DEBATE DE NORMAS NO AMBITO DA GESTÃO	35
TOMADA DE DECISÃO, INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA E ATIVIDADE DE TRABALHO	39
O FIO OCULTADO DA QUALIDADE: NORMA, DECISÃO E ATIVIDADE NA PESQUISA CLINICA BRASILEIRA.....	41
ERGOLOGIA E PROCESSOS DECISÓRIOS NA RECONSTRUÇÃO DO TRABALHO E DA VIDA COLETIVA EM COMUNIDADES ATINGIDAS POR CRIMES AMBIENTAIS NO ESTADO DE MINAS GERAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	42
RETOUR D'EXPERIENCE SUR LA PLACE DU DIALOGUE DES SAVOIRS DANS LES PROJETS DE CONCEPTION ET PERSPECTIVES.....	44
O USO DE SI E AS PERCEPÇÕES DE POLICIAIS CIVIS LGBTQIAPN+ SOBRE SEU COTIDIANO DE TRABALHO NUMA PERSPECTIVA ERGOLOGICA	46
A CONSTRUÇÃO DE SABERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS ENTRE TRABALHADORES/AS DA ADMINISTRAÇÃO PUBLICA: ENTRE A NORMA E A RENORMATIZAÇÃO NA GESTÃO DE DESASTRES NO SUAS/RS.....	48
READAPTAÇÃO FUNCIONAL NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE: SAUDE E TRABALHO EM PERSPECTIVA.....	49
O CORPO-SI NAS PRATICAS PEDAGOGICAS COM BEBES NO BRASIL.....	51
DAS TRABALHADORAS COMO PRODUTORAS AOS PONTOS CEGOS DO DIALOGO SOCIAL NO BRASIL: O TRABALHO REALIZADO POR MULHERES NA ESCOLA, NA EMPRESA E NAS RUAS.....	53



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A ATIVIDADE DIALOGICA NO LABORATORIO DE MUDANÇA: ALGUMAS EXPERIENCIAS BRASILEIRAS.....	55
CONTRATOS DE COMUNICAÇÃO NA ATIVIDADE DE TRABALHO DE EMPREGADOS TERCEIRIZADOS EM UMA INSTITUIÇÃO PUBLICA DE ENSINO	57
DEMOCRACIA NO TRABALHO: ENTRE A POSSIBILIDADE DE FALAS E A PRODUÇÃO DE NORMAS	59
TRAVAIL ET PHILOSOPHIE: VERS UN MARXISME PERSISTANT - REFLEXION A PARTIR DU CAS MOZAMBICAIN.....	61
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A LUZ DA ERGOLOGIA: METODOLOGIAS ATIVAS E A CONSTRUÇÃO DEMOCRATICA DA EDUCAÇÃO.....	62
ERGOLOGIA, VALOR DO TRABALHO E RESPEITO AO TRABALHADOR NA PERSPECTIVA DE SAMORA MOISES MACHEL.....	64
MANAGER EN PHILOSOPHE : LA SKHOLE COMME CONDITION DU DIALOGUE SUR LE TRAVAIL.....	65
LE DIALOGUE DANS UNE FORMATION, L'APPORT D'UN GRT	67
LA RECHERCHE, NON PLUS "SUR" OU "PARMI", MAIS AVEC LES TRAVAILLEURS ET TRAVAILLEUSES : VERS UNE RECHERCHE COOPERATIVE ?	71
QUE PRODUIT UN DIALOGUE SOCIAL QUI CONTOURNE L'ACTIVITE ? LE TRAVAIL REEL DES SAGES-FEMMES A L'EPREUVE DU DIALOGUE SOCIAL DANS LA NAISSANCE	73
SINDICATOS DE PETROLEIROS DO BRASIL E DIALOGOS SOCIAIS.....	75
ENQUETE SUR LES FREINS A L'ENQUETE : QUEL REEL DU TRAVAIL DANS LE « SOCIAL » DU « DIALOGUE » ET DANS LES PRATIQUES SYNDICALES ? UNE INTERPRETATION A L'AIDE DE CONCEPTS ERGOLOGIQUES.....	77
REHABILITER LE SUJET DE LA PAROLE : UNE CONDITION NECESSAIRE AU DIALOGUE	79
METTRE EN DIALOGUES LE RAPPORT INTIME AU TRAVAIL : RECIT D'UNE ENQUETE- CREATION DANS L'ATELIER DE MARIELSA NIELS, ARTISTE PHOTOGRAPHE	81
SERVIÇO SOCIAL E O CAMPO DA SAUDE MENTAL: HISTORIA, MEMORIA E TEMPORALIDADES.....	87



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



VALORES-NA-ATIVIDADE E OS POTENCIAIS DEMOCRATICOS DO ORGANIZAR COTIDIANO	89
A PROPOS DE LA RECEPTION DU « MANIFESTE POUR UNE DEMOCRATIE DU TRAVAIL » ET DE SES PROLONGEMENTS DANS LE CHAMP DE LA SANTE AU TRAVAIL.....	91
LE DIALOGUE PROFESSIONNEL : UN MOYEN DE CONCEVOIR LES CONDITIONS ORGANISATIONNELLES D'UNE RENORMALISATION MAJEURE DU MILIEU ?.....	93
REFLEXÕES ERGOLOGICAS SOBRE O EXILIO DE BRASILEIROS NO CONTEXTO DOS ANOS DE 2019 A 2022.....	95
DIÁLOGO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: TERRITÓRIOS, RACIONALIDADES E TEMPORALIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA.	96
TEMPORALIDADES E TRAVESSIAS: INGRESSAR, VIVER, APRENDER EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 EM UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL NO NORDESTE DO BRASIL	98
CONTORNOS DA MEDIAÇÃO LABORAL EM MOÇAMBIQUE NA ERA DA IA	100
Y A-T-IL UNE PLACE POUR L'ANALYSE DU TRAVAIL REEL DANS LES PSE ? L'EXPERT CSE PEUT ENCORE TENTER LE PARI.....	102
TRANSFORMER SA COMPREHENSION DU PATRIMOINE ERGOLOGIQUE POUR CHANGER LE RAPPORT ENTRE SOI ET LE MONDE : L'EXPERIENCE DE LA LECTURE COLLECTIVE	104
ERGOLOGIA E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÃO PARA SE COMPREENDER A FORMAÇÃO DOCENTE	106
TRAVAIL, EDUCATION ET SENSIBILITE	108
DIALOGUE SOCIAL : ENJEUX DE RENFORCEMENT OU DE REDIRECTION ?	113
CONFRONTATION AU REEL ET PUISSANCE DU LANGAGE	115
O QUE OS OLHOS AGUENTAM VER: UMA ANÁLISE DA ATIVIDADE DO TRABALHO DE MODERADORES DE CONTEÚDO BRASILEIROS RESIDENTES NA ESPANHA	116
O HOMEM PRODUTOR NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE A ERGOGESTÃO DO TRABALHO DOCENTE-DISCENTE	118



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



QUANDO O LOBO MAU É UM <i>BRAINROT CREEPY CUTE</i> : A URGÊNCIA DA <i>MEDIA LITERACY</i> NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O DIÁLOGO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE, E A MEDIAÇÃO CORRESPONSÁVEL DA EXPERIÊNCIA DIGITAL DAS CRIANÇAS	121
APPEL À COMMUNICATIONS	124



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



MOT D'INTRODUCTION

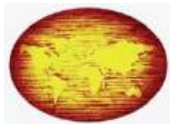
Quarante ans après la parution de l'Homme Producteur qui témoignait de l'expérience d'une rencontre inédite entre universitaire et syndicalistes, la Société Internationale d'Ergologie souhaite que son 7ème congrès soit une occasion de point d'étape, de réflexion et de débats sur la notion de dialogue dans le travail et dans les divers champs de la vie sociale. Que se joue-t-il aujourd'hui dans les différentes formes de dialogue propres à nos sociétés ? Quelles sont leurs limites ? Quatre décennies d'expérience de d'interventions, de dispositifs de type ergologique, ont montré qu'un changement de posture était nécessaire pour rendre possible de véritables dialogues ancrés dans le travail réel.

Avancer sur ce sujet est indispensable, non seulement au regard du besoin de démocratie que connaît le monde du travail pour construire du bien commun, mais aussi pour une redécouverte des savoirs opérant dans la vie productive et sociale.

Au-delà du débat sur les règles formelles des dialogues dans nos sociétés, c'est la conception et le sens même de la démocratie qui est en jeu. Dans l'univers intellectuel, dans la gouvernance des entreprises, dans la lutte contre l'aveuglement du système financier aux conditions de la création de valeur, et plus largement dans la vie sociale. Cela ne se limite pas à « l'ambition de soigner le travail ». C'est un retravail du sens même de la démocratie qu'il s'agit : sans un sentiment permanent d'inconfort, voire d'insécurité dans la pratique du dialogue, sans la sensibilité aux débats de normes de tous ceux qui fabriquent au quotidien la vie sociale, une vie démocratique est-elle seulement possible ?

Les débats au sein de ce congrès, dont l'un des objectifs est de partager des constats et des réflexions sur la place, le fonctionnement et l'utilité de ces dialogues dans la réalité actuelle de nos sociétés, portent in fine sur deux dimensions problématiques majeures concernant les fonctionnements de ces dialogues. Comment les relations sociales et le dialogue social se mettent à l'écoute du travail réel pour faire émerger des « travailler autrement » ? Que veut dire dialoguer en situation d'inégalités de position sociale et économiques ?

Comité d'organisation et Comité scientifique



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



DIALOGUE SOCIAL ET APPRENTISSAGE DU FRANÇAIS EN CONTEXTE MIGRATOIRE

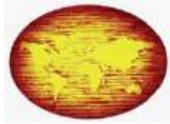
Gabriel DE MELO, enseignant à Mot à Mot, Annemarie DINVAUT, MCF émérite Avignon Université, Adèle ROSSIGNOL, enseignante à Mot à Mot

Avignon Université Laboratoire ICTT

Mots-clés: gouvernance horizontale ; apprentissages ; socialisation

Contact: annemarie.dinvaut@sfr.fr

À Mot à Mot (<https://www.associationmotamot.org/infos-pratiques/nous-contacter/>), association marseillaise d'enseignement du français, des usagè·es (étudiant·es ou ancien·nes étudiant·es en situation migratoire) font partie du Conseil d'Administration. La gouvernance est partagée entre eux, les enseignant·es et les autres membres du Conseil d'Administration : comment le dialogue se construit-il ? Comment ce décloisonnement des différents groupes concernés s'opère-t-il ? Le profil linguistique, l'accès aux outils de compréhension et d'expression sont très différents selon les personnes (maîtrise du français, lecture, écriture, utilisation des outils numériques). Les décisions à prendre, dans des conditions financières et législatives très dégradées, concernent l'aide aux usagè·es, la rémunération des enseignant·es, la recherche d'un local, aussi bien que des points plus légers. Dans ces conditions, de quelle manière se prennent ces décisions ? Quelles sont les valeurs en jeu ? Quelles sont les compétences à l'œuvre ? Ce fonctionnement qui tend vers l'horizontalité a-t-il des incidences sur les apprentissages et le pouvoir d'agir des personnes usagères ? Impliqué·es dans l'association (enseignant·es et membre du CA) depuis plusieurs années, nous tentons de répondre à ces questions avec les outils de l'ergologie et de la sociolinguistique. Notre méthodologie inclura des entretiens avec plusieurs membres du CA, l'instruction au sosie, la confrontation à plusieurs outils et documents utilisés lors des Assemblées Générales et Conseils d'Administration (panneaux, photos, etc).



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



LE CONCEPT RENOVE DE REPRESENTATIVITE SYNDICALE

Franck PETIT, Professeur à Aix-Marseille Université

Centre de Droit Social, UR 901

Mots-clés: Représentation des salariés ; Représentativité syndicale ; syndicat ; transparence financière ; principe de concordance

Contact: franck.petit@univ-amu.fr

Partie I – La concordance statutaire, nœud gordien du contentieux syndical

A-La pertinence de l'objet syndical

B-La nécessité de respecter les valeurs républicaines

C- La concordance de l'objet social au champ d'intervention

Partie II - La transparence financière, talon d'Achille du syndicalisme salarié

A-L'établissement des comptes

B-L'approbation des comptes

C-La publication des comptes



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGLOGY



QUANDO O CUIDADO SE FAZ GESTO: ABORDAGEM ERGOLOGICA NO TRABALHO DAS ENFERMEIRAS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Juliana Cristina de Lima Mendes (UFMG); Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva (PUC/MG); Davidson Passos Mendes (UNIFEI)

Universidade Federal de Minas Gerais, PUC/MG e Universidade Federal de Itajubá

Mots-clés: Gesto profissional; Atividade de trabalho; Ergologia

Contact: davidsonmendes@unifei.edu.br

Este resumo tem, por finalidade, trazer o conceito do gesto humano no trabalho e aprofundá-lo como elemento de reflexão e de potencialização do diálogo não verbal no trabalho das enfermeiras, já que não é possível fazer parte da formação do trabalhador porque o mesmo é um saber investido relativo ao corpo-si de cada trabalhador. Os elementos que fundamentam a discussão e o aprofundamento epistemológico aqui propostos têm origem nos resultados de uma dissertação de mestrado intitulada: "O SABER INVESTIDO NO CORPO-SI: uma contribuição para a formação da enfermeira que atua em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal". O estudo oferece contribuições para as discussões ergológicas ao evidenciar o trabalho em suas micro decisões, nos usos de si por si e pelos outros, frequentemente determinantes e, em contextos críticos como a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), implicados na preservação da vida. O estudo teve, por objetivo, compreender o gesto que explicita o saber investido no corpo-si da enfermeira que o permite preencher a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real em uma UTIN. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e empregou, como instrumento de produção de dados, a técnica da autoconfrontação simples e cruzada, a partir da abordagem ergológica. Os resultados foram apresentados a partir das seguintes categorias: 1) Normas antecedentes e o vivenciado nas situações singulares de trabalho; 2) O corpo-si; 3) Dramáticas do uso de si, o uso de si por si mesmo e uso de si pelos outros; 4) Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes; 5) Saberes investidos, saberes constituídos ou formais; 6) Gestos no trabalho. A partir de cada categoria, os conceitos foram aprofundados, discutidos e confrontados com as situações apresentadas. A proposta é centrar a discussão no gesto profissional que, no contexto analisado, foi construído de forma coletiva e situada, resistindo à padronização ao afirmar a singularidade do cuidado e da vida. Na aproximação aos registros observacionais e às narrativas construídas no contexto das autoconfrontações durante o trabalho de campo, verificou-se que, em meio às rotinas altamente normatizadas e reguladas da UTIN, há gestos que esquivam e resistem à padronização e que escapam à objetividade pretendida pelo discurso biomédico. São gestos que expressam os saberes investidos no corpo-si graças à experiência encarnada das enfermeiras, no convívio com os pares durante os encontros. Por meio do olhar atento e da observação participante, da reprodução original, com a ajuda de uma técnica ou de um procedimento particular que conduz à criação e da partilha de experiências que expressa a instrução adquirida pelo exercício da enfermagem. Esses gestos produzem sentido e cuidado, na medida em que são também afetados pelo ambiente e pelos corpos com os quais interagem (Mendes, 2025).



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Desenvolvem o conhecimento necessário para agir em competência por meio das suas práticas e por uma confrontação contínua, mais ou menos longa de si consigo mesmo, com os outros e com o mundo no aqui e agora do trabalho (Eyland, 2021). Nessa perspectiva, o gesto profissional pode ser compreendido como a expressão concreta da atividade, em que o corpo atua como elemento central e indispensável, articulando as dimensões clínicas envolvidas na construção desse gesto. Assim, ele não se limita à execução mecânica de uma técnica, mas incorpora um repertório complexo de saberes, vivências e valores que moldam as decisões e ações no cotidiano do trabalho (Mendes, 2025). Cada gesto realizado no contexto profissional carrega significados e intencionalidades e nunca é desprovido de sentido ou isento de implicações. Ao contrário, trata-se de uma manifestação carregada de sentidos e significados, que se modifica conforme as situações e os sujeitos envolvidos. Essa dinâmica reflete o contínuo processo de negociação no corpo-si, entre o vivenciado, as prescrições e as exigências do trabalho real, o que resulta em práticas singulares e profundamente significativas. O corpo-si desempenha, portanto, um papel central na mobilização desses elementos, sendo responsável por tornar o gesto profissional possível e eficaz na prática. Ele expressa, por meio da ação, a competência construída na trajetória do profissional, revelando sua capacidade de integrar técnica, sensibilidade e julgamento situacional (Silva, 2016). O gesto profissional das enfermeiras no procedimento de PICC é fundamentalmente marcado pela interação entre o rigor técnico e a sensibilidade no cuidado. A Ergologia, assim, oferece um aporte teórico-metodológico potente para refletir criticamente sobre os modos de agir dos profissionais diante da complexidade do trabalho real, contribuindo para os debates no campo da Educação, da Saúde e da formação profissional.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



O DISCURSO DOCENTE SOBRE A NORMA DE TRABALHO PPC DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO CEFET-MG

Geraldo Generoso Ferreira (Técnico em Assuntos Educacionais)

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Mots-clés: Normas de trabalho; Discurso; Projeto Pedagógico

Contact: ggeneroso2000@gmail.com

As normas de trabalho ou normas antecedentes estão presentes em qualquer atividade profissional seja de maneira implícita ou explícita. Esses textos, em certa medida, buscam orientar e regular as atividades de trabalho de forma a delimitar as ações dos trabalhadores dentro do espaço e do contexto laboral. No campo educacional, os documentos normativos se apresentam de diversas formas, sendo elaborados por meio de textos de caráter prescritivo/normativo que ora explicitam e ora ocultam suas instâncias produtoras. A atividade de docência, em particular, está permeada por normas que direcionam o trabalho do professor dentro de determinado contexto social, ora favorecendo a manifestação de sua subjetividade ora cerceando-a e, conseqüentemente, trazendo implicações no campo de sua saúde física e mental desse profissional. No Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG há uma gama de documentos que caracteriza sua identidade como estabelecimento de ensino no contexto da educação profissional e tecnológica no nível federal. Dentre os diversos documentos que estruturam o trabalho pedagógico nessa instituição, destacamos o Projeto Pedagógico de Curso, PPC, que tem por finalidade estruturar e organizar os diversos cursos que compõe a instituição. O presente trabalho tem como objetivo observar no discurso dos docentes dos cursos de engenharia do CEFET-MG, como esses profissionais atribuem valores à norma de trabalho denominada Projeto Pedagógico de Curso (PPC) no processo de reescrita desse documento. Nosso objeto de estudo são os discursos/enunciados produzidos pelos docentes coordenadores de curso sobre a norma de trabalho PPC dos cursos de engenharia e o processo de reestruturação dessa norma no CEFET-MG. Nesse sentido, lidamos com a linguagem como via de acesso à interpretação da realidade social. Para Moita Lopes (1994), a realidade social é complexa e constituída a partir de diferentes significados. Segundo o autor, a compreensão dos fatos sociais dá-se, pois, mediante a interpretação dos significados que são organizados nos e pelos discursos. O papel do pesquisador, nesse contexto, nunca será neutro, pois o mesmo, além de estar diretamente envolvido com fato pesquisado, deve interpretar/compreender os diversos significados que perpassam determinada realidade social. Propomos, como princípio metodológico, uma escuta ativa e responsiva (BAKHTIN, 2016 p. 25) aos discursos produzidos por esses profissionais, bem como um diálogo com os instrumentos de coleta de dados e os sentidos produzidos a partir desses instrumentos na construção dos enunciados concretos que são os discursos desses profissionais. Como instrumentos de coleta e análise, utilizamos o método da autoconfrontação simples adaptado da Clínica da Atividade mais precisamente dos estudos de Faia (2010) e Clot (2010). Em nosso estudo, buscamos fundamentar a linguagem sob a perspectiva bakhtiniana em que o discurso é compreendido como a língua em uso, em uma dada situação concreta. Nesse



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



sentido, os enunciados são compreendidos como elos de uma cadeia de comunicação discursiva em que diferentes vozes se encontram e se opõem, formando uma rede dialógica a partir da relação eu e o outro nessa cadeia. Dessa forma, a orientação dialógica é um fenômeno constituinte do próprio discurso. Nas perspectivas dialógica e ergológica o discurso sobre a atividade laboral ou sobre as competências dela requeridas pode mudar também a experiência das pessoas sobre sua própria atividade e sobre suas relações com os outros nesse contexto. Considerando o trabalhador como um sujeito dialógico e singular, toda situação laboral será única e irrepetível influenciada diretamente pelos discursos produzidos nos e pelos contextos laborais, a partir principalmente de normas que estruturam e regulam as atividades desse trabalhador. Em nosso trabalho, acreditamos que analisar o discurso dos docentes sobre a Norma de trabalho, PPCs e o seu processo de reescrita poderá favorecer, não apenas a compreensão desse texto como norma de trabalho que estrutura a atividade de docência, mas sobretudo, as implicações dessa norma no agir do trabalhador docente e na sua relação com o espaço laboral e seus elementos constitutivos. Os resultados iniciais apontam para uma complexa rede de compreensão sobre a importância da norma, ora dialogando como os documentos oficiais que pontuam a importância desse documento ora se distanciando, atribuindo valores como confuso, desnecessário, incompleto, engessado. Tais apontamentos (re)velam a necessidade de uma maior compreensão sobre o documento e sua importância no fazer pedagógico da instituição.

REFERÊNCIAS

MOITA LOPES, L. P. 1994. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada. D.E.L.T.A. p.329-338

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

FAÏTA, D. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EDUFF, 2010. p. 165-186



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



LES FEMMES MIGRANTES AU BRÉSIL : SANTÉ, TRAVAIL ET GENRE DANS UNE PERSPECTIVE ERGOLOGIQUE

Élida Azevedo Hennington (chercheuse Fiocruz, Brésil) ; Simone Mainieri Paulon
(chercheuse UFRGS, Brésil); Lisiane Machado Aguiar (chercheuse, UFRR, Brésil)

Fiocruz ; UFRGS; UFRR

Mots-clés: Migration humaine ; Division du Travail Fondée sur le Genre ; Santé mentale ; Santé au travail ; Ergologie

Contact: elidahennington@gmail.com

Historiquement, le travail de reproduction de la vie a été associé aux femmes et naturalisé comme féminin, ce qui perpétue les inégalités entre les sexes. La division sexuelle du travail et les violences sexistes, façonnées par des marqueurs de race et de classe, ont de graves répercussions sur la santé physique et mentale des travailleuses dans le capitalisme. Au Brésil, quatre femmes sont assassinées chaque jour et il y a eu en moyenne 227 râpés par jour en 2024. Le scénario du travail féminin comprend des journées doubles et triples, l'informalité, de bas salaires et une surcharge physique et mentale qui causent souffrance, épuisement et maladie chez les travailleuses, en particulier les femmes noires et racialisées. La ségrégation professionnelle et l'accumulation des tâches domestiques et professionnelles, ainsi que le harcèlement moral et sexuel et d'autres formes de violence sexiste, entraînent une surcharge physique et émotionnelle et une augmentation des cas de maladie, en particulier des troubles musculo-squelettiques liés au travail et dans le domaine de la santé mentale. Les données de 2024 de la sécurité sociale brésilienne ont indiqué près d'un demi-million d'arrêts de travail pour troubles mentaux, soit une augmentation de 68 % par rapport à l'année précédente. La plupart des personnes en arrêt de travail sont des femmes (64 %), âgées en moyenne de 41 ans, souffrant d'anxiété et de dépression. Cette réflexion s'appuie sur une étude multicentrique menée auprès de femmes migrantes travailleuses dans trois capitales brésiliennes : Rio de Janeiro, Porto Alegre et Boa Vista. L'ergologie offre une perspective analytique puissante pour comprendre l'intersection complexe entre le travail de reproduction sociale exercé principalement par les femmes et le travail dit productif, en se concentrant sur l'expérience vécue et le débat sur les normes et les valeurs à partir d'une étude menée auprès de femmes migrantes d'origines différentes résidant au Brésil. La croissance des migrations Sud-Sud, principalement due aux politiques restrictives et à la criminalisation de la population migrante dans les pays du Nord, ainsi qu'à l'augmentation des politiques sociales inclusives dans des pays comme le Brésil, a entraîné une croissance significative du nombre de femmes qui traversent les frontières brésiliennes, souvent seules ou avec leurs enfants, et qui sont les principales sources de revenus de leur famille, ce qui nécessite une analyse du travail qui inclut la perspective de genre. En intégrant la dimension du genre, la perspective ergologique aide à comprendre les dimensions socio-économiques, politiques et culturelles spécifiques qui façonnent l'activité migratoire et professionnelle de ces femmes. L'ergologie est une approche pluridisciplinaire qui considère le travail comme une activité humaine complexe dans laquelle la personne qui travaille mobilise son intelligence, ses valeurs et



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY

 **gestes**
Groupe d'études
sur le travail
et la santé
au travail

elle-même – corps-soi. Dans le contexte de la migration féminine, l'analyse de l'écart entre le travail prescrit et le travail effectivement réalisé peut impliquer un contexte comme celui du Brésil, où l'on observe un décalage entre les attentes d'un travail décent et la réalité d'emplois précaires, informels et souvent exploitants, associé au renforcement de la croyance en l'émancipation par le culte de l'entrepreneuriat. Au travail, la femme est inexorablement poussée à débattre et à créer des normes (renormalisation) pour s'adapter aux variations des situations de travail. Pour les femmes migrantes, cette renormalisation se produit quotidiennement dans le contexte domestique et communautaire, dans le travail de soins, dans le travail formel ou informel lorsqu'elles se déplacent vers de nouveaux contextes culturels, juridiques et socio-économiques, redéfinissant constamment leurs stratégies de survie, de résistance et d'intégration. En circulant dialectiquement entre le macro et le micro de l'activité, la perspective ergologique valorise le point de vue de la personne qui travaille, reconnaissant que l'activité professionnelle produit le travailleur en tant qu'être social. Cela est crucial pour comprendre comment les femmes migrantes se (re)construisent identitairement, comme dans l'un des récits de recherche, se découvrant comme femme noire au Brésil en étant confrontées à l'oppression quotidienne du racisme, de la xénophobie et de la violence de genre. La migration est une activité humaine qui génère des transits et des mouvements sociaux et professionnels non aléatoires, avec des impacts sur la santé mentale. Dans le cas des femmes migrantes, l'ergologie offre des outils empiriques tels que le dispositif dynamique à trois pôles qui peut contribuer à la compréhension de ces impacts en tenant compte des conditions concrètes d'existence et des variabilités à gérer dans le pays d'accueil, en se concentrant sur la complexité de l'activité humaine dans des contextes de déplacement et de (ré)intégration.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A CONSTRUÇÃO DO FATO JURIDICO E O USO DE CAMERAS CORPORAIS: ABORDAGEM ERGOLOGICA DA ATIVIDADE POLICIAL NO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

Carlos Eduardo Galhardi Di Tommaso (UNIFEI); Adilson da Silva Mello (UNIFEI);
Davidson Passos Mendes (UNIFEI)

Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

Mots-clés: Ergologia; atividade policial; câmeras corporais

Contact: davidsonmendes@unifei.edu.br

O labor policial organiza-se sob rígido sistema hierárquico, em que os titulares de cargos da cúspide organizam e gerenciam os postos de trabalho, cujas atividades são executadas por servidores de nível ou patente subalternos. Nas prescrições aparece a impossibilidade de contato direto entre profissionais de patentes diversas, exceto por meio de documentos escritos e sob estrito respeito ao fluxo hierárquico degrau a degrau. A comunicação per saltum é considerada infração administrativa (Nysa, 2022). Contudo, a limitação de comunicações entre os níveis potencializa os diálogos entre os profissionais do mesmo nível, de níveis imediatamente limítrofes, ou de Instituições vizinhas, fomentando a sensação de pertencimento e corpo. Cientes da heteronormatividade e, especialmente, da dificuldade de interferir na construção normativa, os policiais renormalizam a atividade, colmatando o vácuo fruto da desaderência entre a atividade real e prescrita. Os diálogos incorporam um plexo de valores que conferem sentido à atividade (Farias e Faixa, 2018). A pesquisa constatou que policiais militares não utilizaram as câmeras corporais para registro das abordagens (COPs), descumprindo a norma que expressamente determinava seu emprego. Verificou-se que a incorporação das imagens aos boletins de ocorrência burocratizava e estendia o tempo de ação em cada ocorrência. As já cansativas jornadas de trabalho seriam ainda mais extenuantes com o registro, transmissão e incorporação das imagens no sistema informatizado, diante da precariedade e limitações tecnológicas então disponíveis. Assim, optaram por não acionar as COPs e, consequentemente, conduzir o registro da prisão em flagrante à moda antiga, de forma escrita. Mas para que essa decisão ocorresse houve um efetivo diálogo entre os militares responsáveis pela prisão e o delegado de polícia plantonista, validador do ato jurídico (Tommaso, Martins e Mello, 2025). Em um dos casos acompanhados, o militar questiona o delegado se é necessário juntar filmagens da droga apreendida, o qual responde ser prescindível, pois a inscrição contida no boletim de ocorrência já era suficiente para caracterização do fato. Os atores ali presentes interagem profissionalmente há bastante tempo. Verificou-se que os diálogos travados entre eles remontavam experiências anteriores, sob relação de confiança e respeitabilidade, num evidente uso de si por si e uso de si pelos outros. Os registros observacionais também nos permitiram visualizar a instalação de Entidades Coletivas Relativamente Competentes (ECRPs) quando da apresentação dos presos à Delegacia de Polícia de Plantão. Os policiais militares sequer concluíam o desembarque da viatura e os servidores da delegacia já se postavam, orquestradamente, para sua recepção. Investigadores, escrivães e o delegado de polícia de plantão atuavam de forma autônoma,



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



mas absolutamente síncrona, numa verdadeira 'orquestra sem maestro' (Mendes, 2014) para formalização jurídica da prisão em flagrante. Concluiu-se que a não utilização das imagens registradas pelas CPOs não se deu com a finalidade de ocultar um eventual abuso policial ou com vistas a deliberadamente prejudicar o indivíduo preso em flagrante. Na realidade, em razão da complexidade sistêmica e da lentidão do artefato tecnológico, toda a equipe - os policiais militares, escrivão e delegado de polícia de plantão -, renormalizaram o meio, optando por concluir o procedimento jurídico de modo mais célere, em respeito a economia dos próprios corpos. Estudos em Ergologia nos convidam não apenas a transformar o trabalho, mas fazê-lo sempre observando 'as coisas pelo lado positivo' (Schwartz, 1998). A pesquisa indica que quanto mais rígido o sistema hierárquico e mais acentuada a heterodeterminação, densifica-se a renormalizações na atividade. Aos policiais, o descumprimento das normas, incluindo as que os obrigam ao emprego das COPs, pode resultar em graves sanções funcionais, incluindo a exoneração do cargo. Contudo, mesmo diante dessa sombra projetada do risco, o diálogo conduz ao descumprimento das normas, permitindo fazer-se do trabalho algo vivível. A decisão pela economia do corpo não é propriamente racional, tampouco exclusivamente instintiva, mas inscrita no corpo-si de cada trabalhador. Buscando a positiva transformação do trabalho, sugere-se maior diálogo entre os trabalhadores dos diferentes níveis hierárquicos, com vistas à participação democrática na construção das normas e, consequentemente, a redução do coeficiente de heterodeterminação. A participação da base o delineamento das prescrições minimiza o vácuo de desaderência normativa e, por conseguinte, os riscos funcionais decorrentes das inevitáveis renormalizações. Na atividade, o diálogo deve superar sua dimensão majoritariamente horizontal. A difusão de saberes entre os vários níveis hierárquicos pode conduzir à melhora na qualidade de vida dos trabalhadores e, em última análise, à própria prestação do serviço público.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



OS LIMITES DO DIALOGO INSTITUCIONAL NA ABORDAGEM DA ATIVIDADE DE TRABALHO E DO SOFRIMENTO

Larissa Pereira (UNIFEI); Tiago de Paiva Martins (UNIFEI); Davidson Passos Mendes (UNIFEI)

Universidade Federal de Itajubá

Mots-clés: Ergologia; penosidade; assédio moral.

Contact: davidsonmendes@unifei.edu.br

Os diálogos institucionais no campo do trabalho revelam limites importantes quando confrontados com a atividade concreta e com as formas de sofrimento que dela emergem, questão central nos debates que atravessam o 7º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia. Dispositivos como o diálogo social e outros mecanismos formais de regulação ocupam lugar central nas políticas contemporâneas de gestão e proteção do trabalho, sendo frequentemente apresentados como espaços privilegiados de negociação, reconhecimento e participação. Ainda assim, tais dispositivos demonstram dificuldades persistentes em lidar com aquilo que efetivamente se passa no trabalho cotidiano. Esses limites tornam-se mais evidentes quando se observa, a partir do trabalho cotidiano, que os diálogos institucionais tendem a operar afastados do trabalho como atividade, privilegiando abordagens normativas e formais que pouco dialogam com a realidade concreta da execução do trabalho. Ao desconsiderar a distância entre normas prescritas e modos efetivos de fazer, esses dispositivos acabam por não incorporar os conflitos, os ajustes e as escolhas que estruturam a atividade de trabalho, produzindo um descompasso entre regulação institucional e experiência vivida. É nesse contexto que o sofrimento no trabalho emerge de forma recorrente, manifestando-se em situações frequentemente nomeadas como assédio moral ou conflitos interpessoais. Longe de constituírem fenômenos isolados ou desvios individuais, essas manifestações podem ser compreendidas como efeitos visíveis da incapacidade dos diálogos institucionais de acolher os conflitos de normas e as renormalizações que atravessam o trabalho real. O sofrimento aparece, assim, como expressão de um problema estrutural, produzido coletivamente, mas tratado de modo individualizante. Ancorada no diálogo com a ergologia, especialmente nas reflexões de Yves Schwartz sobre o trabalho como atividade, a comunicação propõe uma leitura crítica dos limites dos diálogos institucionais quando dissociados da experiência concreta dos trabalhadores e trabalhadoras. A ergologia oferece uma chave analítica fundamental para compreender como a formalização do diálogo pode contribuir para a invisibilização do trabalho real e para a reprodução de formas de sofrimento que escapam aos dispositivos institucionais de escuta e regulação. A contribuição proposta consiste em recolocar a atividade de trabalho no centro da reflexão sobre diálogo institucional, interrogando em que medida os dispositivos existentes são capazes de sustentar processos efetivos de reconhecimento e participação. Ao fazê-lo, busca-se abrir espaço para um debate que permita compreender o sofrimento no trabalho como uma questão coletiva e democrática, e não como um problema individual ou desviante.

Os autores agradecem à FAPEMIG, ao CNPq e à CAPES pelo apoio financeiro concedido aos projetos que contribuíram para a realização deste trabalho.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E CRISE DO DIALOGO SOCIAL: UMA LEITURA ERGOLOGICA DA PRECARIZAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Tiago de Paiva Martins (UNIFEI); Larissa Pereira (UNIFEI); Davidson Passos Mendes (UNIFEI).

Universidade Federal de Itajubá

Mots-clés: uberização; precarização; diálogo social; ergologia; trabalho real.

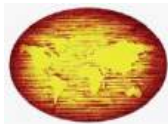
Contact: davidsonmendes@unifei.edu.br

A uberização do trabalho tem sido apresentada como inovação tecnológica baseada na autonomia e no auto empreendedorismo. No entanto, este texto sustenta que tal modelo representa uma forma radicalizada de precarização, marcada pela dissolução dos vínculos coletivos, pela assimetria de poder e pela negação de espaços efetivos de diálogo sobre o trabalho real. À luz da abordagem ergológica, especialmente a partir dos conceitos de atividade, uso de si e debate de normas, analisa-se a uberização como um caso-limite do rompimento do diálogo social contemporâneo. Argumenta-se que, nas plataformas digitais, o diálogo é substituído por mecanismos algorítmicos de controle, avaliação e punição, o que compromete não apenas as condições de trabalho, mas também a própria experiência democrática no mundo do trabalho. O artigo dialoga com o chamado do 7º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia ao problematizar a possibilidade de refundação da democracia a partir do trabalho real em contextos de platformização.

1. Introdução A expansão das plataformas digitais de trabalho tem reconfigurado profundamente as relações laborais, produzindo novas formas de subordinação sem reconhecimento jurídico do vínculo empregatício. Antunes (2020) identifica esse processo como uberização: uma morfologia contemporânea da exploração que combina intensificação do trabalho, insegurança permanente e responsabilização individual, sob a falsa premissa de um auto empreendedorismo, mascarado em forma de uma atividade precarizada. Este artigo parte da hipótese de que a uberização expressa o rompimento do diálogo social, ante a exclusão do trabalho real, dos espaços de negociação, deliberação coletiva e amparo estatal, baseando-se em princípios neoliberais.

2. Uberização, precarização e esvaziamento do diálogo A lógica das plataformas digitais organiza o trabalho a partir de métricas, ranqueamentos e contratos unilaterais, impedindo a construção de instâncias clássicas de diálogo social, direitos e conquistas que perduraram por anos a serem conquistadas. O trabalhador uberizado, essencialmente precarizado, encontra-se fora dos dispositivos tradicionais de representação coletiva, negociação e proteção. O diálogo social, quando existente, torna-se meramente formal, incapaz de abarcar a complexidade do trabalho real, sobretudo ante a invisibilidade da subordinação algorítmica.

3. Contribuições da ergologia: trabalho real e debate de normas A abordagem ergológica, desenvolvida por Yves Schwartz, permite compreender o trabalho como atividade viva, atravessada por renormalizações. Na uberização, essas renormalizações ocorrem de forma solitária, sem reconhecimento institucional ou espaço de debate coletivo. A subordinação legal algorítmica assume o lugar do diálogo, impondo normas rígidas e opacas, impondo ao trabalhador arcar



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



individualmente com os riscos físicos, psíquicos e sociais da atividade, estando sob a uma lacuna vazia da proteção estatal. 4. Algoritmos, poder e democracia O controle algorítmico evidencia uma forma de poder que dispensa o diálogo e naturaliza a vigilância contínua. Nesse contexto, a democracia no trabalho é esvaziada, pois não há conflito visível, negociação real ou reconhecimento dos saberes produzidos na atividade. A uberização, assim, não apenas precariza o trabalho, mas compromete a própria experiência democrática, reforçando a inexistência de um diálogo social, transmutando-se os algoritmos em responsáveis pela exclusão social desses trabalhadores precarizados. 5. Considerações finais A uberização pode ser compreendida como um caso extremo da crise contemporânea do diálogo social, ao excluir o trabalho real dos processos decisórios e substituir a negociação por dispositivos tecnológicos de controle. À luz da ergologia, torna-se evidente que a refundação da democracia no trabalho exige a criação de novos espaços de diálogo ancorados na atividade concreta, quebrando os ideais neoliberais, fazendo com que seja capaz de reconhecer os saberes dos trabalhadores na tentativa de reequilibrar as relações de poder profundamente assimétricas.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



EXPERIENCE ET CONNAISSANCE DU TRAVAIL ENSEIGNANT: UNE RECHERCHE SUR LE CHAMP D'ETUDE DES SAVOIRS ENSEIGNANTS

Wanderson Alves (UFG), Professeur

Université Fédéral de Goiás (Brésil)

Mots-clés: Formation des enseignants ; Savoirs enseignants ; Expérience ; Travail ; Ergologie

Contact: wanderson_alves@ufg.br

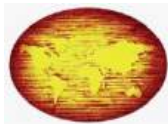
Dans une publication relativement récente, António Nóvoa soulignait un point qui n'est pas sans intérêt pour ceux qui étudient le travail : l'idée que la formation des enseignants doit tenir compte de la profession enseignante. Dans son texte, Nóvoa (2022) souligne que la culture professionnelle élaborée par le collectif enseignant dans les écoles est d'une grande valeur et constitue une source d'apprentissages divers, et invite les institutions de formation des enseignants à améliorer les échanges avec la profession. Si l'on y regarde de plus près, on constate que l'auteur aborde, sans le dire ni s'en rendre compte, un thème qui a une longue histoire dans le domaine des études sur le travail : celui des savoirs des travailleurs. Limité au domaine des sciences de l'éducation et à ses fondements disciplinaires, Nóvoa se heurte à des difficultés importantes sur le terrain même qu'il cherche à comprendre et sur lequel il entend prendre position.

En réalité, la réflexion d'António Nóvoa porte essentiellement sur le rapport entre formation et travail, ainsi que, de manière connexe, sur le rapport entre connaissance et expérience. Aborder cette question requiert toutefois l'apport des disciplines qui étudient le travail (psychologie du travail, ergonomie, etc.). C'est dans ce cadre d'analyse multidisciplinaire, et guidés par la complexité de l'activité humaine, que nous poursuivrons les travaux d'António Nóvoa, cette fois-ci dans une perspective ergologique.

Dans le domaine de l'éducation, un champ d'études s'est constitué autour de la relation entre la formation et l'exercice professionnel des enseignants. Il s'agit du champ d'études sur les savoirs enseignants. Ces recherches visent à comprendre ce que les enseignants pensent, font et créent, ce qu'ils perçoivent, réfléchissent et promeuvent dans l'exercice de sa profession. Parmi les auteurs de ce domaine, on trouve António Nóvoa, Lee Shulman, Donald Schön, Maurice Tardif, entre autres.

Étant par définition un domaine de recherche directement intéressé par la dimension expérientielle, le domaine d'études sur les savoirs des enseignants offre un moyen privilégié d'analyser la manière dont la question de l'expérience professionnelle est discutée et appropriée par les chercheurs en formation des enseignants. Ce domaine est au cœur de notre recherche.

Notre recherche correspond à une étude théorique qui vise à examiner la littérature fondamentale relative aux études sur le travail et les savoirs enseignants. La recherche vise à comprendre comment la question des savoirs expérientiels se présente dans le domaine des études sur les savoirs enseignants. En ces termes, sur la base de nos références d'analyse, nous pouvons nous demander : en parlant des savoirs expérientiels



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



et en s'interrogeant sur ce qui se passe dans l'exercice professionnel, le domaine des études sur les savoirs enseignants évoque-t-il en fait un homme producteur ? (Schwartz ; Faïta, 1985). Avec quels moyens théoriques et méthodologiques ces auteurs cherchent-ils à rendre compte de l'expérience des forces productives ? (Schwartz, 1988).

En se concentrant sur ces questions et en mettant l'accent sur la manière dont les auteurs du domaine ont abordé les connaissances élaborées et mobilisées par les enseignants dans des situations de travail, l'étude montre qu'il y a eu en effet un effort positif pour comprendre l'expérience du travail et l'action professionnelle, mais que cet effort s'est heurté à des limites importantes.

Trois types de limites ont été identifiés. La première réside dans l'absence ou le manque de dialogue avec le domaine des études sur le travail, ce qui fait que l'enseignement est envisagé de manière isolée par rapport aux autres formes de travail. La deuxième limite réside dans le fait que la plupart des études ont eu tendance à privilégier l'action plutôt que l'activité comme matrice d'analyse. La troisième limite concerne les aspects théoriques et méthodologiques, notamment la difficulté à comprendre et à appréhender ce qui se constitue (individuellement et collectivement) au cours de l'exercice professionnel.

Les trois limites identifiées se renforcent mutuellement pour former une difficulté qui traverse les études sur les savoirs enseignants et que nous pouvons qualifier d'éthique et politique. En effet, comme l'ont montré Oddone et ses collaborateurs dans *Redécouvrir l'expérience ouvrière*, si le projet consiste simplement à identifier des savoirs pour les utiliser ultérieurement, comme dans la formation professionnelle, on n'est pas très loin de ce qu'a fait le taylorisme. Cela signifie que la dimension politique présente dans le thème des savoirs des travailleurs ne peut jamais être oubliée. En ce sens, en ce qui concerne la production de connaissances et son orientation, l'ouvrage « *L'homme producteur* » a ouvert une voie très riche. En effet, il s'agit d'une invitation à la collaboration entre chercheurs et professionnels sur le terrain, une perspective qui reste aujourd'hui encore très pertinente.

Bibliographie:

NOVOA, António. Conhecimento profissional docente e formação de professores. Revista Brasileira de Educação, 1 v. 27 e270129, p.1-20, 2022.

SCHWARTZ, Yves; FAÏTA, Daniel (Dir). L'homme producteur: autour des mutations du travail et des savoirs. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985.

SCHWARTZ, Yves. Expérience et connaissance du travail. Paris: Éditions Sociales, 1988.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



POR TRÁS DA ROTINA: OS TRABALHADORES COMO PRODUTORES. A QUESTÃO DA ROTINA NO TRABALHO DOCENTE E NO TRABALHO EM INDUSTRIAS DE PROCESSO CONTINUO.

Anna Flávia Ferreira Borges Doutora em Educação pela UFG. Bolsista FAPEG na Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-GO); Ana Carolina Giannini Silva Doutora em Educação pela UFG. Professora da Rede Municipal de Rio Verde (Goiás); Wanderson Ferreira Alves Doutor em Educação pela USP. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFG

Universidade Federal de Goiás - UFG

Mots-clés: atividade humana; trabalho real; rotina; saberes coletivos; ergonomia da atividade.

Contact: annaf.afb@gmail.com

A noção de rotina se associa comumente à face mais visível do trabalho, compondo a regularidade, numa certa escapa temporal, dos modos de agir dos profissionais nas instituições ou organizações. Visível e descritível, a rotina aparece quando se pergunta ao trabalhador qual é a rotina do seu trabalho ou, numa linguagem mais técnica, quando se indaga pelos modos operacionais que devem ser implementados ao longo da jornada. Nesses termos, a rotina aparece como algo facilmente identificável, um componente delimitado e estabilizado na realidade aparentemente ordinária dos meios laborais. Contudo, nas situações de trabalho, será que os processos seguem seu fluxo em uma labilidade tão dócil? Se acompanharmos as décadas de trabalho de campo em ergonomia, a resposta é não. A ergonomia, notadamente a ergonomia orientada pela problemática da atividade, evidenciou que nas situações de trabalho os processos não se configuram como uma sorte de passagem direta entre o que se pretende fazer e o que é feito, conforme uma distinção matricial: o trabalho prescrito não coincide com o trabalho real, exigindo a atividade dos homens e mulheres tendo em vista realizar o que precisa ser realizado. Se é assim, por trás da rotina há mais do que ela deixa entrever. Há algo que ganha movimento por trás da aparente rotina dos profissionais em uma instituição ou organização e que precisa ser mais bem compreendido. Em situação, o que se passa sob os itinerários comuns dos modos de agir dos profissionais? Por trás da visibilidade das rotinas não se encontra, justamente, o que Schwartz e Faïta (1985) denominam de “L’homme Producteur”? O presente estudo se interessa exatamente por essa questão. O propósito deste estudo é analisar e compreender o que, nas situações de trabalho, se constitui por trás da noção de rotina. Para tanto, munido de uma perspectiva que considera a complexidade da atividade humana e dos meios laborais (Schwartz, 1988), as análises apresentadas se apoiam em duas pesquisas empíricas sobre o trabalho que foram realizadas em setores econômicos diferentes. A primeira pesquisa, realizada no âmbito do setor de serviços, traz uma investigação sobre o trabalho docente na educação infantil (Silva, 2023). A segunda pesquisa, realizada no âmbito do setor industrial, focaliza o trabalho dos operadores em uma subestação de geração-transmissão de energia elétrica (Borges, 2024). O estudo concluiu que a rotina não constitui mera repetição mecânica, mas um processo dinâmico de mediação entre prescrições formais e ações



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



situadas, realizado pelos trabalhadores mediante inteligência prática fundada em um patrimônio de saberes coletivos que incorpora gestos profissionais ordinariamente invisibilizados. A rotina torna-se visível e compreensível apenas quando sofre alterações, revelando, então, o trabalho real que se desenvolvia subjacentemente, o debate de normas e valores continuamente empreendidos pelos trabalhadores e a riqueza dos saberes coletivamente constituídos, não formalizados em manuais ou documentos prescritivos. A questão de pesquisa original – "Por trás da rotina: os trabalhadores como produtores" – encontra resposta empiricamente fundamentada: por trás da rotina está a atividade humana em sua dimensão completa, portadora de um patrimônio de saberes que envolve julgamento, valores, coletividade e solidariedade.

REFERÊNCIAS:

BORGES, Anna Flavia Ferreira. "Isso aqui não é local para aprendiz": um estudo sobre os saberes requeridos, mobilizados e constituídos no trabalho por operadores do setor elétrico. 2024. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

SCHWARTZ, Yves; FAÏTA, Daniel (Dir). L'homme producteur: autour des mutations du travail et des savoirs. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985.

SCHWARTZ, Yves. Expérience et connaissance du travail. Paris: Éditions Sociales, 1988.

SILVA, Ana Carolina Giannini. O gesto profissional docente em creches: o visível e o invisível. 2023. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SCHWARTZ, Yves. Patrimoines explicites et patrimoines implicites. Expérience et connaissance du travail. Editions Sociales: Paris, 1988.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. Trabalho, Educação e Saúde, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011. p. 19-45.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



RELAÇÕES RACIAIS E AS CLÍNICAS DO TRABALHO : UMA PERSPECTIVA ERGOLOGICA E DECOLONIAL

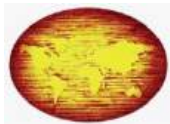
Maíra Marques Rodrigues - Doutoranda, Pedro de Freitas Almeida Andrade - Mestrando

PUC MINAS

Mots-clés: Ergologia. Relações raciais. Clínica do trabalho. Decolonialidade. Interseccionalidade

Contact: mairamarx@gmail.com

Este trabalho aborda a invisibilidade das relações de "raça" no campo das Clínicas do Trabalho, propondo um tensionamento a partir da perspectiva ergológica e da analítica decolonial. O ponto de partida é uma pesquisa bibliográfica exploratória realizada nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e nos Periódicos de Psicologia (PePsic), buscando artigos publicados no Brasil entre 2019 e 2024 que articulassem as clínicas do trabalho às questões raciais. O levantamento revelou uma lacuna crítica: dentre o volume de produções, encontrou-se apenas um artigo que associava diretamente o racismo ao sofrimento psíquico. Conforme aponta Vieira (2022), as apropriações das Clínicas do Trabalho no Brasil ainda privilegiam marcadores de gênero e classe, desfavorecendo uma análise explícita das relações raciais e das perspectivas decoloniais ou interseccionais. Para adensar a proposta, utiliza-se o referencial da Ergologia para compreender como o racismo estrutural opera como uma norma antecedente que tenta constranger o agir e impõe custos adicionais às dramáticas do uso de si dos trabalhadores negros. A ausência de debates que aludem a essa questão promove a manutenção de estruturas racistas e silenciamentos que cristalizam o sofrimento. Argumenta-se, portanto, que a "renormalização" da atividade em solo brasileiro exige considerar os fatores interseccionais para que o hiato entre o prescrito e o real não se torne um espaço de adoecimento invisibilizado por um "privilegio epistêmico" eurocentrado. Conclui-se que racializar a Ergologia e as Clínicas do Trabalho é um compromisso ético-político necessário para transformar as relações de poder e validar o saber de experiência de sujeitos historicamente subalternizados.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



TRABALHO, SAÚDE E RESISTÊNCIA COLETIVA: DIALOGOS ERGOLOGICOS DE UMA COMUNIDADE AMPLIADA DE PESQUISA EM TERRITÓRIO EXPOSTO AO AMIANTO NO BRASIL

Eliana Felix (Fiocruz/ CESTEH RJ), Professeur

Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/ CESTEH RJ

Mots-clés: Amianto; Ergologia; trabalho; Comunidade Ampliada de Pesquisa;
Resistência coletiva

Contact: eliana.felix@fiocruz.br

A exposição ao amianto constitui um dos exemplos mais emblemáticos de passivos sanitários, sociais e ambientais produzidos por modos históricos de organização do trabalho e marcados por profundas assimetrias de poder. Reconhecido internacionalmente como agente altamente carcinogênico, o amianto está associado a doenças graves, progressivas e irreversíveis, como mesotelioma, câncer de pulmão e de ovário, asbestose e placas pleurais, caracterizadas por longos períodos de latência, que podem alcançar até quatro décadas após a exposição (WHO, 1986; IARC, 2012; SILVA, 2021). No Brasil, apesar do amplo reconhecimento científico desses agravos, o uso industrial do amianto persistiu por décadas, sendo definitivamente proibido a partir de decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2017 (BRASIL, 2023). Nesse período, os riscos vividos, os adoecimentos produzidos e a atividade real dos trabalhadores permaneceram amplamente invisibilizados por dispositivos formais de regulação, que privilegiaram normas e indicadores técnicos e acordos institucionais dissociados da experiência concreta do trabalho. Na região de Pedro Leopoldo (MG), uma planta industrial manteve a utilização da fibra entre 1973 e 2019, deixando como legado um território com aproximadamente 20.000 (vinte mil) expostos(as), marcado por adoecimentos de manifestação tardia, subnotificação persistente, irreversibilidade dos danos e agravos à saúde e permanência de riscos ambientais. Esse passivo incide sobre uma população de baixa escolaridade e renda, majoritariamente preta/parda e com faixa etária predominante acima dos 60 anos. Trata-se de um passivo sanitário expressivo, que continua a produzir efeitos mesmo após o encerramento formal da exposição. No Brasil, projeta-se um pico de mortalidade por mesotelioma entre 2021 e 2026 (ALGRANTI et al., 2015; FÉLIX, 2023). Esse contexto evidencia os limites do chamado “diálogo social” quando organizado sem a centralidade do trabalho enquanto atividade e sem o reconhecimento dos debates de normas que atravessam a experiência concreta dos sujeitos (LACOMBLEZ; LEITÃO, 2020). À luz da abordagem ergológica, que compreende o trabalho como espaço permanente de renormalizações e confrontações de valores (SCHWARTZ, 2010; HENNINGTON; CUNHA; FISCHER, 2011), este estudo analisa a experiência da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto de Minas Gerais - ABREA/MG como forma alternativa de construção de diálogos e de resistência coletiva a partir do trabalho. A pesquisa inspira-se nos referenciais da Saúde do Trabalhador e da Ergologia e teve como eixo central a constituição de uma Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP), reunindo trabalhadores expostos, pesquisadores, profissionais de saúde e representantes do poder público. Mais do que um recurso metodológico, a CAP



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



configurou-se como um dispositivo efetivo de diálogo, no qual normas antecedentes puderam ser problematizadas, saberes instituídos confrontados, análises e estratégias construídas de forma coletiva. Nesse espaço de resistência coletiva, produção de conhecimento e ação política, a atividade real dos trabalhadores tornou-se elemento estruturante dos debates, deslocando relações tradicionais de poder, redefinindo lugares de fala e ampliando as possibilidades de reconhecimento social e institucional dos agravos relacionados ao amianto. A partir dessa dinâmica, emergiram frentes de ação voltadas ao cuidado em saúde, à visibilidade da ABREA/MG, com a estruturação de sua sede, à construção de estratégias jurídicas de reparação, à busca ativa sistematizada e à reorganização dos itinerários terapêuticos contínuos dos trabalhadores adoecidos. Esses processos evidenciam que os diálogos ergológicos, quando ancorados no trabalho real, reconfiguram responsabilidades, confrontam os limites das normas instituídas e ampliam as possibilidades de transformação social. Os resultados apresentados evidenciam que a CAP operou como um dispositivo ergológico estratégico, contribuindo para o fortalecimento da ABREA/MG como ator coletivo integrador legítimo. Esse processo ampliou a capacidade de organização local e de negociação frente aos impactos sanitários e sociais decorrentes da exposição ao amianto, permitindo a mobilização de recursos técnicos, políticos e institucionais voltados à vigilância em saúde, ao cuidado continuado e às estratégias de reparação. Destacam-se mais de 700 (setecentos) atendimentos em saúde já realizados ou em curso, a manutenção de busca ativa permanente e a consolidação de um novo itinerário assistencial, jurídico e de acolhimento, sustentado por equipe multidisciplinar disponibilizada em sede inaugurada em 2026. Conclui-se que não há avanço efetivo, em contextos de passivos sanitários em territórios expostos ao amianto, sem o fortalecimento dos movimentos sociais, o reconhecimento dos saberes da experiência e a construção de dispositivos coletivos capazes de sustentar, no tempo, políticas de cuidado, vigilância e justiça sanitária e ambiental.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A ATIVIDADE DE VENDA NO VAREJO ENTRE O SILENCIAMENTO E A SAÚDE: UM DIALOGO A SER RECONSTRUIDO SOB A OTICA DE L'HOMME PRODUCTEUR

Tamara Kellen Soares da Silva Rios; Luiz Felipe Silva; Davidson Passos Mendes

Universidade Federal de Itajubá (Itajubá, Minas Gerais, Brasil)

Mots-clés: Palavras-chave: Ergologia; Varejo; Saúde do Trabalhador; Diálogo Social; Democracia.

Contact: tamarakellen@yahoo.com.br

Quarenta anos após a publicação de L'Homme Producteur, a centralidade da atividade humana como produtora de normas e valores enfrenta desafios inéditos, especialmente no setor de serviços e no comércio varejista. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a fragilidade do diálogo e a necessidade de reconstrução democrática no ambiente laboral, partindo de uma pesquisa de mestrado que analisou a saúde e a ergologia do trabalho de vendedores de varejo. A investigação utilizou o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) processado pelo software MAXQDA, permitindo que a fala individual emergisse como uma representação social do grupo. Sob a lente da Ergologia e de seu aprofundamento epistemológico, foram identificadas dez categorias que revelam as "dramáticas do uso de si" no salão de vendas. O estudo revela que o diálogo no varejo contemporâneo é, muitas vezes, "inautêntico e mistificador", como aponta a convocatória deste Congresso. As categorias identificadas como pressão, culpabilização e invisibilidade, demonstram um cenário onde as "normas antecedentes" (metas agressivas e gestão tecnológica) colonizam a atividade. O "trabalho real" do vendedor, que exige uma constante inteligência sensível para mediar o encontro com o cliente, é sistematicamente ignorado pelas instâncias de gestão. A pesquisa evidenciou que a individualização e a falta do coletivo produzem um profundo sentimento de desamparo e insegurança. Quando a atividade real não tem espaço para ser dita ou negociada, o trabalhador transita da tentativa de renormalização, que seria seu movimento legítimo de resistência e criação de saúde, para a resignação e o sentimento de ineficácia. Essa invisibilidade da competência prática não é apenas um problema de gestão técnica, mas um limite severo à democracia dentro da empresa, pois rompe o tecido democrático, se o produtor não é reconhecido como sujeito capaz de discutir seu próprio agir, a democracia torna-se uma casca vazia. A reconstrução da democracia, conforme proposta por este Congresso, exige a transição da sobrecarga e da instabilidade para a criação de "espaços de fala autênticos". Propõe-se, a partir da abordagem ergológica, a implementação de Dispositivos Dinâmicos de Três Polos (DD3P). Estes dispositivos surgem como uma resposta prática à desigualdade de poder e aos conflitos de interesse, sugerindo uma via para superar a "segunda dimensão problemática" do diálogo social através do encontro genuíno entre o saber acadêmico, o saber técnico e o saber da experiência. Somente através do reconhecimento da saúde do trabalhador como um valor político e ético, e não apenas biológico, será possível resgatar o vendedor de varejo de sua invisibilidade e reintegrá-lo como o "homem produtor" de uma sociedade que se quer, efetivamente, democrática.

Os autores agradecem à FAPEMIG, ao CNPq e à CAPES pelo apoio financeiro concedido aos projetos que contribuíram para a realização deste trabalho.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ENTRE ALGORITMOS E SABERES VIVOS: A INTELIGENCIA ARTIFICIAL E O RISCO DE SILENCIAR AS EXPERIÊNCIAS DO OPERADOR DE FLOTAÇÃO.

Tallita Tostes da Costa (aluna de pós-graduação da FAE e Eng. Segurança do Trabalho da UFMG) e Daisy Moreira Cunha (Professora da Faculdade de Educação da UFMG)

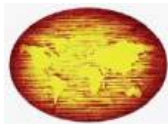
Universidade Federal de Minas Gerais

Mots-clés: Ergologia; flotação; inteligência artificial; trabalho real; subjetividade; diálogo.

Contact: tatitall@yahoo.com.br

No contexto contemporâneo da mineração de ferro, o processo de flotação configura-se como uma etapa estratégica para a viabilidade econômica de jazidas cada vez mais complexas. Frente a esse cenário, observa-se uma intensificação do uso de sistemas avançados de controle, visão computacional e inteligência artificial, com o objetivo explícito de otimizar o processo, reduzir a variabilidade operacional e minimizar a intervenção humana. Este artigo, à luz do enfoque ergológico, problematiza essa corrida tecnológica orientada à substituição da subjetividade do operador de flotação, interrogando os efeitos dessa lógica sobre os saberes, as linguagens e a própria existência profissional desses trabalhadores. A partir da análise do trabalho real, das verbalizações e das experiências vivenciadas por operadores de flotação, argumenta-se que a inteligência artificial, tal como vem sendo buscada, visa fragilizar o diálogo sobre o trabalho, empobrece a democracia no ambiente produtivo e ameaça provocar uma extinção silenciosa de saberes vivos fundamentais para a sustentabilidade do processo.

1. INTRODUÇÃO O avanço acelerado das tecnologias digitais, dos sistemas de controle avançado e da inteligência artificial tem sido amplamente difundido, em diversos setores industriais, como sinônimo de neutralidade, eficiência e racionalidade técnica. Na mineração de ferro, especialmente no processo de flotação catiônica reversa de quartzo, esse avanço se articula a um discurso de otimização contínua, orientado ao enfrentamento de desafios contemporâneos, tais como o empobrecimento das reservas minerais, as restrições ambientais, a redução de custos operacionais e a maximização da recuperação metalúrgica. Todavia, tais transformações tecnológicas não se desenvolvem em um vazio social. Elas se inscrevem em um campo historicamente marcado pela subordinação do trabalho ao capital e pela recorrente concepção do trabalhador como uma variável ajustável do sistema produtivo. Nesse cenário, a intensificação dos processos de mecanização e automação, associada à tentativa de “retirar a subjetividade” das operações, coloca em evidência uma questão central: qual é o lugar reservado aos saberes, às linguagens e às experiências do operador de flotação nesse novo arranjo técnico-organizacional? Sob a perspectiva ergológica, essa questão torna-se fundamental. Trabalhar não se restringe à simples execução de prescrições técnicas ou à manipulação de parâmetros mensuráveis. O trabalho configura-se como um permanente debate de normas, no qual as prescrições se confrontam com situações singulares, atravessadas por valores, história e pelo corpo-si. Conforme apontam Oddone, Re e Briante (2023), mesmo em contextos industriais adversos, o sujeito permanece ativo, mobilizando capacidades



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

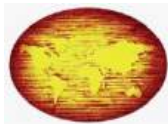
INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



de pensamento, ressignificação da experiência, construção de identidade e desenvolvimento de uma inteligência coletiva orientada à transformação do presente. As práticas profissionais, nesse sentido, não apenas incorporam conhecimentos científicos, mas também produzem e reorganizam saberes situados, inseparáveis da atividade real. Diante disso, este artigo propõe uma análise crítica do movimento de mecanização da flotação na mineração de ferro por meio do uso da inteligência artificial, interrogando suas implicações humanas, políticas e democráticas, especialmente no que se refere à valorização — ou ao silenciamento — dos saberes operacionais. À luz da ergologia, e em diálogo com Schwartz e Durrive (2021), compreende-se o trabalhador como portador de um corpo-si: uma entidade não delimitável, que resiste às tentativas de completa objetivação. O desconforto intelectual e o caráter antecipatório da atividade revelam justamente essa impossibilidade de encerramento do sujeito em molduras técnicas ou modelos fechados. Assim, torna-se necessário um esforço permanente para restituir a dimensão proativa e/ou criadora do trabalho humano, mesmo em seus gestos mais ínfimos.

REFERÊNCIAS

ODDONE, Ivar et al. Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec, 1986. ODDONE, Ivar; RE, Alessandra; BRIANTE, Gianni. Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho [livro eletrônico]. Tradução de Ana Maria Chiarini; Diego Silveira Coelho Ferreira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2023. SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. 3. ed. rev. e ampl. Niterói: Eduff, 2021. ISBN: 978-65-5831-077-8 SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). Trabalho e ergologia II: diálogos sobre a atividade humana. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLÓGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ENTRE A NORMA E A FERIDA: O DESAFIO DA AVALIAÇÃO DOS RISCOS PSICOSSOCIAIS NO BRASIL

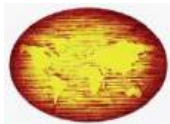
Maíra Marques Rodrigues - Em Doutorado Puc Minas Brasil, Carlos Eduardo Carrusca - Professor Pos Doutor Puc Minas Brasil

Puc Minas

Mots-clés: Riscos Psicossociais; Gestão Paradoxante; NR-01; Saúde Mental no Trabalho; Capitalismo Neoliberal

Contact: mairamarx@gmail.com

O presente artigo analisa os desafios da avaliação de riscos psicossociais no Brasil, contextualizados pelo recorde histórico de afastamentos por transtornos mentais e pela atualização da Norma Regulamentadora nº 01 (NR-01). A partir dos referenciais da Sociologia Clínica, da Psicodinâmica do Trabalho e da Ergonomia da Atividade, a discussão problematiza a "gestão paradoxante" e o uso de "maquiagens corporativas" — como treinamentos de resiliência e ferramentas quantitativas superficiais — que individualizam o sofrimento e silenciam as patologias geradas pela organização do trabalho. Argumenta-se que a subjetividade brasileira é marcada por uma "ferida aberta" de raízes coloniais, onde o capitalismo neoliberal se funde ao legado do escravismo, do patriarcado e do racismo estrutural para naturalizar a exaustão e a servidão sob a máscara da autonomia. O estudo conclui que, para evitar que a NR-01 se torne apenas um instrumento de compliance burocrático, é imperativo adotar análises coletivas e interseccionais que desconstruam a "teologia do desempenho". Propõe-se o fortalecimento da atuação conjunta entre sindicatos e o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) como via para politizar o sofrimento e promover mudanças reais nas estruturas de gestão.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



SABERES-VALORES: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGERIDO

Caetana Juracy Rezende Silva - professora Universitária; Daisy Moreira Cunha - Professora Universitária; Maria Clara Bueno Fischer - Professora Universitária

Professora Caetana Juracy Rezende Silva (Universidade de Brasília - UnB) Daisy Moreira Cunha (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG); Maria Clara Bueno Fischer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

Mots-clés: saberes-valores; trabalho associado e autogerido; economia solidária; economia solidária

Contact: mariaclara180211@gmail.com

Esta comunicação analisa a produção e circulação de saberes-valores (Schwartz, 2000) no trabalho associado e autogestionário em vista de seu potencial para reprodução ampliada da vida (Tiriba, 2018). As reflexões apresentadas têm por base estudos concluídos cujas opções teórico-metodológicas buscaram fazer pesquisa de forma colaborativa com trabalhadoras e trabalhadores, colocando a atividade de trabalho no centro dessa relação, e em uma atitude de abertura de espaço de problematização dos saberes da experiência e dos saberes acadêmicos. Na trajetória histórica brasileira forjou-se um tipo específico de desenvolvimento econômico assentado na desigualdade extrema e na pobreza (Oliveira, 2003; Telles, 2001), em que mercado de trabalho formal e informal e formas de economia popular (Razeto, 1983; Tiriba, 2007) se mesclam e se retroalimentam (Oliveira, 2003). Na esteira dessa herança estrutural, com o aprofundamento da crise econômica no final da década de 1980 e o avanço da organização política das classes populares, o país vivenciou a ação coletiva e autogestionária de trabalhadoras e trabalhadores que, na perspectiva do trabalho associado, ocuparam e ativaram fábricas fechadas e outras organizações e empreendimentos, com a criação de associações e cooperativas de produção, consumo e crédito. A partir dessas iniciativas foram articuladas redes de produção e comercialização, complexos cooperativos e cadeias produtivas, apoiadas por diversas organizações da sociedade civil, com forte presença da educação popular, no que viria a ser denominado de Economia Solidária. O trabalho associado e autogestionário ocupa um lugar relevante de experimentação econômico-cultural no Brasil e configura uma boa parte da experiência de um grande contingente de trabalhadoras e trabalhadores que vivenciaram anteriormente o trabalho heterogerido. O trabalho heterogerido compõe as experiências individuais e coletivas e impõe desafios profundos para o trabalhar de forma associada e autogerida. Nesse sentido, essas experiências são marcadas por tensões e contradições nos debates de normas em sua produção (Nouroudine, 2011). Uma dessas tensões está relacionada à sustentabilidade desses empreendimentos que oscilam entre adesão ou não às dinâmicas do modelo econômico hegemônico. O trabalho associado e autogerido, como processo histórico-econômico-cultural, exprime a luta e a arte por refazer o conteúdo e a gestão do trabalho, não sem tensões, instituindo-se como modo de fazer, saber, pensar e criar, que exige um diálogo permanente em torno de normas da vida em comum. Compreendemos que tal debate de normas é situado na história local dos



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



sujeitos e de suas organizações sociais, transcorrendo em diferentes instâncias; com os pares produtivos; os níveis hierárquicos, ou interfaces no processo produtivo; as organizações coletivas; a política pública; os técnicos; os públicos atendidos. Nessas experiências, existe uma constante interrogação sobre os saberes-valores em sua relação com a preservação da vida e com o delineamento dos modos de ser, produzir e de se reproduzir material, social e culturalmente. O reconhecimento, validação e legitimação desses saberes no trabalho associado e autogestionário pode abrir possibilidades de construção de novos sentidos, maneiras de agir, fazer, pensar, sentir e se relacionar com o mundo. Na sequência, analisamos a conceituação de saberes do trabalho, entendendo-os como resultantes de processos prático-teóricos, ético-políticos e estéticos de transformação e compreensão da realidade econômico-cultural e humano-social. Esses saberes compõem a experiência histórica de trabalhadores e trabalhadoras e conectam-se com valores como amorosidade, amizade, solidariedade, cooperação e com noções como a de trabalho bem feito, nos sentidos técnico-produtivo e ético-político-estético, assim como com questões pertinentes à segurança e saúde, autonomia e autogestão. Na sequência, analisamos a produção e circulação desses saberes-valores considerando que seu compartilhamento passa pelo limite de que o nomear, em si, estabiliza e restringe significados, ao mesmo tempo em que, em certa medida, os transforma, transformando a própria realidade. O autêntico ato de nomear é intrínseco à práxis libertadora (Freire, 2005). Esses saberes-valores são objeto de singularidade, visão de mundo, cultura, política, classe, configurando-se como lugar de debate de normas em permanência. Enfim, discutimos as implicações para se pensar processos formativos em diferentes espaços, assumindo o termo formação profissional em um sentido bastante expandido, como uma experiência coletiva na qual inúmeros processos educativos colaboram para o desenvolvimento de saberes e valores relacionados ao mundo do trabalho e da vida.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



EFEITOS DE SENTIDO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO PARAENSE NA ATIVIDADE DOCENTE: UMA ABORDAGEM ERGODISCURSIVA

Patrícia Sobrinho Reis, doutoranda em Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras UFPA. Fátima C. da Costa Pessoa, professora Dr^a. da Universidade Federal do Pará/UFPA.

Universidade Federal do Pará/UFPA

Mots-clés: Cenografia; Ergodiscursividade; Atividade Docente; Ensino Médio.

Contact: patriciasob@hotmail.com

Neste artigo, analisamos aspectos da cenografia e de que modo ela produz e mobiliza efeitos de sentido a partir da enunciação; nos ancoramos nas noções de cenografia desenvolvidas por Rocha (2013) ao problematizar postulados de Maingueneau (2008, 2015) sobre cenografia, tomando-a como parte integrante do quadro cênico na análise de gêneros discursivos. A cenografia auxilia a conhecer o que sustenta e mobiliza os sentidos produzidos no movimento espiral do discurso, conforme Charaudeau e Maingueneau (2008). Ela revela as tensões que se gestam no enunciado e o que sustenta o discurso, num jogo de forças que emerge a complexidade da atividade docente em um processo de mudanças. Os posicionamentos discursivos que fundamentam as escolhas docentes no processo de renormalização podem estar relacionados a um interdiscurso ligado às bases políticas, teóricas e filosóficas que fundamentam a reforma por aqueles que se nutrem de um discurso meritocrático, economicista e gerencialista e nomeia as mudanças das normativas como inovações ou mesmo fazem críticas, mas sempre se ajustando, bem como sua prática, ao que elas prescrevem; e aqueles que resistem e se fundamentam na defesa de direitos sociais trabalhistas e do direito à educação pública de qualidade social e socialmente referenciada evocando um trabalho colaborativo com a família ou com a escola, expondo seus pontos críticos, capaz de transformar a realidade social de quem ensina e de quem aprende.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A TEORIA DA DECISÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA ERGOLOGICA: O ESTABELECIMENTO E O DEBATE DE NORMAS NO AMBITO DA GESTÃO

Gabriel Alves Rodrigues (Mestrando/Masters Student); Admardo B. Gomes Júnior (Professor Doutor/PhD Professor); Catarina Dallapicula (Professora Doutora/PhD Professor)

CEFET-MG

Mots-clés: Ergologia; Teoria da Decisão; Norma antecedente; Neoliberalismo;

Contact: alvesrodriguesga@gmail.com

A Teoria da Decisão, tal como se consolidou nas ciências da gestão, pode ser lida como uma norma antecedente que organiza o trabalho gerencial e é reforçada pela racionalidade neoliberal, atualizando a figura do sujeito decisor para além do homo economicus clássico, mas sem abandonar o horizonte de governar condutas em nome da eficiência. O artigo propõe, a partir da ergologia, interrogar essa tradição teórica como peça de um “governo da atividade” que atravessa o diálogo social sobre o trabalho: ao prescrever como se deve decidir (modelos sequenciais, racionalidade limitada, heurísticas, vieses, nudges), ela define o que conta como decisão “correta” e como erro ou desvio, deslocando o foco do conflito de normas vivido na atividade para protocolos de correção de julgamentos individuais. Na primeira parte, reconstruímos uma genealogia sintética da Teoria da Decisão, do período antigo (Heródoto, Aristóteles, Condorcet) à fase axiomática moderna, passando pela probabilidade matemática, pela noção de utilidade (Bernoulli) e pelos modelos sequenciais (Dewey). Em seguida, discutimos três autores centrais na configuração contemporânea do campo: Herbert Simon, com a noção de racionalidade limitada e de decisões compostas em contextos organizacionais; Daniel Kahneman (com Tversky), ao introduzir o dualismo Sistema 1/Sistema 2, heurísticas, vieses e ruído; e Richard Thaler, ao formular o nudge e o “paternalismo libertário” como dispositivos de arquitetura de escolhas. Essa trajetória mostra como a teoria desloca o ideal de maximização estritamente econômica para uma gestão “realista” das limitações cognitivas, sem deixar de buscar formas de orientar ou corrigir as escolhas, muitas vezes por meio de algoritmos, escalas e diretrizes. Na segunda parte, articulamos essa evolução à racionalidade neoliberal descrita por Dardot e Laval: o mercado deixa de ser apenas um espaço econômico para se tornar princípio normativo de governo, generalizado às políticas públicas, às organizações e à subjetividade. Nesse quadro, a economia comportamental e a Teoria da Decisão funcionam como tecnologias de normalização das condutas, oferecendo instrumentos finos de modulação do comportamento (redução de ruídos, desenho de incentivos e nudges) que podem reforçar um diálogo social assimétrico, onde “erros” de trabalhadores e cidadãos são alvo de correção, enquanto permanecem pouco discutidos os valores e formas de vida que essas correções pressupõem. A terceira parte mobiliza a ergologia (Schwartz, Durrive) e a perspectiva de Canguilhem sobre a norma para recolocar a decisão no terreno da atividade e do debate de normas. Apresentamos os conceitos de normas antecedentes, saberes em desaderência e saberes em aderência, dupla antecipação e renormalização, bem como a distinção entre disciplina epistêmica (que busca neutralizar a história em nome da



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



generalização) e disciplina ergológica (que procura “por baixo da regularidade o que faz história”). A partir daí, discutimos como a Teoria da Decisão, ao se tornar referência dominante na gestão, participa da produção de normas antecedentes sobre “como decidir”, mas tende a invisibilizar o trabalho real do gestor e dos coletivos, onde decisões se fazem em situações singulares, sob tensões de valores, conflitos de poder e usos de si que escapam à modelização. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico e ensaístico, de caráter crítico-analítico, que realiza uma leitura cruzada entre história da Teoria da Decisão, economia comportamental, crítica da racionalidade neoliberal e ergologia, sem coleta empírica. O texto dialoga com o tema do 7º Congresso da SIE ao sugerir que, no campo da gestão, o “diálogo social” sobre o trabalho é muitas vezes reconfigurado como gestão científica da decisão: ruídos, desvios e erros passam a ser tratados como falhas a eliminar, e não como expressões de um debate de normas que torna a atividade possível e vivível. Ao reinscrever o ruído e o desvio como momentos do uso de si e da renormalização — mais do que simples anomalias estatísticas —, o artigo propõe recolocar na agenda do diálogo social a pergunta sobre quem decide o que é uma “boa decisão”, em nome de quais normas e com que efeitos sobre a democracia no trabalho.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



L'ACTIVITE DE TRAVAIL DES PERSONNELS TECHNIQUES ET ADMINISTRATIFS DE L'EDUCATION : UNE ANALYSE ERGOLOGIQUE ET DIALOGIQUE

Edileusa Esteves Lima (Servidora Técnico-administrativa da UFMG) e Daisy Moreira Cunha (Professora da UFMG)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Mots-clés: Activité de travail; Débats de normes; Ergologie; Langage dialogique; Reconnaissance des savoirs.

Contact: silva990@gmail.com

Ce travail présente une recherche en cours portant sur l'analyse de l'activité de travail des personnels administratifs et techniques de l'éducation (TAE) d'une faculté publique, à partir de l'articulation entre une approche dialogique du langage et le cadre théorique et méthodologique de l'ergologie. Il s'appuie sur le constat que, bien que centraux pour le fonctionnement institutionnel de l'université, ces travailleurs demeurent largement invisibilisés dans les discours officiels, les dispositifs de gestion et les espaces formalisés de dialogue, ce qui fragilise la reconnaissance de leurs savoirs et limite les processus de démocratisation des relations de travail. Ancrée dans les contributions de Bakhtine et du Cercle bakhtinien, la recherche appréhende le langage comme une pratique sociale située, traversée par une pluralité de voix, de valeurs, de tensions et de silences, dans lesquels le dire comme le non-dire constituent des formes de prise de position éthique et politique. En dialogue étroit avec l'ergologie, notamment à partir des travaux d'Yves Schwartz, l'étude conçoit le travail comme une activité vivante, toujours singulière, marquée par des débats de normes, des renormalisations permanentes et des usages de soi par soi et par les autres, irréductibles aux prescriptions et aux référentiels formels. Dans ce croisement théorique, les dialogues au travail sont compris non comme de simples dispositifs institutionnels, mais comme des processus concrets de confrontation et de négociation, souvent asymétriques, au sein desquels se jouent des rapports de sens, de valeurs et de reconnaissance. La recherche repose sur l'hypothèse selon laquelle l'activité se déploie dans un espace d'interdépendance entre différents régimes de savoirs, expériences professionnelles et positions institutionnelles, où se négocient en permanence normes, décisions et responsabilités. Dans cette perspective, la reconnaissance des savoirs constitue une catégorie analytique centrale pour interroger dans quelle mesure les pratiques de gestion prennent en compte les savoirs locaux issus de l'expérience, engagent effectivement les sujets concernés et ouvrent — ou non — des possibilités de construction collective et démocratique de l'action institutionnelle. L'étude adopte une démarche qualitative, interprétative et participative, mobilisant l'observation de situations de travail, des entretiens dialogués et des espaces collectifs de discussion avec les équipes de direction et les personnels TAE. Ces dispositifs sont conçus à la fois comme des outils de recherche et comme des espaces de mise en visibilité et de mise en débat de l'activité réelle, permettant de faire émerger des dimensions du travail habituellement peu dicibles ou maintenues dans l'ombre. L'analyse porte sur les manières dont les acteurs mettent en mots leur activité, arbitrent les normes et



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Groupe d'études
sur le travail
et la santé
au travail

produisent du sens, en accordant une attention particulière aux tensions, aux ajustements et aux silences qui traversent ces élaborations discursives. L'étude vise également à analyser, à la lumière du concept de justice épistémique (Fricke), dans quelle mesure les savoirs pratiques, institutionnels et historiques des personnels TAE sont reconnus, légitimés et mobilisés dans les processus de décision, ou, à l'inverse, disqualifiés ou marginalisés par des hiérarchies académiques. En interrogeant les limites du « dialogue social » lorsqu'il se tient à distance de l'activité réelle, cette recherche s'inscrit pleinement dans le thème du 7^e Congrès de la Société Internationale d'Ergologie. Elle soutient que le développement d'espaces dialogiques adossés à l'analyse de l'activité peut contribuer à renforcer la reconnaissance des savoirs, à promouvoir une justice épistémique et à nourrir des formes plus substantielles de démocratie au travail et dans la vie institutionnelle des universités publiques.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLÓGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



TOMADA DE DECISÃO, INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA E ATIVIDADE DE TRABALHO

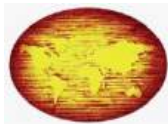
Professor Dr. Admardo B. Gomes Júnior / Professora Ms. Angélica da Silva Costa /
Professora Dra. Catarina Dallapicula

CEFET-MG / PPGA

Mots-clés: Tomada de decisão; Psicologia; Atividade; Trabalho

Contact: admardo.jr@gmail.com

Este artigo propõe uma leitura crítico-analítica da noção de “tomada de decisão” tal como vem sendo mobilizada nas ciências administrativas, com ênfase nas abordagens inspiradas na psicologia comportamental, frequentemente apresentadas como técnicas neutras (ferramentas, métricas, protocolos de correção de vieses, nudges) ao mesmo tempo em que prescrevem, de modo normativo, o que conta como “boa decisão” (eficiência, rapidez, aderência a dados, satisfação do cliente). Argumenta-se que tal enquadramento tende a psicologizar a decisão e a deslocar seu núcleo ético-político: a decisão deixa de ser tratada como debate de valores e conflitos de normas inerentes ao trabalho para converter-se em objeto de mensuração, classificação e correção de condutas. Nessa conversão, saberes psicológicos passam a funcionar como tecnologias de governo do comportamento, favorecendo a naturalização de critérios organizacionais como se fossem evidências (“os dados falam”, “o viés explica”), enquanto divergências práticas e inventividades situadas do trabalhador são recodificadas como “erro” a ser corrigido. Em diálogo com o tema do 7º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia — “diálogo social: estado atual e desafios para o futuro do trabalho e da democracia” —, sustenta-se que a hegemonia dessas gramáticas gerenciais contribui para contornar e invisibilizar o trabalho como atividade, reforçando formas de diálogo social restritas a quadros formais e quantificáveis (condições, indicadores, dispositivos), em detrimento do debate sobre o real do trabalho, isto é, as dramáticas do uso de si e as renormalizações produzidas nas situações concretas. A partir da ergologia, a decisão é recolocada no plano da atividade industrial: toda situação de trabalho implica um debate de normas entre prescrições antecedentes e renormalizações situadas, nas quais o trabalhador arbitra, interpreta, ajusta regras, assume riscos, mobiliza saberes incorporados e inventa soluções para tornar o trabalho possível e vivível. Assim, “decidir” não se reduz a escolher entre alternativas dadas, mas envolve disputar fins, critérios de validade e modos de vida no e pelo trabalho. O referencial articula três eixos: (i) a ergologia, para compreender a decisão como processo situado e normativo, inseparável do uso de si e do debate de normas; (ii) a psicanálise, para recolocar em cena a dimensão do sujeito, do desejo e do mal-estar, irreduzíveis à governança por indicadores e correções; e (iii) a crítica de Georges Canguilhem à psicologia, mobilizada para problematizar a passagem da psicologia a um repertório técnico que, sob ideais de neutralidade, importa e estabiliza normas sociais e organizacionais como padrões de “ajuste” e “eficácia”. Nessa perspectiva, o problema central formulado é: como repensar a tomada de decisão para além de sua captura instrumental, restituindo a centralidade do conflito de normas e o ponto de vista do trabalhador na produção das decisões?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

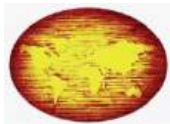
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Metodologicamente, trata-se de pesquisa teórica e ensaística, de caráter interdisciplinar, baseada em levantamento e confronto crítico de matrizes decisórias na administração (modelos racional-formais, racionalidade limitada, incrementais, processuais, político-anárquicos e perspectivas contemporâneas data-driven), examinando: como definem “decisão”, que imagem de sujeito e de trabalho pressupõem, quais dispositivos de psicologização acionam e que efeitos produzem sobre a inteligibilidade do trabalho real. Como contribuição, o artigo propõe uma reinterpretação ergológica da decisão, orientada a reabrir o diálogo social ao trabalho como atividade, permitindo que saberes-valores e renormalizações dos coletivos sejam reconhecidos como dimensão constitutiva — e não residual — dos processos decisórios nas organizações.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLGY



O FIO OCULTADO DA QUALIDADE: NORMA, DECISÃO E ATIVIDADE NA PESQUISA CLÍNICA BRASILEIRA

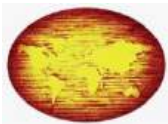
Alexandra Gomes da Silva Castro: Administradora especialista em gestão de saúde pública e hospitalar/mestranda em administração; Prof. Dr. Admardo B. Gomes Junior; Angélica da Silva Costa: mestre em administração.

Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET Minas Gerais.

Mots-clés: Gestão da Qualidade; Pesquisa clínica, debate de normas, decisão.

Contact: alecastroadm@gmail.com

A pesquisa clínica em saúde pública no Brasil é hoje atravessada por um robusto aparato regulatório que busca assegurar ética, segurança e padronização por meio de normas, guias de Boas Práticas Clínicas e dispositivos de controle da qualidade. Esse arcabouço prescritivo, ancorado em modelos clássicos de qualidade e em racionalidades técnico-gerenciais, define critérios formais de conformidade que orientam decisões sobre o que conta como estudo aceitável, protocolo adequado e evidência válida. O artigo sustenta, porém, que essa normatividade não é neutra: ao prescrever formas de “fazer certo”, ela produz zonas de visibilidade e invisibilidade sobre a qualidade, tornando explícitos alguns atributos (aderência a procedimentos, rastreabilidade documental, métricas de desempenho) e silenciando outros, ligados ao trabalho real, às renormalizações e às dramáticas de uso de si dos coletivos envolvidos na pesquisa clínica. Tomando a ergologia como lente principal, em diálogo crítico com teorias de gestão da qualidade e da decisão, propomos ler a qualidade como racionalidade normativa. Nesse quadro, as normas antecedentes do campo – resoluções do CNS, normativas da ANVISA, diretrizes ICH-GCP e a recente Lei nº 14.874/2024 – são analisadas como enunciados que tentam organizar o debate de normas ao delimitar, antecipadamente, o que deve ser visto, medido e decidido em nome da qualidade. A hipótese central é que, ao condensar a qualidade em critérios padronizados de conformidade, a regulação tende a descolar-se da atividade, invisibilizando os conflitos de valores e as reinvenções situadas que atravessam o trabalho cotidiano nos centros de pesquisa clínica. Metodologicamente, trata-se de uma investigação teórico-documental, sem coleta empírica direta, que toma como corpus normas, leis e documentos oficiais produzidos entre 1996 e 2025, período que vai da Resolução CNS nº 196/1996 à Lei nº 14.874/2024. Os documentos são lidos à luz do espaço tripolar de Schwartz, mapeando: (i) como o polo do mercado e das normas técnico-mercantis formula a qualidade em termos de eficiência, padronização e evidência; (ii) como o polo da politeia inscreve, tensiona ou é capturado por esses dispositivos em nome da ética, do bem comum e dos direitos dos participantes; e (iii) como o polo das gestões é implicitamente dirigido, ao prescrever modos de decidir e de gerir o trabalho nos serviços de saúde. Ao evidenciar o “fio oculto” da qualidade – isto é, os debates de normas e as racionalidades que ficam em segundo plano quando a qualidade é reduzida a conformidade –, o estudo busca contribuir para o diálogo social sobre pesquisa clínica e democracia, recolocando a questão: que concepção de trabalho, de decisão e de qualidade queremos tornar visível quando regulamos o cuidado e a produção de conhecimento em saúde?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ERGOLOGIA E PROCESSOS DECISÓRIOS NA RECONSTRUÇÃO DO TRABALHO E DA VIDA COLETIVA EM COMUNIDADES ATINGIDAS POR CRIMES AMBIENTAIS NO ESTADO DE MINAS GERAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ms. Angélica da Silva Costa ; Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Junior ; Geraldo Generoso Ferreira

CEFET MG

Mots-clés: Ergologia; Participação social; Processos Decisórios; Relato de experiência

Contact: angelica.costah@hotmail.com

Neste ensaio relatamos uma experiência de 2 anos e 8 meses de trabalho na gestão pública, atuando na elaboração e negociação do acordo de reparação socioambiental firmado entre a VALE S/A e o Estado de Minas Gerais, após o rompimento da barragem do Córrego do Feijão em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019. Tomamos essa experiência como ponto de partida para refletir, à luz da ergologia, sobre o diálogo social necessário e possível e sobre as formas de participação democrática das pessoas atingidas nos processos decisórios de políticas públicas de reparação e compensação ambiental, em coerência com o tema do 7º Congresso da SIE. Reconstituímos o contexto do desastre – 272 vidas perdidas, rios contaminados, comunidades destruídas? – e lembramos que essa ocorrência se inscreve em uma sequência de crimes ambientais em Minas Gerais, como o rompimento em Mariana, em 2015. Diante da gravidade do fato, o Governo do Estado instituiu, no dia seguinte ao rompimento da barragem do córrego do feijão, o Comitê Gestor Pró Brumadinho, encarregado de coordenar as estratégias de enfrentamento e reparação. Passamos a integrar esse Comitê como Gestores Governamentais de Políticas Públicas, acompanhando desde o início das discussões até o começo da execução do Anexo I do Termo de Medidas de Reparação, entre 2019 e 2022. Nesse intervalo, participaram das negociações 144 projetos de políticas públicas, em 26 municípios atingidos, financiados por um acordo de 41 bilhões de reais, envolvendo geração de emprego e renda, fortalecimento de serviços públicos e atenção à saúde das populações expostas aos rejeitos. Embora o Estado anunciasse “participação informada” na priorização dos projetos, nossa experiência revelou um desenho predominantemente “top-down”, com baixa incidência efetiva da voz dos atingidos na definição das prioridades e das soluções. Esse descompasso converteu-se em incômodo ético e intelectual: se as comunidades trabalhadoras e vulneráveis são as mais afetadas pelos crimes ambientais, como aceitar que sua participação permaneça periférica nas decisões sobre reparação e reconstrução dos territórios? Inspirados na abordagem ergológica, passamos a interpretar muitos desses projetos como produtos de extraterritorialidade – saberes em desaderência, produzidos à distância da experiência dos atingidos e fortemente ancorados em agendas jurídicas, políticas e financeiras do Estado e da empresa. A ergologia, com a qual já vínhamos trabalhando em pesquisas anteriores sobre atividade de trabalho, tornou-se então nossa lente principal para compreender o que estava em jogo. Ela nos ajudou a reconhecer, no cotidiano do Comitê, as dramáticas de uso de si dos atingidos e dos próprios gestores, bem como as tensões entre o capital, a



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



agenda político-jurídica e os saberes de experiência dos atingidos. Mobilizamos conceitos como saberes em aderência e em desaderência, extraterritorialidade, espaço tripolar e debate de normas para analisar como, no processo de negociação, se confrontam o polo das normas jurídico-técnicas e dos interesses econômicos, o polo das politéias (valores de bem comum, direitos dos atingidos, memória coletiva) e o polo das gestões (dispositivos administrativos que buscam enquadrar o real em projetos, prazos e indicadores). Metodologicamente, assumimos o relato de experiência como forma de produção de conhecimento situada, na qual falamos a partir de nossa própria atividade de gestão e dos deslocamentos que ela nos impôs. Não pretendemos oferecer um modelo ideal de reparação, mas explicitar, com o auxílio da démarche ergológica, os limites de um diálogo social organizado de cima para baixo e os deslocamentos possíveis quando tomamos o ponto de vista dos sujeitos em atividade – trabalhadores, moradores, atingidos – como eixo das arbitragens. Ao evidenciar os conflitos de normas e as renormalizações que atravessam a (re)construção da vida coletiva em territórios atingidos por crimes ambientais, buscamos contribuir para repensar os dispositivos de tomada de decisão e de participação em políticas de reparação, recolocando a pergunta: Quais formas de diálogo social e quais configurações normativas são necessárias para que a reparação não seja apenas no sentido de uma gestão técnica de danos, mas como um processo efetivamente democrático de (re)invenção do trabalho, dos territórios e da vida individual e coletiva a partir de saberes que perpassam tais contextos?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



RETOUR D'EXPERIENCE SUR LA PLACE DU DIALOGUE DES SAVOIRS DANS LES PROJETS DE CONCEPTION ET PERSPECTIVES.

Laurence BELLIES, Ergonome

Entreprise Airbus et ex-Professeure associée Aix-Marseille Université

Mots-clés: Industrie, Point de vue de l'activité, Dialogue des savoirs, Intervention en co-conception industrielle

Contact: laurence.bellies@wanadoo.fr

Pour donner suite à un article publié en octobre 2024 dans la revue @ctivité sur les ressources et les limites de l'intervention ergonomique en conception pour interroger la prescription (Bellies, 2024), nous proposons à travers ce projet de communication de préciser la place du dialogue des savoirs investis et institués dans les dispositifs de conception. Après quelques rappels sur les notions de conception (Bellies, 2021), nous chercherons à caractériser le contexte industriel dans lequel nous nous situons, car ce dernier a beaucoup évolué sur ces trente dernières années avec l'introduction notamment de nouvelles technologies de digitalisation. Se pose alors la question du dialogue des savoirs dans le cadre de ces projets de conception. Notre parti-pris militant nous amène à faire l'hypothèse que dans toute situation de travail de conception, le point de vue de l'activité humaine [qui contribue du point de vue du travail] (Durrafourg, 1995) est essentiel pour « usiner des réserves d'alternatives » (Schwartz, Durrive, 2009) et « construire un espace physique et organisationnel » (Heddad, 2017) susceptibles de répondre aux enjeux de santé des salariés et de performance de l'entreprise. Notre interrogation réside dans le fait que cela ne va pas de soi pour tous, et qu'il faut souvent innover dans le champ de la conception industrielle pour réinvestir l'activité réelle de travail dans les échanges au sein des équipes de conception dont le résultat des négociations façonne le travail de demain. Concernant la pratique du métier d'ergonome-ergologue, nous faisons l'hypothèse que les ergonomes-ergologues peuvent contribuer à l'atteinte de ces enjeux selon le dispositif d'intervention qu'ils élaborent, et notamment selon les modalités de dialogue mises en place. Dès lors qu'il s'agit d'un dispositif dynamique à trois pôles, nous chercherons à préciser quelles en sont les productions et pour quelle utilité sociale. Afin d'argumenter ces deux hypothèses, nous allons nous appuyer sur une relecture d'exemples de projets de conception accompagnés par une démarche ergonomique dans une entreprise du secteur aéronautique. Ces projets sont somme toute assez classiques en conduite de projets industriels, mais à temps long et avec un degré de complexité s'intensifiant au cours du temps. Il sera alors intéressant de réfléchir à l'efficacité, la durabilité et la robustesse des dispositifs de dialogue mis en place. Faut-il imaginer de nouveaux dispositifs de dialogue pour répondre aux transformations technologiques et sociales actuelles ? Puis nous discuterons des limites et perspectives du dialogue des savoirs en entreprise de manière plus générale et leurs marges de progression pour contribuer à la performance globale de l'entreprise et à la santé, sécurité des personnes.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Références bibliographiques :

Belliès, L. (2024). Ressources et limites de l'intervention ergonomique en conception pour interroger la prescription, @ctivités, 21-2, 2024. Belliès, L. (2021). Le point de vue du travail et les ressources du patrimoine industriel pour penser la conception, l'innovation et le développement, 5ème Congrès international de la SIE, Porto.

Durrafourg, J., (1995), Unicité de positionnement, diversité des pratiques, Communication présentée aux Journées de Bordeaux sur la pratique de l'ergonomie.

Heddad, N., (2017), L'espace de l'activité : une construction conjointe de l'activité et de l'espace, Le travail humain 2017/2 (Vol.80), p 207-233. Schwartz, Y & Durrive, L. (2009), L'activité en dialogues, Entretiens sur l'activité (II), Toulouse : Octarès éditions, 267p.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



O USO DE SI E AS PERCEPÇÕES DE POLICIAIS CIVIS LGBTQIAPN+ SOBRE SEU COTIDIANO DE TRABALHO NUMA PERSPECTIVA ERGOLOGICA

José Carlos Santana. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública e Cidadania. Advogado. Investigador da Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG). Sirley Aparecida Araújo Dias. Doutora em Educação (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública e Cidadania da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais

Mots-clés: Atividade Policial; População LGBTQIAPN+; Segurança Pública, Uso de Si

Contact: sirleyaraujo@uol.com.br

O respeito à orientação sexual e a identidade de gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa que assim se percebe ou se reconhece, sendo, portanto, cruciais para a construção de uma sociedade justa e democrática. Esses direitos e garantias são normativamente assegurados na Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988 (CF/1988), no entanto, ainda carecem de uma efetiva aplicabilidade, de certo modo, a tímida efetividade dificulta o exercício da cidadania para todos os cidadãos. Em termos legais, o Brasil é um dos países mais avançados em relação aos Direitos Fundamentais (Art. 5º a 17) que garantem direitos individuais, coletivos e sociais, como educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança e previdência. A CF/1988 possuiu uma robusta abordagem humana e social; trata-se de um país democrático e avançado nas questões raciais, sexuais e de gênero; pois ratifica, praticamente, todos os tratados que versam sobre Direitos Humanos. No entanto, essa sociedade violenta mulheres, discrimina pretos, pardos e, pouco tolera a população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e + para outras identidades). A violência no Brasil, não tem só raça, etnia, geração e classe social, mas também sexo e gênero (Almeida, 2019). De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2025, houve uma redução numérica dos assassinatos de pessoas trans, mas essa redução não necessariamente significa melhora. Desde 2021, o Brasil figura em 1º lugar mundial em número de homicídios motivados por homofobia e intolerância sexual. A Polícia Civil de Minas Gerais (PCMG), é um dos órgãos da Segurança Pública responsáveis e garantidores dos direitos sociais. Conforme a Lei Orgânica nº 129/2013, é seu dever atuar na promoção da cidadania, da dignidade humana e dos direitos fundamentais, bem como na proteção da incolumidade das pessoas e do patrimônio. Entretanto, os padrões hegemônicos das Instituições Policiais, parecem refletir os valores da classe dominante, moldando a relação entre a polícia e a sociedade. Isso inclui a imposição de normas morais, a organização dessas instituições e a forma como se lida com o conflito, refletindo em sua formação e no relacionamento com a sociedade. Masculinidade, virilidade e heteronormatividade associados à função policial em instituições como a PCMG, podem se configurar como barreiras encontradas para o exercício da atividade policial. O campo da Segurança Pública brasileira é marcado por



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



forte presença de discursos normativos relacionados a gênero e sexualidade (Soares, 2000; Muniz, 1999). Acreditamos que, em especial, os policiais civis que se incluem na população LGBTQIAPN+ podem vivenciar diversos conflitos para lidar com esse ambiente de trabalho. Nesse contexto delineado, essa pesquisa tem como objetivo geral identificar as percepções dos servidores LGBTQIAPN+ sobre os desafios existentes no ambiente de trabalho policial à luz da ergologia, notadamente a noção do “Uso de si”. Schwartz (2000) argumenta que todo trabalho implica numa articulação do “Uso de si” e o “Corpo-si”. Dessa forma, a pesquisa em curso, não se restringe ao plano das normas e discursos, mas adentra o terreno das experiências de vidas e do modo como os policiais civis que se incluem na população LGBTQIAPN+ resistem, renormalizam e transformam suas condições do labor diário. Toda atividade laborativa é sempre um debate de normas, o trabalho real dificilmente se amolda ao determinado, gerando lacunas e contradições que exigem que o trabalhador tome decisões, faça escolhas e, muitas vezes, “reformule” as normas de acordo com cada caso concreto. Assim, considera-se o trabalhador um sujeito ativo e dotado de competências, os servidores não são meros executores passivos, mas sim sujeitos que pensam, sentem, aprendem e desenvolvem saberes práticos na atividade, estimulando sua inteligência e sua subjetividade (Schwartz, 2016). Do ponto de vista metodológico, contamos com a pesquisa bibliográfica, documental e o método “bola de neve” (snowball sampling), considerado mais viável quando a análise de estudo é composta por grupos de difícil acesso ou quando o estudo busca investigar assuntos extremamente delicados e privados (Minayo, 2001). Um dos autores dessa pesquisa é servidor da segurança pública, portanto tem acesso ao campo e já iniciou os contatos junto a um colega que, além de ser autodeclarado, é também militante da população LGBTQIAPN+. Do ponto de vista ético, informamos que essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UEMG e se encontra em fase final de liberação e será incorporado ao relatório final. Acreditamos que a discussão proposta nessa pesquisa tem aderência ao Simpósio Internacional de Ergologia que se interroga sobre o diálogo entre o homem e seu trabalho.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A CONSTRUÇÃO DE SABERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS ENTRE TRABALHADORES/AS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: ENTRE A NORMA E A RENORMATIZAÇÃO NA GESTÃO DE DESASTRES NO SUAS/RS

Maria Clara Bueno Fischer - Professora; Tassiane Lemos Pacheco - Doutoranda em Educação

Programa de Pós Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGEDU/UFRGS

Mots-clés: Trabalho; Desastres; Ergologia; SUAS; Educação Permanente.

Contact: tassianepacheco2013@gmail.com

A intensificação dos desastres socioambientais tem aprofundado desigualdades sociais, produzindo deslocamentos forçados e sobrecarregando infraestruturas públicas, atingindo de forma mais intensa populações vulnerabilizadas. As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul evidenciaram esses impactos ao afetar mais de 500 mil pessoas e tensionar as políticas sociais. Nesse contexto, o Sistema Único de Assistência Social - SUAS assumiu papel central na resposta aos efeitos sociais do desastre. Fundamentada nas interlocuções entre materialismo histórico-dialético (Marx, 2013; Gramsci, 2024) e na ergologia (Schwartz, 2000; Durrive, 2011), a pesquisa analisa o trabalho como atividade viva e situada, marcada pela tensão entre normas institucionais e situações de trabalho concretas. Investiga ainda, processos de renormatização produzidos por trabalhadores(as) do SUAS de três municípios atingidos pelas enchentes, identificando saberes mobilizados e criados no processo de produção de reservas de alternativas construídas para viabilizar a proteção social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e formativa, que articula análise documental e Encontros sobre o Trabalho com trabalhadores(as) do SUAS. Resultados preliminares indicam intensificação do trabalho, ampliação de jornadas, acúmulo de funções e aumento da distância entre normas e realidade do trabalho, agravada pela destruição de unidade de atendimento público e pela insuficiência de recursos financeiros num contexto em que emergem desgaste físico e mental e sensação de desproteção institucional. Em resposta, os(as) trabalhadores(as) reorganizam fluxos de atuação, redefinem prioridades e constroem estratégias, mobilizando e criando saberes técnicos-ético-políticos como manifestação de sua atividade de trabalho na luta pela vida individual e coletiva. Conclui-se que os desastres intensificam contradições estruturais do trabalho no SUAS, mas também evidenciam a potência do trabalho vivo. As renormatizações produzidas garantem a continuidade da proteção social e apontam para a necessidade de fortalecer a Educação Permanente e estratégias territorializadas frente à recorrência de desastres socioambientais.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



READAPTAÇÃO FUNCIONAL NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE: SAÚDE E TRABALHO EM PERSPECTIVA.

Gleice Aparecida Santos Silva; professora ; Daisy Moreira Cunha professora e pesquisadora e Gioconda Machado Campos professora

Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG

Mots-clés: Docentes; Readaptação; Ergologia.

Contact: sgleiceaparecida@gmail.com

A readaptação funcional, que tratamos nesta comunicação, diz respeito a servidores públicos, particularmente professores, que são reconhecidos como incapazes de exercer suas funções precípuas devido a problemas de saúde e que retomam suas atividades profissionais, temporária ou permanentemente, em cargos diferentes daqueles para os quais foram concursados. Pretendemos compreender o funcionamento dessa conduta por meio da análise de documentos administrativos e legais, literatura científica, dados quantitativos e entrevista com uma professora do ensino fundamental nessa condição na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH), Brasil. Este texto integra uma pesquisa de doutoramento em andamento cujo título é Dramas do uso de si no contexto de readaptação funcional: Saúde, Vida e Trabalho docente na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Nosso objetivo geral de pesquisa é compreender os usos dramáticos de si, que serão aprofundados no relato de uma professora por meio de sua história de vida. Nesta comunicação, entretanto, focaremos na análise dos dados relativos à readaptação funcional da RME-BH, no biênio de 2023-2024. O objetivo é articular informações sobre faixa etária, sexo, raça, cargo e disciplina ministrada e diagnóstico que motivou a readaptação, correlacionando-as com as doenças prevalentes que justificaram tal condição profissional. O estudo dos dados delineou uma prevalência da readaptação funcional na RME-BH: são mulheres que se autodeclararam brancas e pardas, com idade entre 40 a 59 anos, que possuem de 11 a 20 anos de tempo de serviço. Do ponto de vista do vínculo profissional, são professoras do segmento anos iniciais e da educação infantil. Entre as docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os diagnósticos que justificaram a readaptação funcional estão, em sua maioria, relacionados a doenças ligadas aos transtornos mentais e comportamentais orgânicos. Os diagnósticos de doenças relacionadas ao sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo são os mais frequentes entre as professoras da Educação Infantil. Sabemos que muitas professoras podem adoecer no ambiente escolar, devido ao esforço físico, seja carregar uma criança ou carregar muitos cadernos, o que gera doenças como dor lombar baixa, artrite reumatóide e outras. Existem também os fatores sociais que impactam o cotidiano da escola, tais como a violência, os abusos, a indisciplina e outros que podem provocar o desenvolvimento de patologias como esquizofrenia paranóide e transtornos por uso de múltiplas drogas. O processo de readaptação funcional convoca diálogos permanentes com várias interfaces: as professoras adoecidas precisam enfrentar dispositivos administrativo, jurídico e médico, marcados por relações assimétricas, preconceitos e estigmas por parte dos gestores, médicos, familiares e pares, que enquadram sua condição profissional com impactos na sua condição de vida. É possível constatar pelos



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



estudos que a forma como a questão é gerenciada pelos sistemas médico, jurídico e administrativo revela sua inadequação no que se refere ao atendimento de problemas de saúde. A partir de estudos realizados constatou-se a dificuldade que os docentes readaptados encontram ao relatar seus sintomas para o médico. Em relação a isso, compreendemos que o médico não escuta o paciente e desconsidera a relação entre saúde e trabalho. Além disso, o percurso pelos dispositivos compromete o estatuto profissional dos professores, não garante apoio durante o processo de readaptação e pode agravar sua saúde física e mental. Sabemos que esta situação requer resiliência, criatividade e capacidade de fazer uso de si por si mesmo por parte dos sujeitos readaptados criando novas normas e condições de vida. A readaptação funcional envolve renormatizações expressas em novas aprendizagens, novas atitudes, diferentes conhecimentos que propiciam novos sentidos para sua vida e profissão. Ao pensarmos sobre a condição docente no interior do processo de readaptação funcional somos levados a interrogar a relação saúde, trabalho e adoecimento expressas no pensamento Canguilhemiano de normatividade vital e que entrelaça com o pensamento de Schwartz: todo ambiente de trabalho possui normas, regras, constrangimentos, prescrições e normas antecedentes, no qual os trabalhadores lidam com esses elementos, todos os dias, para impor suas próprias normas, para conseguir transformar seu ambiente de trabalho no seu mundo vivível e preservar sua saúde. Desse modo, pretendemos com este estudo propor articulações com os diversos agentes que estão em torno da questão do adoecimento; estabelecer diálogos mais igualitários e intentar políticas públicas para essa problemática que visem com que a readaptação funcional proporcione saúde e bem-estar para os professores.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



O CORPO-SI NAS PRATICAS PEDAGOGICAS COM BEBES NO BRASIL

Magali Reis - Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas Belo Horizonte Minas Gerais Brasil; Maria das Graças Oliveira - Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil (mariaeduc2013@gmail.com); Kimberlly Saiwry Nunes Pereira - Mestre em Educação - Universidade Federal de Campina Grande, Orientadora Educacional - Município de Gurjão Paraíba - Brasil (kimmunes22@gmail.com)

PUC Minas, Universidade Federal de Campina Grande, Prefeitura Municipal de Gurjão

Mots-clés: Corpo-si. Educação infantil. Ergologia. Trabalho docente. Performance corporal.

Contact: magali.reis33@gmail.com

Esta pesquisa analisa o trabalho docente na educação infantil brasileira, com foco nas práticas desenvolvidas em creches públicas de Belo Horizonte (MG) e Campina Grande (PB). A investigação centra-se na noção de “performance corporal” da professora que atua com bebês, compreendendo o corpo não como mero instrumento biológico ou técnico, mas como espaço de experiência, produção de sentido, decisão ética e mediação pedagógica. O estudo articula contribuições teóricas de Karl Marx e Michel Foucault à Ergologia, especialmente a partir do conceito de corpo-si, formulado por Yves Schwartz, para problematizar o trabalho docente como atividade viva, situada e atravessada por relações de poder, normas institucionais e processos de criação cotidiana. A partir da perspectiva marxista, o trabalho é entendido como dimensão fundante da humanização, mas também como espaço de alienação quando submetido a lógicas produtivistas e de controle. No contexto da educação infantil, essa alienação manifesta-se na desvalorização simbólica do trabalho com bebês, frequentemente reduzido a tarefas de cuidado consideradas “naturais” ou instintivas, invisibilizando os saberes corporais, afetivos e experienciais das professoras. A perspectiva foucaultiana contribui para compreender como as instituições educativas operam como dispositivos disciplinares que normatizam corpos e subjetividades, tanto das docentes quanto das crianças. A creche organiza tempos, espaços e rotinas, produzindo formas específicas de corporalidade e de regulação afetiva, alinhadas a discursos científicos e pedagógicos que definem o que é um bebê “bem desenvolvido” e uma prática considerada adequada. Nesse cenário, a Ergologia emerge como referencial crítico capaz de deslocar o foco das prescrições normativas para a atividade real de trabalho. Diferentemente da ergonomia tradicional, que privilegia a adaptação técnica do trabalho às capacidades humanas, a ergologia busca compreender como os sujeitos renormatizam continuamente as regras institucionais diante das situações concretas. O conceito de corpo-si revela a dimensão integrada do agir humano, articulando corpo físico, história de vida, valores, emoções e saberes incorporados. Trata-se de um corpo implicado na atividade, que negocia constantemente entre normas prescritas e exigências do real. A pesquisa apresenta cenas etnográficas que ilustram a complexidade do trabalho docente com bebês. Em uma creche de Belo



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Horizonte, analisa-se uma situação em que a professora, sentada ao chão, interage simultaneamente com uma bebê e uma criança maior que a abraça inesperadamente. A partir de movimentos improvisados — transformando o próprio corpo em gangorra e, depois, em balanço — a docente garante segurança, afeto e aprendizagem. Essa performance corporal evidencia decisões micropolíticas tomadas em tempo real, nas quais o corpo atua como linguagem primordial e instrumento pedagógico central. O trabalho real ultrapassa as prescrições institucionais, exigindo ajustes posturais, cálculos instantâneos de risco e gestão simultânea de múltiplas demandas afetivas e físicas. Outra experiência analisada refere-se aos momentos de leitura literária em uma creche de Campina Grande, momento pedagógico em que três professoras compartilham a condução da atividade. A leitura envolve canto, dramatização, gestos e acolhimento corporal, demonstrando que a prática pedagógica com bebês é essencialmente relacional e performativa. O corpo docente move-se continuamente para sustentar vínculos, regular emoções e garantir participação. A atuação não se reduz à divisão técnica de tarefas, mas expressa uma integração sensível entre experiência, subjetividade e responsabilidade ética. O estudo evidencia que o trabalho com bebês é atravessado por uma dupla objetivação: os corpos infantis são regulados por expectativas normativas de desenvolvimento, enquanto os corpos das professoras, majoritariamente mulheres, são submetidos a padrões de neutralidade e contenção emocional. No entanto, a análise ergológica revela que, no cotidiano, há espaços de resistência e criação, nos quais o corpo si afirma-se como lugar de invenção pedagógica e produção de sentido. Assim, educar bebês constitui um trabalho de alta complexidade, que articula cuidado e educação de forma indissociável. Conclui-se que compreender a performance corporal da professora e a corporeidade dos bebês é fundamental para repensar a educação infantil como prática ética, política e relacional. Ao integrar Marx e Foucault à Ergologia, a pesquisa sustenta que o reconhecimento do trabalho vivo e da dignidade dos sujeitos envolvidos é condição essencial para uma educação emancipadora desde os primeiros anos de vida.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



DAS TRABALHADORAS COMO PRODUTORAS AOS PONTOS CEGOS DO DIALOGO SOCIAL NO BRASIL: O TRABALHO REALIZADO POR MULHERES NA ESCOLA, NA EMPRESA E NAS RUAS

Ariane Pereira Magalhães de Oliveira - Professora no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico / Danielle Fernanda Morais Pavan - Técnica em assuntos educacionais / Kaline Oliveira da Cunha Pessôa - Professora Universitária / Wanderson Ferreira Alves - Professor Universitário

Universidade Federal de Goiás

Mots-clés: Trabalho das mulheres; Migração; Trabalho docente; Psicologia das organizações; Atividade humana.

Contact: ariane_magalhaes@ufg.br

Este texto discute as relações que se constituem entre conhecimento e trabalho, problematizando, em especial, a complexidade do trabalho como experiência e as tarefas daqueles e daquelas que buscam conhecer e intervir nesse domínio. Talvez o maior revelador das contradições presentes nessa relação entre trabalho e conhecimento seja o caso do trabalho realizado por mulheres. Tal aspecto constitui eixo central da análise, cujo objetivo é examinar as condições de conhecimento sobre o trabalho de mulheres como experiência e suas implicações políticas e epistemológicas. Para tanto considerando, no ponto de partida, que as mulheres, em seus meios de trabalho e vida, assumem a condição de produtoras (Schwartz; Faïta, 1985) e que exercem suas atividades laborais em um quadro de coerções e clivagens no qual se conjugam a divisão do trabalho e a divisão sexual do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007). Vamos discutir o trabalho realizado por mulheres no âmbito do trabalho docente na educação infantil, no trabalho realizado pelas mulheres em empresas e o trabalho realizado por mulheres na condição de imigrante. Em cada caso, conforme a problemática comum que destacamos, vamos avançar alguns dados de pesquisas que estão em andamento. No trabalho das professoras da Educação Infantil, da rede Municipal de Goiânia-GO, nota-se que a proliferação de normas, registros e dispositivos avaliativos não garante, por si só, a existência de um diálogo efetivo sobre o trabalho como atividade, operando muitas vezes como um diálogo aparente que invisibiliza as dramáticas do uso de si implicadas no trabalho educativo. Nas reais interações, no agir docente nas unidades educacionais de educação infantil ocorrem desdobramentos diversos, tecidos pelas linguagens, emoções, valores e saberes em movimento. No entanto, percebe-se um tensionamento entre as prescrições que reforçam a necessidade de que essas professoras documentem suas práticas, registrem processos, tornando as aprendizagens das crianças e o cotidiano visíveis, mas pouco se pergunta acerca de suas experiências, seus saberes e valores investidos na atividade que realizam. Passa despercebido o fato de que “a atividade de trabalho no essencial não se vê” (Schwartz, 2011, p.134). A análise do trabalho das mulheres em empresas tem como pressuposto as lacunas quanto ao recorte de gênero, marcadas por desigualdades estruturais, pois, embora o trabalho realizado por mulheres esteja amplamente presente no contexto empresarial brasileiro, raramente é tratado como categoria analítica central nos estudos sobre diálogo e participação na gestão do



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



trabalho. Diante disso, propõe-se examinar como tais dispositivos de diálogo têm sido organizados e em que medida incorporam ou contornam o trabalho e os saberes das mulheres como atividade real. Como desdobramento, busca-se construir uma tipologia dos principais formatos de diálogo adotados na gestão do trabalho empresarial no Brasil, identificando seus modos de operação, seus efeitos sobre a visibilidade (ou o apagamento) do saber investido pelas trabalhadoras e as possibilidades de participação democrática das mulheres no trabalho. No caso das mulheres haitianas, as normatizações de acolhimento, permanência e trabalho pouco dialogam com as imigrantes, expondo-as a intensas dramáticas do uso de si, que mobilizam renormalizações no trabalho produtivo e em sua articulação com outras exigências da vida cotidiana. À margem dos espaços formais de negociação, essas mulheres fazem da linguagem um uso de si, por meio do qual negociam a sobrevivência, mobilizando valores e dinâmicas de solidariedade na própria atividade, em contextos marcados pela instabilidade. Nesse ponto, reafirma-se a necessidade de cooperação entre pesquisadores e as protagonistas destas atividades, tendo como pressuposto o olhar ergológico de “desconforto intelectual”, cientes da constatação de que nenhuma disciplina por si só é capaz de desvelar um fenômeno em sua totalidade. À luz da abordagem ergológica, argumenta-se que, em ambos os casos, o diálogo social revela limites democráticos ao ignorar o trabalho como atividade e ao desconsiderar a experiência de mulheres trabalhadoras como fonte legítima de saber.

Referências

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

SCHWARTZ, Yves; FAÏTA, Daniel (Dir). L'homme producteur: autour des mutations du travail et des savoirs. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A ATIVIDADE DIALÓGICA NO LABORATORIO DE MUDANÇA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS

Ana Yara Paulino - socióloga, doutoranda na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP); Rodolfo A.G. Vilela - professor sênior Departamento de Saúde Ambiental da FSP/USP

Projeto de pesquisa temático e colaborativo internacional ITAPAR - Innovation and transformation for prevention activity of professional risks, 2020-2025, coordenação CNAM, FSP/USP e UFSCar, apoio Fapesp

Mots-clés: Atividade dialógica; Laboratório de Mudança; Saúde do Trabalhador; Diálogo social

Contact: anayara@usp.br

O que é dialogar? Dialogar significa troca, argumento, convívio, busca de soluções para alguma situação que incomoda. Implica a linguagem, a comunicação, o que se diz, o que se oculta, implica alteridade. Quando surgiu “L’homme producteur”, que relatou as experiências do grupo formado por trabalhadores, sindicalistas e pesquisadores acadêmicos, alguma coisa surgiu diferente. A Ergologia surge como proposta pluridisciplinar para conhecer o trabalho, para transformar o trabalho, a partir da voz de quem trabalha. Nossa proposta é compartilhar, para pôr em diálogo no espaço do 7º Congresso da SIE, algumas experiências brasileiras inspiradas na abordagem do Laboratório de Mudança (LM), sistematizadas na coletânea “Aprendizagem expansiva para transformar a saúde e a segurança no trabalho”, que envolveu trabalhadores de diferentes sistemas de atividade, a partir de situações de adoecimento, sofrimento, engajamento e tentativas de solução frente aos problemas e contradições identificados. O LM foi desenvolvido por um grupo de acadêmicos do Center for Research on Activity, Development and Learning (CRADLE). Várias pesquisas de intervenção formativa foram desenvolvidas pelo grupo, em diversas organizações, atividades e países (Virkkunen e Newnham, 2015). Os princípios do LM baseiam-se na Teoria da Atividade Histórico-Cultural (TAHC), de Vigotski e Leontiev, e na Teoria da Aprendizagem Expansiva de Engeström (2016). Todos têm por referência Marx e Engels e a Teoria do Materialismo Histórico e Dialético, que acompanha a transformação das formas históricas, produto dos embates das contradições do modo de produção capitalista. A coletânea citada (Mininel et al., 2026, no prelo) relata os estudos realizados durante o projeto temático e colaborativo “Inovação e transformação para atividade de prevenção de riscos profissionais – ITAPAR”, coordenado por professores da FSP/USP, UFSCar e CNAM, durante os anos de 2022 a 2025. Foram registradas experiências de pesquisa de intervenção formativa através de atividade dialógica com sujeitos trabalhadores da agricultura familiar, polícia militar, agentes de combate a endemias, profissionais do serviço de saúde de atenção a referência a álcool e drogas, do serviço de vigilância dos agravos à saúde do trabalhador, agentes da socioeducação de adolescentes em conflito com a lei, petroleiros e gerências médias na organização do trabalho hospitalar. Como a realidade brasileira difere bastante cultural, social e economicamente das sociedades do Norte, foi preciso adaptar, a cada caso, as etapas e os procedimentos do LM. Nesse



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



sentido, as reflexões de Paulo Freire sempre nos são muito importantes (1969). A atividade dialógica no LM ultrapassa a conversa, a oralidade, os silêncios, as hesitações. Ela trama no registro, na escrita e na sua leitura futura. “Leitura” aqui entendida muito além, inclusive no que ficou ou vai reaparecer de aprendizagem nos sujeitos e que não é e não pode ser identificado durante a análise e no desenvolvimento das sessões do LM. Note-se também que não há previsão do resultado de um LM, pois o trabalho é vivo, é atualizado pelo sujeito a cada momento. Assim como salienta Schwartz (1988, p. 835): “Comme plus haut nous disions: le travail vivant est vivant, cette nécessaire humilité du concept nous fait dire ici: la dialectique est dialectique”. Também há experiências que terminam em um pretense “diálogo”, ou mesmo em um não-diálogo, quando algum sujeito cessa, se exclui ou é excluído. Essas manifestações são comuns quando os sujeitos da gestão do mundo corporativo comparecem ou são chamados a comparecer. Embora a OIT, em seu Social Dialogue Report 2024 refaça esse apelo de participação ao diálogo social desde o lançamento do Trabalho Decente em 1999, ainda as empresas somente participam até determinado ponto, pois as contradições primárias do capitalismo não o permitem. Importante notar que as normas da gestão empresarial cada vez mais estão presentes nas organizações públicas. Enfim, a proposta dessa comunicação é aprofundar a atividade dialógica possível nas intervenções formativas baseadas na metodologia do LM e abrir diálogo com outras abordagens que somente podem enriquecer e fortalecer o objetivo maior que compartilhamos: o diálogo como base para a transformação da atividade, para a ampliação dos espaços democráticos, para o bem-viver e para a proteção da vida dos que trabalham.

Referência

MININEL, V. A. et al. Aprendizagem expansiva para transformar a saúde e a segurança no trabalho. São Paulo: Fapesp; São Carlos, SP: EDUFSCar, 2026. (no prelo).



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



CONTRATOS DE COMUNICAÇÃO NA ATIVIDADE DE TRABALHO DE EMPREGADOS TERCEIRIZADOS EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO

Julia Caroline Goulart Blank, doutora em linguística e jornalista do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, e Ernani Cesar de Freitas, Doutor em Linguística e Professor da Universidade Federal do Rio Grande

Instituto Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande

Mots-clés: Ergologia; Terceirização; Atividade de trabalho; Semiolinguística; Instituições públicas de ensino

Contact: julia.blank@ibiruba.ifrs.edu.br

Este trabalho analisa a atividade de trabalho de empregados terceirizados que atuam em instituições públicas de ensino, a partir de um diálogo teórico- metodológico entre a ergologia, com base nos estudos de Schwartz e Durrive (2010, 2015), e a análise do discurso de orientação semiolinguística proposta por Charaudeau (2016, 2017, 2018, 2020). A pesquisa parte do questionamento central colocado pelo sétimo congresso da SIE Ergologia, ao interrogar se as dificuldades e os limites do diálogo sobre o trabalho como atividade decorrem da ambiguidade estrutural de interações entre atores cujos interesses, responsabilidades e poderes são profundamente desiguais e frequentemente atravessados por conflitos. No contexto da terceirização no setor público educacional, observa-se que os dispositivos institucionais de diálogo social tendem a privilegiar normas antecedentes em detrimento da atividade de trabalho real. Essa configuração contribui para a invisibilização dos debates de normas mobilizados cotidianamente pelos trabalhadores terceirizados, impactando no reconhecimento e sentimento de pertencimento (Atayde, 2022; De Mello, 2022; Silveira et al., 2022). Todavia, cada espaço de diálogo aberto com esses trabalhadores fornece conquistas parciais no campo de resistência simbólica (Druck; Franco, 2008), permitindo que suas vozes sejam ouvidas por aqueles que operam as normas. Considerando a perspectiva ergológica, a atividade de trabalho é um processo vivo de renormalizações (Schwartz, 2011), no qual os sujeitos fazem uso de si por si e pelos outros, o que implica negociar permanentemente normas prescritas e exigências concretas da situação de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). Nesse sentido, são analisadas as potencialidades do Dispositivo Dinâmico a Três Polos (Durrive, 2019) como formas de ampliar o diálogo sobre a atividade ao articular saberes acadêmicos, saberes organizacionais e saberes da experiência dos trabalhadores terceirizados. A análise do discurso semiolinguística (Charaudeau, 2016, 2017, 2018, 2020), em interface com a perspectiva ergológica, permite compreender como os contratos de comunicação instituídos nas organizações públicas moldam as representações de sujeito atribuídas aos trabalhadores terceirizados, bem como os processos discursivos de nomeação, legitimação e responsabilização do trabalho. Os resultados preliminares indicam que os discursos institucionais tendem a enrijecer e limitar a atividade desses trabalhadores ao mesmo tempo em que relativizam a precarização. Questões estruturais são deslocadas para o plano individual e, desse modo, as condições concretas de realização da atividade são deturpadas. O estudo considera



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ainda as normas prescritas envolvidas no enquadramento jurídico da terceirização no setor público, os níveis institucionais em que os diálogos se desenvolvem e a sua efetividade. Conclui-se que o fortalecimento de formas de diálogo centradas na atividade constitui um eixo estratégico para ampliar o reconhecimento do trabalho terceirizado e para questionar, ainda que parcialmente, as dinâmicas contemporâneas de exploração do trabalho no serviço público.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



DEMOCRACIA NO TRABALHO: ENTRE A POSSIBILIDADE DE FALAS E A PRODUÇÃO DE NORMAS

Luciana Gomes (FOC), Chercheur en Santé Publique

Fondation Oswaldo Cruz

Mots-clés: diálogo social; assimetria de poder; democracia no trabalho; ambigüidade

Contact: lugomes@gmail.com

A presente comunicação propõe refletir sobre a problemática da noção de diálogo no ambiente de trabalho, a partir da minha experiência ao longo dos últimos 26 anos com pesquisa-ação no campo da Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora no Brasil, tendo a perspectiva ergológica como importante contribuição teórica e metodológica. Vale ressaltar que o campo tem nas suas bases a herança do Movimento Operário Italiano de luta pela saúde. Sobretudo, no que diz respeito a valorização do protagonismo do trabalhador e da trabalhadora para analisar a relação entre saúde e trabalho, através do diálogo entre os diferentes saberes. E posteriormente, incorpora também contribuições da Ergologia e de Paulo Freire, que se alinham sobre esses aspectos. É indubitável a importância do diálogo e da circulação de diferentes saberes em dispositivos como, os grupos de encontro sobre o trabalho, para a produção de conhecimento sobre a atividade, destacando o potencial de formar para a ação, assim como para a construção do bem comum no local de trabalho. Contudo, a riqueza das reflexões e do conhecimento produzido a partir da atividade, quando permanece circunscrita somente entre trabalhadores, sindicalistas e acadêmicos não alcança as instâncias onde se define legitimamente o que deve valer como norma. A ausência no processo de um polo decisório, representado pelos gestores, impõe limites estruturais para que se consiga provocar efetivamente transformações positivas. Outro ponto que revela ainda mais essa ambigüidade estrutural marcada pela assimetria de poder diz respeito aos diferentes tipos de vínculos empregatícios. O diálogo social pode ser limitado de acordo com as condições materiais do trabalhador ou trabalhadora. No contexto atual com as perdas dos direitos trabalhistas, a expansão da precarização e a fragilização dos vínculos empregatícios, o que se observa é que a democracia nas relações de trabalho ainda é frágil e insuficiente. O diálogo, ainda que com suas limitações decorrentes de medo de retaliação, de punição, torna-se mais viável para aqueles que têm um vínculo estável, como no serviço público. Ou seja, o medo acaba funcionando como um regulador silencioso do que pode ser dito. A assimetria de poder manifesta-se de forma ainda mais incisiva nas relações que envolvem grupos que historicamente sofrem desigualdades de gênero/ sexualidade e/ou raça/etnia e que são sistematicamente discriminados, silenciados ou têm suas falas desconsideradas. Sem o enfrentamento dessas diferentes camadas de assimetria: estrutural-organizacional, material-contratual e histórico-social, a atividade quando colocada em debate não integra esses atravessamentos na produção de normas coletivas do trabalho, atravessadas pelas dramáticas dos usos de si com seus debates de normas e valores. No campo das negociações dos diálogos muitas vezes esses aspectos que estão presentes no trabalho real são ignorados, o que favorece a manutenção das estruturas de poder. Contribui para isso também o enfraquecimento dos



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

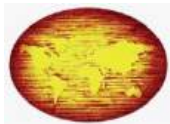
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



sindicatos, como um parceiro importante para fazer o tensionamento com a empresa, mas que está comprometido pela baixa adesão dos trabalhadores e a dificuldade de pautar valores sem dimensão, como a saúde, enquanto eixo prioritário para as discussões. O que prevalece, ainda que sejam legítimas e fundamentais, são as questões que envolvem remuneração. Nessa perspectiva, a ambiguidade do diálogo revela-se no fato de que ele pode coexistir com a manutenção das instâncias decisórias que definem unilateralmente os critérios de organização do trabalho. Ainda que se constitua como espaço de escuta e circulação de saberes, quando não incide sobre a produção normativa, o diálogo tende a permanecer no plano consultivo, sem alterar os parâmetros que orientam a gestão e a definição do que deve valer como norma. A possibilidade de fala, portanto, não se confunde com a capacidade efetiva de interferir na definição das regras que organizam a atividade. Nesse sentido, a democracia nas relações de trabalho não se esgota na abertura de espaços de diálogo, mas depende das condições concretas para que os debates sobre normas e valores, presentes nas dramáticas dos usos de si, possam produzir deslocamentos nas estruturas de poder e nas relações sociais.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



TRAVAIL ET PHILOSOPHIE: VERS UN MARXISME PERSISTANT - REFLEXION A PARTIR DU CAS MOZAMBICAÏN

Rufino Filipe Adriano

Universidade Sao Tomas de Moçambique

Mots-clés: Ergologie ; Philosophie ; Marxisme ; Histoire ; Travail.

Contact: rufino.adriano@ustm.ac.mz

La perception du travail comme facteur de transformation a historiquement émergé avec la révolution industrielle. Dès lors, le terme anglais « work » a commencé à associer l'activité à la production et, par conséquent, au profit et au bien-être des individus. En bref, ce sont les nouvelles logiques liées au travail et, souvent, au capitalisme, dans l'optique de l'évolution des conditions de vie, qui confèrent un sens nouveau au travail et à ses diverses formes. Cette intervention vise donc à partir des contributions de Karl Marx sur le travail et à examiner la persistance de ses approches dans le monde contemporain, que nous appelons « marxisme persistant ». En effet, historiquement, après l'indépendance du Mozambique, l'adoption du socialisme-marxisme a impliqué des perceptions et des adoptions d'idées sur le travail, selon des logiques à la fois exogènes et endogènes, et d'une influence considérable. Il est donc urgent de revisiter cette histoire, de paramétrer les pratiques de production du travail dans ce contexte historique précis, en croisant les aspects des politiques reçues et émergentes, les crises survenues et les leçons tirées de cette période, ainsi que les (dis)continuités essentielles apparues dans les théories et les pratiques du travail. Dans un second temps, cette réflexion met en lumière l'approche ergologique, de la philosophie à Yves Schwartz, qui suggère, concernant la notion de travail, la nécessité d'une compréhension permanente du concept d'«activité humaine», dans une perspective multidisciplinaire. Enfin, la réflexion présente des arguments en faveur de cette approche pour son application aux enjeux contemporains tels que le «développement» et la «culture du travail», resignifications qui s'inscrivent dans un «nouveau marxisme» exigeant de concevoir le travail comme un facteur de transformation à notre époque. Ce parcours devrait nous amener à conclure, d'une part, aux vicissitudes conceptuelles du travail au Mozambique et au long cheminement ambivalent de sa «politisation» ; La nécessité de reformuler les concepts de travail et de production... en fonction des dynamiques historico-économiques de l'Histoire ; et, enfin, la nécessité de comprendre le marxisme non comme une théorie dépassée, mais comme une théorie constamment reformulée grâce aux transformations du monde du travail.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A LUZ DA ERGOLOGIA: METODOLOGIAS ATIVAS E A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO

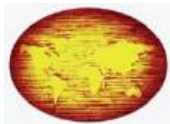
Mariana Veríssimo, Professeur PUC Minas- Jurandir Soares da Silva, Professeur UEMG-
Vanda Neves dos Santos, Étudiante UFSB

PUCMinas, UEMG, UFSB

Mots-clés: Ergologia; Atividade; Metodologias Ativas; Democracia; Trabalho

Contact: mverissimo@pucminas.br

As orientações que predominam no campo da formação de professores tem sido implementar metodologias ativas ou tecnologias inovadoras nas salas de aula. Contudo, para se entender o que se passa em sala de aula, não basta enfatizar as ferramentas e nesse sentido, considera-se relevantes as contribuições da ergologia. Com esse olhar, nesta pesquisa buscou-se desvendar como o/a docente lida, com a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real ou seja com as normas estabelecidas previamente e os desafios da sala de aula. Para SCHWARTZ (2000), a atividade docente não é apenas execução, mas um "uso de si", o que contribui para o desempenho da práxis pedagógica de cada docente, bem como o aprendizado de cada estudante. Este trabalho tem como objetivo estabelecer um diálogo entre a perspectiva ergológica e a pedagogia crítica, visando a compreender a escola como um espaço de trabalho e de formação democrática. A pesquisa buscou compreender a atuação docente nos períodos vigentes e subsequentes à COVID-19. Com a transição compulsória para o ensino remoto no ano de 2020, o cenário educacional sofreu transformações profundas, demandando reconfigurações urgentes nas dinâmicas de ensino e aprendizagem para enfrentar os impactos gerados pelo isolamento. A metodologia baseou-se na autoconfrontação simples e cruzada (Clot; Faïta), com filmagem de aulas, análises individuais e coletivas e mediação dos pesquisadores, promovendo reflexão crítica, troca de saberes e transformação da prática. Para preservar a identidade dos participantes, optou-se pelo uso de nomes fictícios na construção do presente trabalho. Uma das participantes receberá o nome de Margarida e o outro recebeu o nome de Cravo. Para a Ergologia, nenhum trabalho se limita à simples execução de tarefas, pois existe sempre uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real. A Ergologia diferencia o que é determinado antecipadamente (normas, regras e manuais) do que ocorre de fato durante a execução da tarefa; a atividade é sempre um "agir em competência" que transborda a prescrição. Portanto, todo trabalho ultrapassa a prescrição. Na docência, o planejamento não antecipa a complexidade da sala de aula, pois o/a professor/a mobiliza história, saberes e sensibilidade para lidar com a diversidade dos estudantes. O diagnóstico inicial e a escuta tornam-se instrumentos centrais para identificar defasagens, conhecimentos prévios e ajustar práticas pedagógicas. O trabalho docente é atravessado por valores sociais, políticos e institucionais, configurando-se como ação ética e coletiva. Renormatizar a prática implica fazer "usos de si" para responder às lacunas estruturais, acolher necessidades humanas e transformar o ensino em experiência de inclusão, justiça e dignidade. O cenário educacional brasileiro é marcado por mudanças tecnológicas, desigualdades estruturais



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



e fragilidades na formação continuada dos docentes. A Constituição de 1988 estabelece a gestão democrática e o padrão de qualidade como princípios da educação pública, defendendo participação social, acesso e permanência escolar e condições dignas de ensino. As metodologias ativas, nesse contexto, emergem como instrumentos de democratização da sala de aula, ao promoverem protagonismo discente, autonomia crítica e superação da educação bancária. Contudo, como indicam Moran e Freire, a educação, enquanto ato político, possui potência transformadora, mas não é capaz, isoladamente, de modificar estruturas sociais complexas. Os dados da pesquisa evidenciam que a prática docente ocorre em contextos de precariedade material, ruídos em sala de aulas, superlotação e exclusão digital, exigindo constante adaptação pedagógica. A experiência da professora Margarida revela que ensinar implica gerir recursos escassos, renormatizar práticas e responder às ausências do Estado. Assim, a eficácia do ensino não depende apenas de tecnologias ou metodologias, mas da capacidade crítica, ética e sensível do docente de transformar limites em possibilidades pedagógicas. A construção de uma educação democrática exige políticas públicas que articulem inovação, formação docente, infraestrutura e valorização profissional, garantindo que a transformação educacional seja um direito e não um privilégio. A análise apoiada na abordagem ergológica evidencia que o trabalho docente é espaço permanente de criação, resistência e transformação. Metodologias ativas e tecnologias são importantes, mas não suficientes: a verdadeira inovação reside na capacidade do/a docente de transformar limitações estruturais em oportunidades de diálogo e emancipação. A efetivação da gestão democrática e do padrão de qualidade exige políticas públicas que reconheçam a complexidade do trabalho docente desde a formação inicial, garantindo infraestrutura, valorização profissional e formação contínua. Somente assim a escola poderá consolidar-se como espaço vivo de justiça social, inclusão e direito humano à educação.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ERGOLOGIA, VALOR DO TRABALHO E RESPEITO AO TRABALHADOR NA PERSPECTIVA DE SAMORA MOISES MACHEL

Pastor Conjo, Professor (PhD)

Universidade São Tomas de Moçambique

Mots-clés: Ergologia; Trabalho; Samora Machel; Dignidade do trabalhador; Actividade humana.

Contact: pastorconjo007@gmail.com

O trabalho constitui uma dimensão fundamental da organização social e da construção da dignidade humana, desempenhando um papel determinante na estruturação das relações sociais, económicas e políticas nas diferentes sociedades. Ao longo da história, o trabalho tem sido compreendido não apenas como meio de produção material, mas também como um elemento central na formação da identidade individual e coletiva, bem como na afirmação da cidadania e da participação social. No contexto moçambicano, particularmente no período que se seguiu à conquista da independência nacional em 1975, o pensamento político de Samora Moisés Machel atribuiu ao trabalho um papel central na construção da nação e na formação de uma nova consciência social orientada para o desenvolvimento, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. Neste enquadramento, o presente a abordagem analisa o valor do trabalho e o respeito ao trabalhador na perspectiva de Samora Machel, procurando compreender de que forma o seu pensamento político e social contribuiu para a valorização do trabalho enquanto elemento estruturante da dignidade humana e da transformação social. Para tal, o estudo estabelece um diálogo analítico com os fundamentos teóricos da Ergologia, particularmente com as contribuições desenvolvidas por Yves Schwartz, cuja abordagem enfatiza a centralidade da atividade humana no trabalho e o reconhecimento dos saberes construídos a partir da experiência prática dos trabalhadores.

A pesquisa baseia-se numa abordagem qualitativa de natureza exploratória e interpretativa, sustentada por análise bibliográfica e documental de discursos políticos, textos institucionais e obras teóricas relacionadas com o estudo do trabalho. A análise privilegia categorias como o valor social do trabalho, a dignidade do trabalhador, a centralidade da atividade humana e a valorização dos saberes da experiência. Os resultados da investigação revelam a existência de convergências significativas entre a perspectiva ergológica e o pensamento de Samora Machel, sobretudo no reconhecimento do trabalhador como sujeito ativo da produção, na valorização da experiência prática no exercício da atividade laboral e na defesa do trabalho como fundamento da dignidade humana e da construção social. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar o diálogo entre teorias contemporâneas do trabalho e o pensamento político africano, evidenciando a atualidade das reflexões de Samora Machel para os debates sobre organização do trabalho, justiça social e valorização do trabalhador nas sociedades contemporâneas.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



MANAGER EN PHILOSOPHE : LA SKHOLE COMME CONDITION DU DIALOGUE SUR LE TRAVAIL

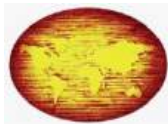
Ingrid DROMARD, directrice de services médico-sociaux

SANS

Mots-clés : Ergonomie, ergo-management, Groupes de Rencontres du travail, travail social, Dispositif Dynamique à 3 pôles

Contact : ingrid.dromard@gmail.com

Manager en philosophe suppose-t-il de faire de la philosophie un qualificatif destiné à rendre le management plus désirable dans un contexte de crise de l'autorité managériale ? Le management traditionnel repose sur une prétention : celle de détenir une vue d'ensemble permettant de légitimer l'unilatéralité de la décision, ce qui pourrait correspondre à la figure platonicienne du philosophe-roi supposé accéder à la vérité et gouverner au nom de celle-ci. La démarche ergologique invite à penser le management autrement, non comme une position de surplomb épistémique, mais comme une fonction d'ensembliser, chargée de faire tenir ensemble des logiques de travail hétérogènes traversées par de multiples débats de normes. Dans cette perspective, manager ne consiste pas à décider seul, mais à reconnaître l'opacité qui entoure toutes les activités de travail et donc à entendre ce qu'ont à dire les travailleurs. Cette reconnaissance ne supprime toutefois ni l'asymétrie de pouvoir, ni la relation de subordination. Le manager reste celui qui, in fine, arbitre, décide et assume une responsabilité légale et financière. Cependant, cette asymétrie décisionnelle est reconfigurée : elle ne repose pas sur la prétention à détenir unilatéralement la vérité sur le travail, mais sur la fonction de mise en discussion du travail qui devient alors pensable et discutable collectivement. Une telle posture ne constitue pas une méthode managériale parmi d'autres, mais une discipline philosophique qui guide l'action du manager. Elle requiert du temps pour penser (skholè, ce temps libéré de l'urgence productive où la pensée collective devient possible), de l'humilité (reconnaître que nul ne détient la vérité à lui seul) et la conviction que la compréhension du travail réel ne peut naître que de la confrontation des savoirs, c'est-à-dire de la démocratisation de la reconnaissance de leur commensurabilité épistémique. L'ergo-management, selon nous, refonde la légitimité de l'autorité managériale sur d'autres bases que la prétention à la toute-connaissance. En faisant coexister une symétrie épistémique et une asymétrie décisionnelle liée aux responsabilités hiérarchiques, l'ergo-manager tente précisément d'articuler ces deux plans. Une telle posture le place dans une situation d'inconfort intellectuel révélant une tension irréductible entre responsabilité hiérarchique et reconnaissance des renormalisations singulières. Dès lors, la question qui se pose est la suivante : au nom de quoi l'ergo-manager agit-il lorsqu'il décide ? Nous faisons l'hypothèse que cette décision, dans le champ d'expertise qui est le nôtre, à savoir l'économie sociale et solidaire, ne peut se fonder durablement que sur une responsabilité partagée : l'ergo-manager ne décide pas au nom de sa connaissance supérieure, mais au service de ce qui fait sens pour tous, quel que soit sa place dans l'organigramme : la qualité du travail, le service rendu, l'intérêt général. Dans le secteur médico-social, l'intérêt général trouve une résonance



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

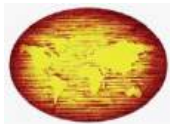
SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Groupe d'études
sur le travail
et la santé
au travail

particulière : si la qualité du travail (accompagner, soigner, soutenir) est une orientation en valeur forte, elle se heurte parfois aux logiques gestionnaires mues par d'autres valeurs (égalité de traitement, usage raisonné de l'argent public). Il s'agira dans cette communication de montrer, en nous appuyant sur des exemples concrets issus de notre expérience de directrice de services médico-sociaux, comment cette reconfiguration du rôle managérial se traduit concrètement. Nous présenterons tout d'abord les quatre principes qui caractérisent, selon-nous, l'ergo-management : l'institution de la skholè, la mise en place du Dispositif Dynamique à Trois pôles (dialogue des savoirs) pour garantir la symétrie de parole et la reconnaissance de la commensurabilité épistémique ; la traçabilité des débats pour rendre visible et partager les suites données ; et l'articulation des enjeux locaux et des contraintes institutionnelles (le travail comme monde commun à construire plutôt que comme affrontement d'intérêts). Nous montrerons ensuite que l'établissement de la skholè consiste à reconnaître que penser le travail fait partie du travail. Enfin, nous interrogerons les limites de cette reconfiguration : l'ergo-management peut-il se déployer au-delà du secteur médico-social ? Quelles transformations institutionnelles appelle-t-il ?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



LE DIALOGUE DANS UNE FORMATION, L'APPORT D'UN GRT

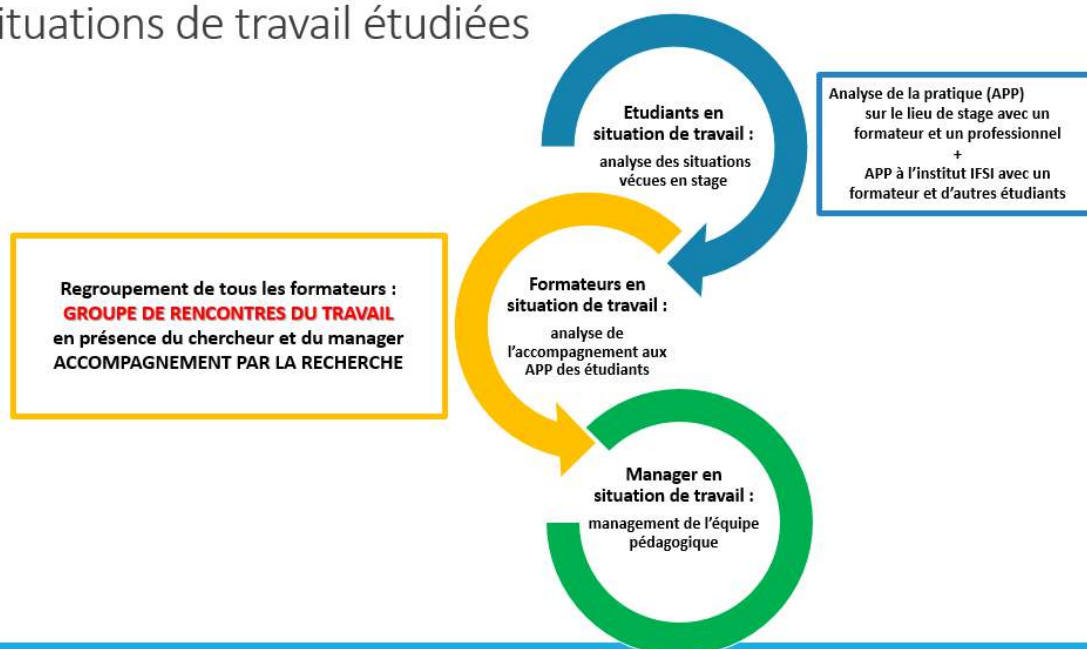
Jean-Luc DENNY maître de conférences, Lisec (Strasbourg) ; Laetitia DIETEMANN doctorante, Lisec (et IFSI de Saverne) ; Louis DURRIVE professeur émérite, Lisec (Strasbourg)

Mots-clés : Activité, Travail, Ergologie, Analyse des pratiques, Soins infirmiers.

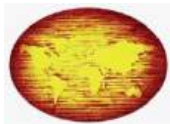
Contact: jldenny@unistra.fr

Notre contribution voudrait rendre compte d'une expérience récente d'un Groupe de Rencontres du Travail (GRT), dans le cadre d'une convention entre l'Institut de formation en soins infirmiers (IFSI) de Saverne dans le Bas-Rhin, et le laboratoire LISEC de l'université de Strasbourg dont nous sommes tous les trois membres. Le contexte est le suivant. En 2009, la réforme des soins infirmiers impose un nouveau référentiel par compétences visant le développement d'un praticien autonome, responsable et réflexif. Cela induit la nécessité d'un accompagnement au développement d'une posture réflexive chez l'apprenant. L'équipe de chercheurs du LISEC a été sollicitée pour une formation complémentaire des formateurs, intitulée : « *accompagnement à l'analyse de la pratique par la recherche* ». Voici le schéma qui montre l'emboîtement du GRT entre le suivi des étudiants et la direction de l'établissement.

Situations de travail étudiées



Le constat qui a provoqué la mise en place d'un GRT relève bien des **difficultés d'un dialogue sur le travail**. En effet, l'équipe de direction de l'IFSI s'interroge à un moment donné à propos du discours des formateurs en analyse de pratique (APP), en pointant des remarques telles que : « Les étudiants ont de mauvaises pratiques », ce qui signale une confusion chez ces formateurs entre l'analyse et l'évaluation des pratiques ; ou encore : « les temps d'analyse de la pratique sont pauvres, les étudiants ont du mal à s'engager dans la démarche », ce qui interroge sur le sens de ces temps de retour sur l'activité, un

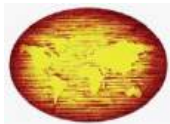


sens qui manifestement ne serait pas partagé par les ESI (étudiants en soins infirmiers) et par les formateurs. Pour retrouver une dynamique dans le dispositif APP, il a été décidé d'y adosser une dimension recherche : une entrée par l'activité identifiée comme levier permettant aux formateurs de développer leur professionnalité en partant de leur situation de travail. Le LISEC a été sollicité comme tiers dans la démarche, avec un GRT planifié sur trois années.

D'un point de vue méthodologique, 12 formateurs ont participé au dispositif, avec un cycle de trois rencontres annuelles. Les formateurs filmaient des séances d'APP avec leurs étudiants, puis le matériau recueilli faisait l'objet d'auto-confrontations simples et croisées, et de séances collectives qui ont constitué le GRT proprement dit. Dans le cadre de cet exposé, nous ne reviendrons pas sur l'ensemble de la recherche, nous voudrions seulement illustrer à travers ce GRT ce qui nous apparaît comme deux leviers d'animation d'un dialogue dans une organisation.

Un premier levier d'animation du dialogue en GRT : la notion d'adhérence.

Il s'agit de faire redécouvrir aux participants ce que nous appelons « l'adhérence », une approche du phénomène de l'agir au plus près de l'ici et maintenant. Pourquoi parler de « redécouverte » plutôt que de découverte ? Parce que les soignants ont longtemps été jugés comme trop immergés dans le présent de leurs situations professionnelles. On leur reprochait de manquer de recul et c'est ce diagnostic qui a provoqué la multiplication des groupes d'analyse de pratiques. Le dispositif APP, adossé aux théories de l'action, aborde la situation de travail en la conceptualisant. On y reconnaît des faits constitués en problèmes professionnels. On identifie aussi des **actions** avec un début et une fin, qui s'enchaînent pour répondre aux problèmes identifiés. On débat alors des « pratiques », c'est-à-dire des manières de s'y prendre pour résoudre les situations-problèmes. Or dans le cas dont nous parlons, c'est justement la démarche APP qui bloque, c'est le dialogue sur le travail qui n'arrive pas à trouver sa dynamique. Nous avons alors invité les participants au GRT à faire un détour par **l'activité** avant de revenir à une démarche APP et débattre des actes professionnels en tant que tels. Nous regardons la situation comme une expérience vécue et non encore découpée, non encore conceptualisée. Le protagoniste de la situation est tout entier plongé dans le milieu, avec lequel « il s'explique » comme dit Canguilhem. Autrement dit, notre seule hypothèse en abordant la situation de travail, c'est qu'il y a un débat de normes en cours, celui d'un corps-soi qui tente de se poser comme centre de la situation qu'il va devoir gérer. Le résultat a été atteint, comme nous le montrerons à travers un exemple dans notre exposé. Les participants en effet se plaçaient jusque-là uniquement sur le plan de la conceptualisation de l'action : « travailler, c'est penser ». Or avec la démarche ergologique, chacun a pu regarder la situation d'abord comme un moment à vivre, physiquement et psychiquement, dans sa relation avec les autres qui sont comme lui-même inscrits dans un espace donné et un temps donné. Autrement dit, « travailler, c'est penser, mais c'est aussi vivre ». On reprochait à ces soignants d'être trop collés à leur action présente, et avec le GRT ils ont appris à revenir à ce présent avec une posture nouvelle, en adhérence. Ils ne s'enferment pas dans leur présent, ils font désormais un va-et-vient avec la désadhérence, c'est-à-dire avec ce que le milieu leur demande. Ils vont alors pouvoir **entrer dans la dynamique d'un dialogue, argumenter** leur gestion de cet aller-retour : comment ils actualisent la norme et comment ils la personnalisent. Ils se voient alors dans l'exercice de leur normativité. L'adhérence est désormais abordée comme une expérience normative.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Un deuxième levier d'animation du dialogue en GRT : la circulation des savoirs.

En permettant aux professionnels du soin de revenir au présent de l'action, mais cette fois avec un regard différent sur leur propre expérience normative, le GRT a donné une nouvelle légitimité aux savoirs-valeurs dans leur dialogue avec les savoirs institutionnels. Dans l'exemple que nous développerons en atelier, nous verrons comment la question de départ a évolué en une double circulation des savoirs. Le débat était posé en ces termes : « comment changer un pansement au domicile du patient ». La formatrice F3 a présenté la situation de suivi d'une stagiaire qui était désarçonnée par la précarité du milieu familial au point d'être gênée dans le soin qu'elle devait effectuer. La formatrice reconnaissait qu'elle était elle-même déstabilisée par la situation et ne savait pas par quel bout la prendre en termes de recommandations.

Une première circulation des savoirs. Le groupe en GRT a appris à reconnaître l'activité comme un enchaînement de débats de normes. La stagiaire était donc, dans un premier temps, une personne qui vient avec son histoire personnelle, ses repères, et qui découvre la misère d'une famille au moment des soins à domicile. Elle est comme agressée par ce qu'elle voit, ce qu'elle entend, ce qu'elle sent comme odeurs. On est dans le « travailler, c'est vivre ». C'est ce qui amène le groupe à formuler et partager des savoirs d'expérience similaires et à envisager le traitement de ceux-ci par les savoirs de métier. Autrement dit : quelles recommandations professionnelles adresser à une débutante confrontée à la réalité du milieu social ? Le groupe a validé certains savoirs à retenir.

Une deuxième circulation des savoirs. La dynamique du dialogue est alors repartie vers l'adhérence, en questionnant cette fois-ci la place de professionnelle que la stagiaire était censée occuper. Dans quelle mesure doit-elle prendre en charge une situation d'ordre social ? La vraie question pour elle n'est-ce pas de savoir comment effectuer malgré tout son soin ? N'a-t-elle pas à porter toute son attention à sa relation avec le patient ? Le dialogue prend une autre tournure à partir du « travailler, c'est penser », ce qui signifie que la stagiaire doit tenir le rôle qu'on lui confie, revenir à l'essentiel du soin. Les recommandations professionnelles sont orientées cette fois sur le cœur de métier, en termes de savoirs à retenir.

Pour conclure, **le dialogue** a été riche en envisageant les deux écueils de l'exercice du soin à domicile. Pour le débutant, il ne s'agit ni d'être indifférent, ni de se noyer dans l'hypersensibilité au milieu, mais d'agir en compétence avec une juste bienveillance. Ce dialogue a retrouvé de l'épaisseur dans l'agir en situation en redécouvrant l'adhérence comme tension avec la désadhérence. Il s'agit de comprendre que ce n'est pas une approche lisse, faussement pacifiste, qui a permis de dégager une « circulation transformatrice des savoirs », mais une reconnaissance du caractère polémique de l'expérience sociale.

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

Clot, Y. (2016). La compétence en cours d'activité. In R. Wittorski (Ed.), La professionnalisation en formation : textes fondamentaux (pp. 159–168). Presses universitaires de Rouen et du Havre.

Durrive, L. (2013). Compétence et activité de travail : « l'art de gérer ses débats de normes » [Habilitation à diriger des recherches, Université de Strasbourg].



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Jonnaert, P. (2009). Compétences et socioconstructivisme. Paris : De Boeck.

Méliani V. (2013), « Choisir l'analyse par théorisation ancrée : Illustration des apports et des limites de la méthode », Recherches qualitatives, n°15, pp. 435-452.

Novic, M. (2010). Développement de compétences par la recherche. Recherche en Soins infirmiers. N° 102, (page 83-93).

Schwartz, Y. (2000). Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe. Octarès Editions.

Schwartz, Y. (2015). Ergonomie, philosophie et exterritorialité. Dans Daniellou, F. (Dir.). L'ergonomie en quête de ses principes : débats épistémologiques. Toulouse : Éditions Octarès.

Schwartz, Y. (2016). Les ingrédients de la compétence : un exercice nécessaire pour une question insoluble. In R. Wittorski (éd.), La professionnalisation en formation (pp. ...). Presses universitaires de Rouen et du Havre. <https://doi.org/10.4000/books.purh.1530>

Wittorski R. (2008), « La professionnalisation », Savoirs, 2 n° 17, pp. 9-36 <https://doi.org/10.3917/savo.017.0009>



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



LA RECHERCHE, NON PLUS “SUR” OU “PARMI”, MAIS AVEC LES TRAVAILLEURS ET TRAVAILLEUSES : VERS UNE RECHERCHE COOPERATIVE ?

Corentin Gombert, chercheur en Sciences de Gestion | Fadi Joseph Lahiani, psychologue du travail et des organisations

Agora D.O.D.E.S.

Mots-clés: Recherche Coopérative ; Travail ; Démocratie ; Recherche Collaborative ; Recherche-Action

Contact: corentin@agora-dodes.fr

De l'étude de cas au courant pragmatiste, la recherche collaborative s'est forgé une place au sein des sciences sociales. Pour étudier le travail à l'œuvre, ou l'œuvre du travailleur, la simple collecte de données par observation des acteurs agissants ne suffit plus. Il faut descendre dans l'atelier, changer de posture, se “mettre en position de” et dialoguer avec les acteurs, paier le temps d'une étude, compagnons d'établis le temps d'une enquête. C'est l'essence même de la recherche collaborative et de ses multiples déclinaisons : action science (Argyris), action research (Lewin), action inquiry (Torbert), recherche intervention (David; Hatchuel; Perez), recherche compréhensive (Allard-Poesi; Dumez). La recherche collaborative, bien qu'encore hétérodoxe, amène à réinterroger sans cesse la posture du chercheur, mais sans modifier son essence. Il ne s'agit pas de mesurer le temps de travail des ouvriers, ou d'observer l'impact des modulations de l'environnement sur ceux-ci mais bien d'intégrer le collectif de travail et participer à l'action en train de se faire (Linhart; Goodall). Par contre, le chercheur reste l'homme (ou la femme) qui cherche, et l'acteur l'homme (ou la femme) qui agit. Plus qu'une approche parmi d'autres, la recherche collaborative peut en outre être considérée comme un canon alternatif aux approches dominantes et jaugées au prisme de critères de valeur scientifique dont la participation des travailleurs et des travailleuses ou l'utilité sociale ont été exclues (ie : bibliométrie (Filliatreau), critères statistiques et survalorisation des approches quantitatives (McCloskey), classification des revues (Pontille & Torny), etc.). Autrement dit, la recherche collaborative offre une opportunité de repenser un contre-modèle épistémologique de la valeur scientifique et autorise le débat critique sur les standards d'évaluation de la qualité des travaux scientifiques du champ des humanités traitant du travail et des travailleurs.euses. Plusieurs des courants revendiqués collaboratifs explicitent ces objectifs hétérodoxes de la recherche, et l'évaluation scientifique qui les accompagnent, par exemple, selon Argyris (1983), “le fondement des énoncés dans l'action science est la communauté de pratiques, pour autant qu'elle énonce des normes pour une information valide, un choix libre et informé, et une implication réelle”. Le courant récent de la recherche participative initie ce mouvement. Selon la charte des sciences et recherches participatives en France, signée par des établissements d'enseignement supérieur et de recherche, “les sciences et recherches participatives sont des formes de production de connaissances scientifiques auxquelles participent, aux côtés des chercheurs, des acteurs de la société civile, à titre individuel ou collectif, de façon active et délibérée”. Ce courant revendique ainsi un meilleur appariement entre



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



production de connaissance et besoins sociétaux et de resserrer les liens entre sciences et société. Dans cette communication, nous proposons de renverser les postures et d'envisager d'autres manières de faire de la recherche : par toustes, et pour toustes. A partir de la pratique - la constitution d'une communauté hétérogène de recherche, réunissant chercheurs et chercheuses, praticiens et praticiennes, syndicalistes, personnalités ... autour d'un sujet commun - et de travaux préexistants (Merminod), nous esquissons les caractéristiques de la recherche coopérative, au sein de laquelle la coopération serait à la fois un moyen et une fin, et s'appuyant sur les 7 principes coopératifs (ACI) : Adhésion volontaire et ouverte à tous Pouvoir démocratique exercé par les membres Participation économique des membres Autonomie et indépendance Éducation, formation et information Coopération entre les coopératives Engagement envers la communauté Dans cette perspective, le dialogue "dans et sur" le travail ne devient plus seulement un objet de recherche ou un prérequis permettant le sens, la fierté ou la désaliénation du travailleur, il est tout ça et se recompose pour redevenir une activité en tant que telle, à la fois fins et moyens pour les acteurs qui le pratique. En cela, ses caractéristiques se modulent et évoluent : externalisation du dialogue, décentralité de l'organisation, primauté de la personne humaine, désindividualisation et réindividuation du travailleur. Nous proposons par ailleurs d'engager un débat épistémologique réfutant l'argument d'autorité imposé par les standards scientifiques internationaux et autorisant à considérer les composantes de la recherche coopérative comme une grille de lecture légitime pour questionner la qualité de travaux scientifiques au prisme d'indicateurs nouveaux fondés sur la participation citoyenne, le pouvoir d'agir et l'utilité sociale et sociétale.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



QUE PRODUIT UN DIALOGUE SOCIAL QUI CONTOURNE L'ACTIVITE ? LE TRAVAIL REEL DES SAGES-FEMMES A L'EPREUVE DU DIALOGUE SOCIAL DANS LA NAISSANCE

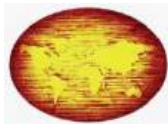
Schalck Claudine et Caroline Combet

CNAM-CRTD et Organisation nationale syndicale des Sages-Femmes (ONSSF)

Mots-clés: Dialogue social; Travail réel; Sages-femmes; Dramatiques d'usage de soi; Démocratie au travail

Contact: claudineschalck@hotmail.com

Cette communication propose de mettre à l'épreuve la notion de dialogue social à partir d'un cas situé : le travail réel des sages-femmes dans le champ de la naissance. Elle croisera une analyse ergologique et une expérience syndicale de première ligne afin d'examiner ce que produit un dialogue social qui parle des conditions de travail sans véritablement discuter du travail comme activité. Présentée à deux voix, elle articulera : – l'intervention d'une responsable syndicale engagée dans les négociations nationales et locales concernant la profession de sage-femme, qui exposera les espaces, objets et limites du dialogue social effectivement pratiqué ; – une analyse ergologique visant à mettre en intelligibilité les décalages entre ces espaces de négociation et les dramatiques d'usage de soi à l'œuvre dans l'activité réelle de la naissance. Le travail des sages-femmes constitue un analyseur privilégié des tensions contemporaines entre dialogue social, travail réel et démocratie au travail. Cette profession féminisée à 97 %, située au croisement du soin, du médical et du social, exerce dans des contextes marqués par une forte intensité normative, temporelle, émotionnelle et éthique. Dans l'accompagnement de la naissance, les sages-femmes engagent un « corps-soi » confronté à des situations singulières qui exigent des renormalisations constantes : arbitrages entre protocoles institutionnels et dynamique propre du travail physiologique, entre exigences de sécurité et respect du vécu des femmes, entre contraintes organisationnelles et conception professionnelle du « bon travail ». Or, dans les différents espaces dialogiques du champ périnatal — négociations hospitalières, concertations avec les pouvoirs publics, Assurance maladie, débats sur les périmètres de compétences ou la formation universitaire — le dialogue social se centre principalement sur les cadres formels : statuts, rémunérations, effectifs, organisation du temps, nomenclatures d'actes. Ces dimensions sont décisives, mais elles laissent largement dans l'ombre la complexité de l'activité réelle. À l'hôpital, où se déroulent 98 % des naissances, peuvent être discutés, la sécurité des soins, les protocoles, la gestion des risques, la tarification à l'activité. Les organisations syndicales peuvent faire valoir les surcharges de travail ou l'insuffisance des effectifs. En revanche, ce qui demeure peu négociable est ce qui fait le cœur de l'activité : l'ajustement à la singularité des situations cliniques et humaines, la temporalité propre de la naissance, la charge émotionnelle et morale, la vigilance relationnelle, l'anticipation fine des évolutions possibles. Autrement dit, ce qui engage des débats de normes permanents entre normes institutionnelles, biomédicales, normes du métier et normes personnelles. De même, les savoirs professionnels mobilisés dans l'accompagnement du « normal » et du vivant — hérités de l'histoire du métier et



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

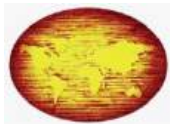
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



construits dans l'expérience clinique — peinent à trouver une reconnaissance dans un espace dominé par les référentiels biomédicaux. Les mobilisations récentes ont ainsi déplacé le dialogue vers des enjeux de lieux de naissance (maisons de naissance, accouchement à domicile), de statut et de formation, avec la revendication d'un doctorat en maïeutique à l'horizon 2029. Mais ces avancées institutionnelles ne garantissent pas, en elles-mêmes, la reconnaissance de l'autonomie des savoirs issus de l'activité. L'analyse ergologique suggère alors que le dialogue social, lorsqu'il contourne l'activité, entretient des malentendus durables et peut contribuer à un sentiment de non-reconnaissance, d'usure et de désengagement. En ne mettant pas en discussion les dramatiques d'usage de soi et les conflits de valeurs qui traversent le travail réel, il limite la portée démocratique qu'il revendique. À partir de ce cas, la communication interrogera plus largement les conditions d'un dialogue véritablement démocratique sur le travail : quelles transformations des espaces, des objets et des méthodes de négociation seraient nécessaires pour que l'activité réelle devienne un objet légitime de débat ? En quoi l'explicitation des débats de normes à l'œuvre dans les soins, eux-mêmes socialement et historiquement situés, pourrait-elle contribuer à refonder une démocratie du travail attentive aux savoirs produits dans l'expérience ? En mettant en tension analyse conceptuelle et parole syndicale, cette proposition entend ainsi faire du dispositif même de la communication une expérimentation dialogique pour alimenter la question des conditions d'un dialogue qui ne contourne pas le travail vivant.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



SINDICATOS DE PETROLEIROS DO BRASIL E DIALOGOS SOCIAIS

Rayana Ferreira Vinagre (Professora Dra.), Alexandre de Carvalho Castro (Professor, Dr.), Gleice Borges Sacramento (Ms.)

CEFET-RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Rio de Janeiro)

Mots-clés: Ergologia, Sindicato dos Petroleiros, DD3P, Offshore

Contact: rayana.vinagre@cefet-rj.br

1. Introdução: Plataformas de petróleo marítimas operam ininterruptamente. Assim, é necessário que os trabalhadores fiquem a bordo por cerca de 14 a 28 dias, ou até mais. Há diversas pesquisas que tratam sobre as condições do trabalho offshore (fora do continente): confinamento, exposição a perigo, trabalhos em turnos etc (Freitas et al, 2001; Castro et al, 2007). Sob o olhar da Ergologia, há muito o que analisar, já que tal ambiente laboral é perigoso e instável, aumentando a necessidade de renormalizações (Canguilhem, 1974). A Ergologia pode contribuir para a segurança e saúde no trabalho offshore (Neder et al., 2021), inclusive investigando a atividade através do diálogo social com os Sindicatos dos Petroleiros. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o diálogo social desenvolvido pelos sindicatos de petroleiros em prol da defesa de melhores condições do trabalho offshore a partir de situações reais de trabalho. Como metodologia, conta com a realização de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores offshore e análise documental dos discursos dos sindicatos. Consiste em resultados parciais de uma trajetória de pesquisa que está em andamento.

2. Resultados e Discussão: Esta proposta de comunicação tratará dois contextos em que o Sindicato dos Petroleiros interveio de forma a contribuir para um debate social em defesa dos direitos dos trabalhadores: (1) situação de desimplante e (2) acidente de trabalho.

2.1 O desimplante de trabalhadores Trabalhadores que são designados para o trabalho offshore entram em uma classificação denominada 'implante', logo, são considerados trabalhadores implantados. Eles recebem, por conta disso, alguns benefícios adicionais de ordem financeira. No final de 2025, um dos sindicatos dos petroleiros anunciou que recebeu denúncia por parte de trabalhadores que foram desimplantados sem qualquer justificativa (Sindipetro-NF, 2025). Situações como essa podem gerar transtornos de ordens diversas para os trabalhadores, pois a alteração do regime/ritmo de trabalho tem relação com impactos financeiros e na saúde mental do petroleiro. O Sindipetro-NF manifestou indignação com tal medida e declarou que "Não é aceitável que decisões que impactam a vida e a estabilidade de dezenas de trabalhadores sejam tomadas sem diálogo com as entidades sindicais e sem fundamentação técnica. O desimplante é uma medida extrema e precisa ter justificativas reais, não pode ser usada de forma política ou punitiva" (Marcelo Nunes, diretor do Sindipetro-NF, 2025).

2.2 Acidentes no Trabalho Offshore O Sindicato exerce uma importante missão na constituição de diálogo em caso de acidente de trabalho em plataforma de petróleo, potencializado pela disseminação de sua postura em mídias sociais. Ao acompanhar perfis dos Sindicatos no Instagram é comum perceber seu posicionamento perante a acidentes de trabalho, sempre valorizando questões que demandem atenção para a área



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



de saúde e segurança do trabalho. A exemplo, pode-se citar um acidente de um pouso forçado no mar de Cabo Frio (Rio de Janeiro-Brasil) de uma aeronave que fazia o trajeto base-plataforma de 8 trabalhadores offshore. “Nenhum trabalhador teve um acidente ou uma lesão mais grave, graças a Deus... Esses acidentes quando acontecem eles trazem um alerta para que gente não baixe a guarda em relação a segurança de aeronaves e tudo mais. O Sindipetro-NF [...] vai acompanhar todos os desdobramentos e cobrando para que tenham segurança e todo trabalhador possa embarcar e desembarcar sem qualquer tipo de susto ou acidente como esse...” (Perfil ‘sindipetronf’ Instagram, em 02/01/26). No contexto do acidente fatal ocorrido com um trabalhador brasileiro em um estaleiro da Coreia do Sul, na FPSO-79, ocorrido no início de setembro de 2025, o Sindipetro-RJ manifestou o seguinte depoimento: “Há na imprensa coreana diversas notícias sobre as condições inseguras e denúncias de histórico de acidentes fatais nesse estaleiro por parte dos sindicatos. [...] Para nós, este triste acontecimento reafirma a batalha permanente contra precarização da vida e por condições de trabalho seguras e dignas para todos os trabalhadores...” (Perfil ‘sindipetrorj’ Instagram, em 03/09/25). A empresa contratante do trabalhador que veio a óbito “lamentou a morte do trabalhador e formou uma comissão para investigar as causas desse acidente” (YouTube SBT News, 2025). Em estudos anteriores, já se evidenciou a importância dos sindicatos dos petroleiros nas conquistas por melhorias trabalhistas no contexto offshore (Sacramento et al, 2023). A relevância deste trabalho está no destaque para o protagonismo que os sindicatos vêm assumindo, especialmente nas redes sociais, evidenciando em ampla escala denúncias e posicionamento em defesa de melhores condições de trabalho. Como elemento importante de um DD3P, a representação trabalhista ganha potencialidade na discussão e no diálogo social, visto que expõe situações que há pouco tempo eram invisibilizadas por estanques político-estratégicos.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ENQUETE SUR LES FREINS A L'ENQUETE : QUEL REEL DU TRAVAIL DANS LE « SOCIAL » DU « DIALOGUE » ET DANS LES PRATIQUES SYNDICALES ? UNE INTERPRETATION A L'AIDE DE CONCEPTS ERGOLOGIQUES

Iwan BARTH, enseignant et formateur syndical ; François Marchive, formateur syndical

Institut d'Etudes Sociales / Faculté d'Economie de l'Université de Grenoble Alpes

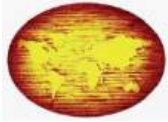
Mots-clés: enquête-action ; formation ; conflictualité sociale ;

Contact: iwan.barth@univ-grenoble-alpes.fr

Préambule 1 : La centralité de la prise en compte du travail réel dans la prévention des risques, accidents du travail ou maladie professionnel fait consensus dans les « sciences du travail », et a fortiori dans les « ergo-disciplines ». Quasi consensus également, ceci nécessite un travail, faisant appel au dialogue des points de vue des différents protagonistes. Exemple de cette pratique dialogique, les démarches et postures d'enquêtes, sont expérimentées, de manière (plus ou moins) autonomes des directions, par nombre d'équipes syndicales sous diverses appellations (« démarche travail », « enquête syndicale », « militante », ouvrière, ou « enquête-action »). Préambule 2 : A condition de la voir sur un temps suffisamment long et large, on peut considérer que l'efficacité même de l'activité collective se trouve améliorée par la prise en compte du réel du travail. Ce qui devrait justifier que les instances du « dialogue social » (IRP) lui accordent une large place. ----- Notre activité de formation de représentants du personnel et/ou syndicaux, au contact avec différentes équipes syndicales nous amène à ce questionnement : Pourquoi, alors que les intérêts stratégiques, collectifs, d'une posture d'enquête sur le travail réel sont reconnus, que les pratiques sont à portée de mise en œuvre, ces démarches s'instituent et se généralisent si peu ? Pourquoi même l'enthousiasme des premiers temps cède-t-il parfois le pas à la résignation, et la passivité ? Si des améliorations en termes de formation (ou d'accès à), de suivi, sont sûrement possibles, le problème nous semble plus profond, complexe. En plus de nous appuyer sur les retours de stagiaires rencontrés lors de différentes formations (FESES, CSE), nous proposons, dans cette communication, de partir de deux cas concrets pour poursuivre l'investigation et tenter de comprendre les freins à l'enquête sur le travail réel.

1. L'atteinte à la santé psychique ou physique, sous forme d'accident du travail ou de tentative de suicide, peut être l'occasion d'un travail d'enquête institué dans le cadre du danger grave et imminent (DGI) ou de l'« enquête accident ». Fréquemment, les représentants du personnel (RP) se voient refuser, par la direction ces enquêtes. Pourtant, elles hésitent à aller au-delà de cette prescription négative.

2. Une équipe syndicale d'une grosse entreprise, dans laquelle la direction fait réaliser un bilan social (quantitatif) et « RPS », demande à avoir accès aux données récoltées. Confrontée au refus de sa direction, elle organise sa propre enquête sur le vécu au travail sous forme qualitative. La direction, après avoir refusé la proposition de se joindre à cette démarche, dénie avec force sa pertinence lors de sa présentation en IRP. Les réponses à notre questionnement sont-elles à chercher dans les conditions du « dialogue social », qui



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



se trouve être le plus souvent une confrontation entre pôle de direction et équipes syndicales ? Avec le paradoxe suivant : dans le cadre du code du travail, le lien de subordination ne s'applique pas aux représentants du personnel dans l'exercice de leur mandat. Ce qui devrait placer la pratique d'enquête « à l'abri » des injonctions patronales. Pour autant, confrontés lors de ces pratiques aux entraves du pôle de direction, beaucoup de représentants du personnel ne vont pas au bout de la démarche. On semble assister à une difficulté à s'extirper de la prescription patronale à « ne pas faire ». Faut-il également inclure dans notre questionnement le champ des organisations syndicales elles-mêmes, leurs éventuels routines et/ou fonctionnements bureaucratiques qui soutiendraient trop peu ces postures et démarches ? Face à ces dilemmes, l'interrogation en termes de rapport à la prescription, voire de débats de normes, vu dans une perspective large, aussi bien dans le cadre de l'organisation de travail que dans l'organisation syndicale, permettra de reformuler la question. Surtout, nous souhaitons mettre en avant l'importance de l'écoute de cette activité dialogique (la pratique d'enquête) de (re)découverte de l'activité de travail, par les protagonistes eux-mêmes, avec toute sa dimension affective, comme voie de sortie des dilemmes. Ce sont donc bien 3 dialogues, plus ou moins possibles et conflictuels, qui sont à nouveau mis ici sur le métier : celui dénommé « social », plus ou moins mythifié, celui de mise à jour et en débat du travail réel dans l'organisation, et celui qui nous implique lors des formations. Ils nous orientent vers la mobilisation des concepts ergologiques de savoirs investis, savoirs institués et monde de valeurs pour mettre à l'épreuve cette intuition : le syndicat gagnerait à être revalorisé comme pôle de prescription alternatif, nécessaire à l'étayage de l'insubordination des syndicalistes, et plus globalement à la mise en lumière et en œuvre des réserves d'alternatives.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



REHABILITER LE SUJET DE LA PAROLE : UNE CONDITION NECESSAIRE AU DIALOGUE

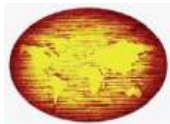
Daniel Migairou (CRTD-CNAM) Docteur en philosophie, chargé d'enseignement et
chercheur associé au Cnam, psychanalyste

CRTD-CNAM, EA4132

Mots-clés: dialogue ; sujet de la parole ; rhétorique ; dialectique ; perversion du langage

Contact: d.migairou@gmail.com

Une des formes presque imperceptible de la perversion du langage, c'est l'auto-instrumentalisation par le discours qu'on tient. C'est-à-dire par la façon de consentir à l'ordre du discours dans sa propre parole. Là où il est impossible ou presque de contrecarrer les effets massifs d'un langage perversi – sous les formes repérées notamment par Orwell avec le novlangue et par Klemperer ([1947] 2023) avec la langue du Troisième Reich –, il reste possible d'en tenter une dé-perversion topique par la désincarcération hic et nunc d'une parole de sujet hors du discours qui l'enferme. Y a-t-il moyen de fonder un dialogue sans engager une telle désincarcération de la parole faisant place à une dimension de sujet, de sujet de la parole ? De quel sujet est-il ici question ? Le dialogue est cette expérience de la parole en tant qu'elle implique au moins deux sujets, à savoir qu'il y ait au moins un autre. Sans cela, pas de parole. Du langage, oui, possiblement, tel qu'il structure une pensée, par exemple dans l'écriture. Mais la parole appelle au moins un autre sujet comme lieu d'adresse ; elle appelle une place pour soi comme sujet s'adressant à cet autre ; et elle appelle la possibilité d'une référence permettant de repérer dans le dire adressé ce qui fait signe d'un sujet parlant « en son nom » ou a contrario du locuteur d'un discours tenu, en le sachant ou pas, « au nom de », au nom d'un certain ordre. L'ordre du discours dans la parole du locuteur qui le tient prend la forme d'une rhétorique. Comme l'écrit Rancière ([1987] 2004) : « La rhétorique [...] a pour principe la guerre. On n'y cherche pas la compréhension, seulement l'anéantissement de la volonté adverse. [...] Elle parle pour faire taire » (p. 142). Qu'est-ce qu'un dialogue, sinon une traversée de la parole, une traversée de l'expérience langagière par l'adresse à un autre. C'est l'expérience du « ça parle », l'expérience de l'assujettissement au langage comme mode de relation à l'autre. Pour que « ça parle », il importe que soient garanties un certain nombre de conditions nécessaires. Sans quoi inévitablement la rhétorique fait taire le sujet en la personne qui parle autant qu'en la personne à laquelle celle-ci s'adresse. Cette dimension de la parole qui n'est pas de la communication – autre façon de nommer la rhétorique –, elle nécessite des conditions d'espace et de temps, mais aussi de silence, un silence souvent intolérable pour l'ordre du discours. « La communication qui tisse interminablement ses fils dans les mailles de la trame sociale est sans lacune, elle se donne sur le mode de la saturation », écrit Le Breton (1997, p. 16). Le sujet de la parole n'est pas le sujet social, le sujet politique. C'est un sujet dont « la subjectivité [...] est essentiellement un processus, non pas un état atteint une fois pour toutes » (Castoriadis, 1990, p. 145). Ce processus passe par la prise d'une certaine distance avec un discours qui parvient très souvent à se faire oublier, à se rendre invisible dans la parole-même de la personne qui parle. Castoriadis (1975) parle de



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



l'autonomie du sujet de la parole, comme une autonomie qui n'est pas « élucidation sans résidu et élimination totale du discours de l'Autre non su comme tel. Elle est l'instauration d'un autre rapport entre le discours de l'Autre et le discours du sujet » (p. 155). Instauration d'un autre rapport au discours contemporain, parler et penser en sa dimension de sujet de la parole, cela passe par un processus dialectique qui, pour Horkheimer et Adorno ([1947] 1974) est désormais rendu impossible : « Le sens de la réalité, l'adaptation au pouvoir ne sont plus le résultat d'un processus dialectique entre le sujet et la réalité, mais ils sont produits directement par le mécanisme industriel. [...] Ce n'est pas en accordant à l'individu une pleine satisfaction que les colosses déchainés de la production l'ont vaincu, mais en l'éliminant en tant que sujet » (p. 301). Comment dé-pervertir le langage à l'échelle topique d'un espace-temps dédié à des paroles de sujet ? Quelles sont les conditions à poser pour que la parole en dialogue s'inscrive dans un processus dialectique plutôt que rhétorique ? Pour qu'un dialogue soit constructif, peut-il s'abstenir d'être destructif de l'emprise d'un discours qui élimine le sujet en le privant des conditions nécessaires à une parole « en son nom » par l'injonction à la rapidité, à la concision, à l'utilité, et en disqualifiant ainsi a priori toute énonciation marquée du singulier ?

Bibliographie :

Castoriadis, C. (1975). *L'institution imaginaire de la société*. Paris : Seuil Points Essais.

Horkheimer, M., Adorno, T.W. ([1947] 1974). *La dialectique de la raison*. Paris : Gallimard
Tel. Klemperer, V ([1947] 2023). *LTI. La langue du IIIe Reich*. Paris : Albin

Michel. Le Breton, D. (1997). *Du silence*. Paris : Éditions Métailié. Rancière, J. ([1987] 2004). *Le maître ignorant. Cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*. Paris : 10/18.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLÓGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



METTRE EN DIALOGUES LE RAPPORT INTIME AU TRAVAIL : RECIT D'UNE ENQUETE-CREATION DANS L'ATELIER DE MARIELSA NIELS, ARTISTE PHOTOGRAPHE

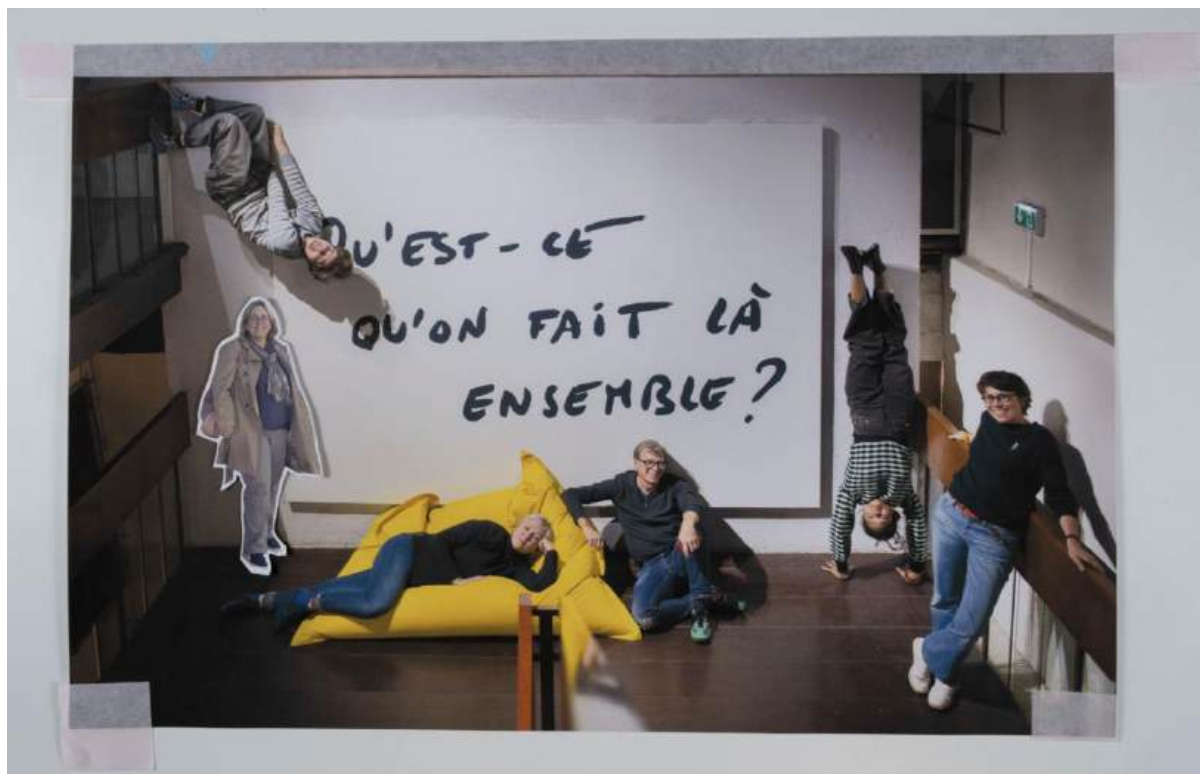
Muriel Prévot-Carpentier, maîtresse de conférences ; Anne Bationo-Tillon, professeure ordinaire ; Marielsa Niels, artiste photographe ; Caroline Lossent, responsable des publics ; Raphaële Bertho, maîtresse de conférences.

Université Paris 8 ; Haute école pédagogique du canton de Vaud, Lausanne (Suisse) ; artiste photographe Marielsa Niels ; musée Nicéphore Niépce ; Université de Tours.

Mots-clés: Travail ; art ; enquête-crédation ; dialogue ; activité.

Contact: murielprevot@univ-paris8.fr

Commencer une exposition par une salle vide. Au musée Nicéphore Niépce de Chalon-sur-Saône, berceau de la photographie. Avec cette question en forme d'invitation qui accueille les visiteurs et visiteuses sur le pan de mur de l'escalier qui monte à la salle : qu'est-ce qu'on fait là ensemble ?



© Projet "Ceci n'est pas une exposition : c'est un mouvement" au Musée Nicéphore Niépce à Chalon-sur-Saône octobre - décembre 2025

Ce projet a été pensé en horizontalité par : Raphaële Bertho, maîtresse de conférences en Arts, Université de Tours
Anne Bationo Tillon, chercheuse en ergonomie, professeure ordinaire à la Haute École pédagogique de Lausanne
Muriel Prévot-Carpentier, maîtresse de conférences en ergonomie, Université Paris 8
Caroline Lossent, responsable du service des publics du musée Nicéphore Niépce. Marielsa Niels, artiste photographe".



Ce type de demande et d'ouvertures de possibles ne va pas de soi. Lorsqu'elle parvient à se déployer, la démarche ergologique trouve régulièrement à se loger dans des marges d'organisations inventives et créatives, ouvertes à des formes de dialogues renouvelées et inattendues. Car le résultat n'en est pas prédictible par avance, il faut construire avec confiance et d'abord commencer par construire la confiance pour que puisse émerger ce type de dispositif.

Ici ce n'est pas un dispositif ergologique qui a été primitivement pensé mais celui d'une enquête création en interdisciplinarité entre art et ergonomie¹.

La proposition faite au Musée Nicéphore Niépce à l'automne 2025 sonne comme un paradoxe dès son intitulé « Ceci n'est pas une exposition : c'est un mouvement ». Car effectivement c'est une manière d'occuper l'espace du musée originale, qui s'éloigne de la présentation statique pour chercher à provoquer de la relation, dans la droite ligne des expos-actions inaugurées en 2019 par le collectif Tailleurs d'images². C'est donc un projet qui s'inscrit dans des dialogues et collaboration de plusieurs années : entre les chercheurs, entre l'artiste et les chercheurs, entre le musée et l'artiste. Des liens qui permettent à l'ensemble de ces acteurs et actrices de se saisir d'une opportunité double : celle de la vacance d'une salle et d'un budget, pour monter en quelques semaines un projet d'occupation original.



© Ibid. à la photo précédente.

¹ 1 Bationo-Tillon, A., Cozzolino, F., Krier, S., Nova, N. (2024). En quête d'images. Ecritures sensibles en recherche-création. Dijon : Les Presses du réel ; Nova, N. (2020). Enquête/Création. HEAD éditions.

² Bertho, R., Gisinger, A., Bationo-Tillon, A. (2026). « Transmettre / Les Tailleurs d'image en dialogue ». Dans A. Bationo- Tillon, F. Decortis, V. Folcher, G. Bourmaud (Éds.), Approche instrumentale : expansion et devenir, pp. 443-459. Toulouse : Editions Octarès.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Ces dispositifs de mise en dialogue s'inscrivent dans une histoire longue depuis L'Homme Producteur³. Cependant ils émergent quasiment toujours dans une configuration spécifique, contre institutionnelle qui va pourtant enrichir l'institution par le bas, des savoirs qui peuvent s'y exprimer et déployer dans un lieu qui ouvre une possibilité.

1. Le dispositif

Cette enquête-crédation a été conçue et menée collectivement ; toutefois, l'analyse proposée ici mobilise le prisme ergologique comme cadre d'interprétation a posteriori, afin d'examiner les points de convergence et de divergence avec la démarche effectivement co-construite. Dans un premier temps, nous verrons comment l'enquête-crédation à la croisée de l'art et des sciences humaines peut permettre d'inventer et promouvoir de nouvelles formes de dialogues sur le travail comme activité : les savoirs ne sont pas extraits mais participent à l'analyse et à la production de l'artiste photographe qui elle-même donne à voir son propre travail en train de s'élaborer dans cet espace apparaissant comme son atelier de production et d'expérimentation. Plus largement, en présentant ce dispositif muséal, nous verrons que le tournant développemental pris par l'ergonomie⁴ depuis la fin des années 2000 amène une part des ergonomes à être de plus en plus proches de la démarche ergologique⁵.

L'ossature ergologique d'échanges de savoirs et de mise en dialogue à partir de l'activité des visiteurs et visiteuses est matérialisée dès l'arrivée à l'étage de la salle par un scotch qui barre la dernière contremarche. En effet, les gardiens et gardiennes des salles craignaient que la liberté d'agir, d'écrire, de toucher dans cette salle, ne produisent des détournements des règles usuelles du musée dans les autres salles d'exposition, traditionnelles, qui suivent la non exposition-atelier de Marielsa Niels. Nous avons proposé de délimiter l'espace et que les visiteurs et visiteuses ici considérés comme des « expérimentateurs »⁶, soient avertis dès l'entrée dans cette salle et à sa sortie que les normes usuelles du musée n'y avaient pas cours. Nous y voyons une matérialisation de la suspension du jugement requise dans cette salle et du troisième pôle de la démarche ergologique qui pose une éthique des échanges horizontalisant les rapports sociaux pour un temps en vue de produire ensemble tournés vers un bien commun à définir collectivement.

³ Schwartz, Y., Faïta, D. (1985). L'Homme Producteur, autour des mutations du travail et des savoirs. Paris : Editions Sociales, Paris, 1985.

⁴ Arnoud, J., Barcellini, F., Cerf, M., Perez Toralla, M.-S. (2022). Dynamiques développementales dans les interventions sur le travail : entre héritages et perspectives. Toulouse : Octarès Éditions.

⁵ Sur ces liens, voir aussi Prévot-Carpentier, M. (2003). « Quel est l'apport de la démarche ergologique à la discipline ergonomique dans l'analyse des situations de travail ? ». Mémoire de DESS d'Analyse pluridisciplinaire des situations de travail – Ergologie, Université de Provence.

⁶ Raphaële Bertho parle de « visiteurs / expérimentateurs », voir présentation d'un dispositif d'exposition-action sur site de son laboratoire de recherche, Intru : <https://intru.hypotheses.org/10300>



© Carole Cieslar / Nidhal Mansar / Alexandre Pinto-Soares - musée Nicéphore Niépce.

2. Ce que nous avons fait

Nous exposerons ensuite ce que nous avons tenté d'activer chez les visiteurs et visiteuses en proposant différentes questions vues comme des activations :

- Qu'est-ce que le travail pour toi / vous ?
- Qu'est-ce que la création ?
- Qu'est-ce que le jeu dans l'activité de travail ?
- Quelles expressions liées au travail connaissez-vous ?
- Quel serait l'inverse du travail pour vous / toi ?
- Qu'est-ce qu'une exposition ?
- Qu'est-ce que la photographie pour vous / toi ?
- Qu'est-ce que l'hospitalité pour vous / toi ?
- Qu'est-ce qu'on fait là ensemble ?
- Qu'est-ce qu'un mouvement ?
- Qu'est-ce que créer dans le travail ?
- Pour vous, quels sont les codes du musée ?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

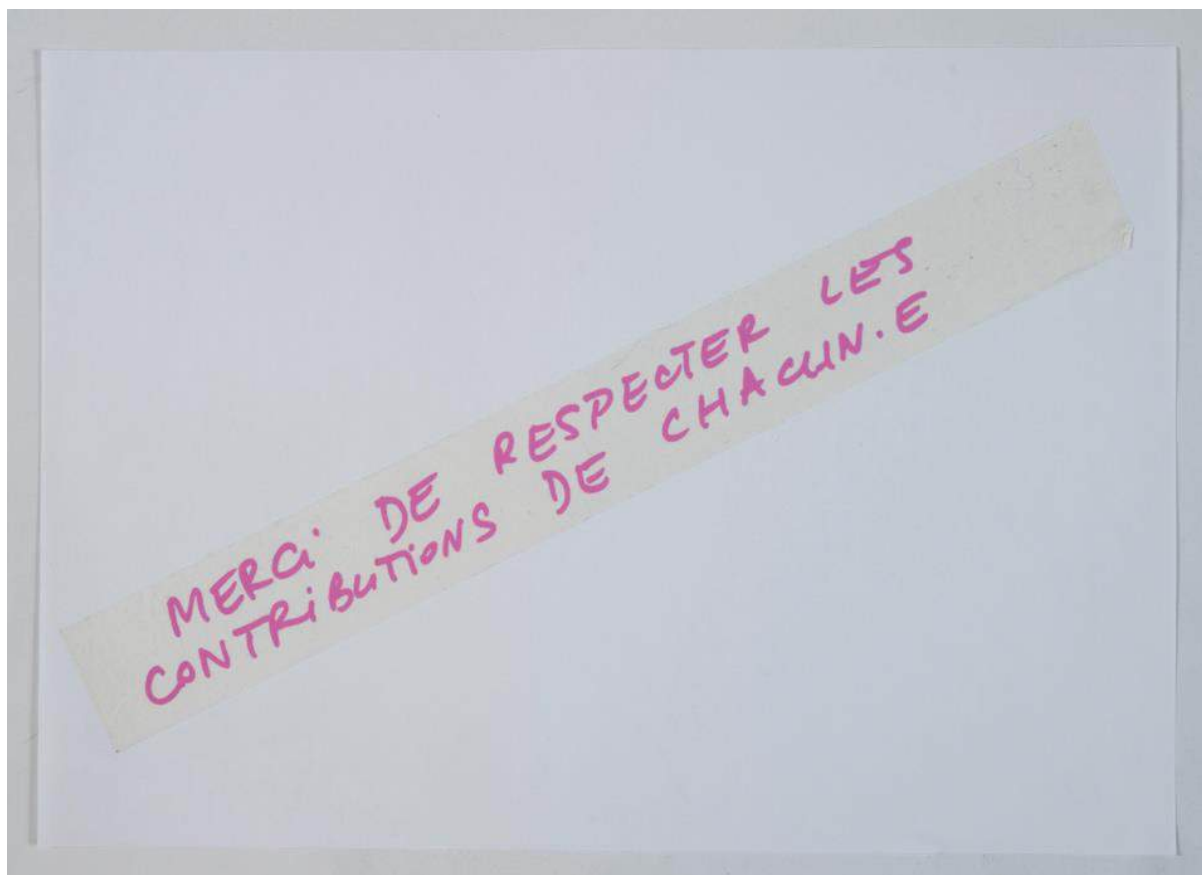
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Des stylos étaient mis à disposition et du scotch pour exposer leurs contributions sur les murs de la salle. Ces contributions étaient parfois réorganisées par l'artiste et la responsable des publics afin de favoriser la réflexion et de nouvelles élaborations par les visiteurs et visiteuses suivants.



© Carole Cieslar / Nidhal Mansar / Alexandre Pinto-Soares - musée Nicéphore Niépce.

Une certaine insécurité pouvait poindre chez l'artiste photographe, tout comme pour la responsable des publics, à l'idée de présenter une salle vide dans l'espace d'un musée de la photographie qui traditionnellement expose et offre un parcours de visite que les visiteurs et visiteuses traversent « les mains dans le dos » selon l'expression de Raphaële Bertho, c'est-à-dire en spectateurs. Ainsi cette crainte avait été anticipée en disposant des bacs de photographies de l'artiste et en invitant les visiteurs et visiteuses à les mettre en frise pour en proposer leur propre histoire, avec les évocations suscitées en eux dans une approche sensible et réflexive sur leur propre activité.

De plus, des photographies de travailleurs et travailleuses avec lesquels des entretiens avaient été menés lors des deux phases précédentes de travail de l'artiste avec les chercheuses en ergonomie⁷ ont également été scotchées au mur au bout de quelques jours puis imprimées pour que les visiteurs et visiteuses puissent écrire au dos ce qu'elles leur évoquaient. Les oeuvres de Marielsa Niels ont été proposées comme des fenêtres

⁷ Voir notamment : Niels, M. (2025). Elan d'errance. Montreuil sur Brèche : Diaphane éditions.
<https://www.diaphane-editions.com/produit/elan-derrance-2025/>



sensibles, ouvrant à une réflexivité miroitante pour faire résonner différentes facettes de notre rapport au travail.

3. Résultats : restituer ce qui s'est joué par l'image

Dans cette dernière partie, il s'agira de montrer des photographies de ce qu'on écrit les visiteurs et visiteuses « expérienceurs », leurs productions à partir de la diversité des indications proposées. Les indications-invitations ont constitué un système de ressources⁸ et permis d'activer leurs réflexions et de les engager vers des productions sur un thème auquel ils et elles n'avaient pas nécessairement réfléchi de manière consciente avant leur expérience dans la non-exposition-atelier de Marielsa Niels.

C'est aussi par leurs corps qu'ils ont été engagés dans la participation. En effet, leur déambulation était pensée avec des obligations de détours, voire des obstacles, et des choses à manipuler, à regarder, à lire, afin de favoriser l'engagement par le rapport au corps.

Nous parlerons aussi des travailleurs et travailleuses du musée qui ont vu leur place et leur rôle modifiés par le dispositif, surtout pour les gardiens et gardiennes de salle. Lors de la soirée de clôture de la non-exposition-atelier, nous avons pu mener une série de courts entretiens afin de recueillir leur vécu de cette expérience et de la manière dont elle a pu les rendre acteurs et actrices dans le rapport aux publics.

De ces productions des visiteurs et visiteuses « expérienceurs » et des échanges avec les travailleurs et travailleuses du musée, ressortent des questions des valeurs liées au travail. Elles résonnent avec les problématiques posées par la démarche ergologique, notamment quant à la capacité d'expression obérée dans les milieux professionnels et ses effets en termes de santé. Ce ne sont pas des œuvres terminées qui ont été produites comme le souligne Marielsa Niels, l'artiste photographe, qui a également vu son rôle traditionnel transformé. Le lieu est devenu un espace de dialogue intermédiaire⁹ de l'espace du musée et le monde du travail, tout en subvertissant le rapport traditionnel à l'institution muséale. Ce processus d'activation est à mettre en lien avec le modèle d'activation par des échanges à partir de l'activité dans les dispositifs à trois pôles, c'est-à-dire avec la manière dont s'active un dialogue de savoirs avec le cadrage du troisième pôle pôle qui permet une suspension du jugement et un horizon de bien commun. De fait, il s'est ici agi d'utiliser l'art pour ouvrir plus légitimement vers l'imaginaire et la possibilité de penser des alternatives.

En conclusion, ce dispositif apparaît profondément ergologique mais aussi profondément démocratique, au sens où il ne propose par une implication aux « visiteurs et visiteuses « expérienceurs » avec la dimension occupationnelle qui existe parfois dans le travail de médiation muséale mais vise la participation active de l'ensemble des parties prenantes de l'activité dialogique ouverte dans le lieu : « visiteurs et visiteuses expérienceurs », travailleurs et travailleuses du musée, chercheuses et artiste.

⁸ Au sens où l'emploie Pierre Rabardel dans la théorie de l'approche instrumentale : Rabardel, P. (2005). « Instrument subjectif et développement du pouvoir d'agir », dans Rabardel, P., Pastré, P., (eds.), *Modèles du sujet pour la conception : dialectiques activités développement*, pp. 11-29. Toulouse : Editions Octarès.

⁹ Bationo-Tillon, A. (2017). « Chemin transitionnel, ouverture pluridisciplinaire pour une ergonomie développementale », manuscrit inédit d'habilitation à diriger des recherches, Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



SERVIÇO SOCIAL E O CAMPO DA SAÚDE MENTAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TEMPORALIDADES

Laína Jennifer Carvalho Araújo: Doutora e Mestre em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutorado Sanduíche no Conservatoire National des Arts et Métiers, em Paris, França, pelo Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Assistente social formada pela Universidade Federal do Piauí. Professora Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins (UFT); Edna Maria Goulart Joazeiro: Pós-doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Assessora Internacional da UFPI. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 1D, Brasil. Pesquisadora Associada da Equipe de Pesquisa Psychosociologie du Travail et de la Formation et Anthropologies des Pratiques du Centre de Recherche sur le Travail et Développement du Conservatoire National des Arts et Métiers, CNAM, Paris.

Universidade Federal do Tocantins; Universidade Federal do Piauí

Mots-clés: Serviço Social; Trabalho profissional; Ergologia; Temporalidade.

Contact: laina5411@gmail.com

O estudo de natureza qualitativa, ancorado numa perspectiva analítico conceitual, centrado numa abordagem da história na perspectiva da longa duração Elias (1994), indaga sobre a formação no campo do Serviço Social e o seu diálogo histórico com o campo da Saúde, com ênfase, na Saúde Mental, centrado nos depoimentos e narrativas de docentes assistentes sociais protagonistas da atividade de orientação discente para a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso em Serviço Social no período de 1987 a 2021, visando compreender a relação entre história, memória e reservas de alternativas. Torna-se importante assinalar, que as análises aqui apresentadas é um recorte da Tese de Doutorado intitulada “Formação e trabalho do e no Serviço Social: interfaces entre o campo do social e o campo da Saúde Mental” (Araújo, 2024) no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí, com um período de Doutorado Sanduíche pelo Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior no Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, França. Como se trata de pesquisa com uso de fonte primária de informação, ela foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, cadastrada sob o número 58087122.6.0000.5214. Nessa perspectiva, a análise dá-se ancorada na perspectiva ergológica, com base na concepção de atividade de trabalho, normas antecedentes, centramento e descentramento de Schwartz (2000). Daí a exigência epistemológica e axiológica de descortinar o lugar que as categorias analíticas da ergologia podem ocupar para fazer emergir reservas de alternativas, onde se vislumbram apenas opacidades e limites. Busca-se ainda, refletir sobre os saberes que a assistente social utiliza e que constrói e



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



sobre as dificuldades inerentes ao exercício dessa atividade, que precisa estar atenta as temporalidades presentes nesse espaço social, sem perder de vista, a necessidade de intervenção que o usuário requer e que o serviço de atenção à Saúde Mental demanda. A decifração dessa relação na realidade, requisita de quem intervém no âmbito do social, que seja capaz de compreender os desafios dessa [re]configuração em uma sociedade em processo de mudança, marcada por uma justaposição de crises – crise do capital, sanitária e ambiental –. Nessa perspectiva, referir-se à atividade real é aludir ao “próprio ofício” (SCHWARTZ, 2000) da assistente social docente orientadora que tem no horizonte a busca da realização do bem comum, mas intenta fazê-lo sem perder de vista que o “bem comum não é jamais um dado, mas uma travessia, a que se atribuem escalas, mas sem jamais atingir um destino final” (SCHWARTZ, 2000, p. 61). O ofício aqui é entendido como o “fazer da atividade humana industriosa no encontro entre experiência e conhecimentos vários requeridos, os da profissão, os da formação, os do social e os que se criam, no aqui e agora, na realização da atividade de trabalho” (Joazeiro, 2008, p. 17). Nesse diálogo se buscou apreender a experiência não como “um ‘simples’ e ‘mero’ uso da norma antecedente ou prévia de diversas naturezas: burocrática, jurídica, econômica e, muitas vezes, sendo vista sob o prisma de que as escolhas que o protagonista da atividade empreende se funda no ‘bom senso’” (Joazeiro, 2008), pelo contrário, buscou compreender o lugar que o protagonista da atividade real ocupa no processo de formar e de orientar discentes na produção de TCC. A análise revelou que tanto nos testemunhos quanto nas narrativas, foi possível identificar como as docentes buscaram explicitar o modo como os conhecimentos da profissão, os do campo da Saúde, da Saúde Mental e das demais políticas públicas são requeridos nessa atividade, ao mesmo tempo, que construíram saberes ameadados na experiência concreta na atividade de trabalho real tecida no decorrer do contínuo do tempo. Nos seus testemunhos, tematizaram como essas relações foram tecidas mediadas pela experiência na sua relação direta com o corpus conceitual e legal da profissão, ao mesmo tempo que puderem dizer de sua dupla inserção: a do trabalho e a do ensino do trabalho que se dá na relação direta com os discentes na atividade de orientação em Serviço Social. Essa dupla convocação requisita e [re]questiona os saberes epistêmicos e ergológicos, ao mesmo tempo que requisita e reconstrói os saberes nascidos da atividade concreta de trabalho, indispensáveis para consolidar uma formação crítica e a defesa da vida. Essa dupla dimensão – da relação entre e da relação com – tem caráter fundamental e indispensável no momento de fazer escolhas e de gerir sua atividade de trabalho, seja na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, seja no espaço sócio-ocupacional da Saúde Mental.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



VALORES-NA-ATIVIDADE E OS POTENCIAIS DEMOCRATICOS DO ORGANIZAR COTIDIANO

Gislene Haubrich - pesquisadora

House of Innovation, Stockholm School of Economics

Mots-clés: Trabalho; Valores; Democracia

Contact: gisleneh@gmail.com

A relação entre democracia e trabalho há muito mobiliza o interesse acadêmico. A ascensão das democracias representativas, nas quais o voto constitui o principal ato de participação, estimulou reflexões sobre como os locais de trabalho poderiam tornar-se mais democráticos, permitindo que trabalhadores participem das decisões organizacionais. A democracia organizacional costuma ser abordada sob uma perspectiva de governança, segundo a qual todos os membros devem ter voz nas decisões estratégicas. Em outra direção, Carole Pateman (1970) propôs a “tese do transbordamento”, segundo a qual a democratização do local de trabalho, por meio da transferência de propriedade e controle aos trabalhadores, funciona como um processo educativo. O engajamento democrático aprendido no trabalho poderia, então, estender-se à participação na esfera social mais ampla. Embora potente, essa perspectiva não enfrenta plenamente as complexidades envolvidas na tradução de experiências democráticas entre diferentes contextos. Nesse sentido, a abordagem ergológica da atividade pode oferecer novas contribuições para pensar a democracia no trabalho. Partindo da ideia de que práticas democráticas podem ser aprendidas nas organizações, proponho deslocar o foco dos locais de trabalho para as atividades de trabalho. Com base no estudo realizado em dois espaços de coworking, argumento em favor de uma perspectiva de valores-na-atividade, que privilegia práticas situadas em vez de estruturas formais de governança. Essa abordagem também oferece uma base metodológica para a teorização prospectiva orientada a futuros desejáveis. Ao compreender quais valores são engajados nas atividades cotidianas, podemos explorar como eles podem “transbordar” como exercícios de imaginação disciplinada, contribuindo para visões de futuro mais democráticas. A partir de uma visão ergológica da atividade, três noções ajudam a compreender como valores emergem no trabalho e moldam possibilidades democráticas no coworking. Trabalho como esforço coletivo – O trabalho é inerentemente relacional. A atividade depende de ajustes mútuos, normas compartilhadas e coordenação. Conceber o trabalho como coletivo desloca a atenção do empoderamento formal para as negociações contínuas por meio das quais trabalhadores moldam suas condições de ação. Produção de sentido como prática política – Decisões cotidianas envolvem interpretações ancoradas em valores e visões de mundo. Esses atos são políticos porque revelam orientações em disputa sobre o que é aceitável ou desejável. Assim, escolhas ordinárias tornam-se momentos em que valores organizacionais são explicitados. Democracia emergindo na atividade – A democracia não se instaura apenas por meio de estruturas; ela ganha forma nas ações ordinárias que estabilizam normas ao longo do tempo. Trabalhadores participam dessa construção ao responder a eventos, tensões e às ações dos outros. Os potenciais democráticos residem nesses microprocessos. Para ilustrar



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

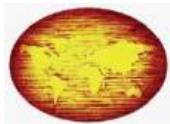
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



essa perspectiva, recorro a uma situação observada em um coworking em Porto Alegre. O caso envolve um processo organizacional básico: o compartilhamento de informações por meio de um grupo de mensagens instantâneas. Os coworkers buscavam uma forma rápida de se manter informados, enquanto a equipe desejava centralizar a comunicação. Inicialmente, o grupo cumpriu sua função. Com o tempo, porém, transformou-se em um espaço predominantemente voltado a reclamações, gerando desconforto e tensionando a comunidade. O exemplo evidencia como sequências interacionais podem produzir efeitos imprevistos. Criado para facilitar a comunicação, o grupo passou a alimentar dinâmicas que desestabilizavam o coletivo. Esse deslocamento revela a natureza política das ações cotidianas: a maneira como os trabalhadores respondem a eventos em curso influencia a direção que a organização assume. Para compreender essas dinâmicas, é preciso examinar como ações ordinárias moldam visões de mundo e consolidam valores que orientam futuras configurações organizacionais. A organização democrática torna-se especialmente relevante ao analisarmos novas formas de trabalho que, embora apresentadas como alternativas às estruturas burocráticas, podem reproduzir padrões problemáticos. Ao estudar interações situadas, podemos identificar como valores são expressos, negociados e eventualmente estabilizados, bem como como podem transbordar para contextos organizacionais e sociais mais amplos. Nesse sentido, o coworking pode ser compreendido como um laboratório vivo no qual o futuro do trabalho é continuamente prototipado. Uma abordagem orientada por valores permite identificar quais orientações ganham tração, quais permanecem marginalizadas e como essas configurações prefiguram caminhos rumo a formas de trabalho mais democráticas e sustentáveis. Ao posicionar os valores-na-atividade como motor da transformação prospectiva, evidenciamos que futuros desejáveis do trabalho são semeados nas negociações cotidianas da vida laboral.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



A PROPOS DE LA RECEPTION DU « MANIFESTE POUR UNE DEMOCRATIE DU TRAVAIL » ET DE SES PROLONGEMENTS DANS LE CHAMP DE LA SANTE AU TRAVAIL

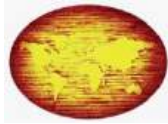
Serje JAMGOTCHIAN, Consultant

Auto-entrepreneur

Mots-clés: Démocratie ; Manifeste ; Travail ; Dialogue ; ergodisciplines

Contact: sergologie@gmail.com

Les orientations politico-syndicales que promeuvent les auteurs du Manifeste pour une démocratie du travail - une autre « rencontre inédite entre universitaires et syndicalistes » portée par l'association Ateliers Travail & Démocratie co-animé par Thomas Coutrot - sont une contribution au développement des capacités collectives des travailleurs à produire leur propres normes dans leur milieu de travail respectif et par là même à créer les conditions visant notamment l'institution d'espaces d'expression et de délibération sur leur activité industrielle et la manière de l'organiser. En vertu d'un certain nombre de travaux dont le Manifeste se fait l'écho, nous savons désormais que les avancées démocratiques au sein des organisations du travail sont également un gage de bonne santé démocratique dans la cité : « [...] La démocratisation du travail est donc nécessaire non seulement pour le travail, mais aussi pour l'apprentissage de la délibération et la participation démocratique. » (Extrait du Manifeste) En tant qu'elle infuse et traduit dans l'espace public cet héritage à la fois théorico-clinique et axiologique, la publication de ce Manifeste n'est-elle pas déjà en soi un geste démocratique ? En revanche, il convient de questionner la réception du Manifeste dans des milieux de travail relativement à la marge du monde salarial traditionnel et par conséquent peu visibles sur la scène de la conflictualité syndicale. Il s'agit par exemple des organisations du champ de l'Economie Sociale et Solidaire. Plus précisément qu'elle peut être la réception du Manifeste dans les structures associatives de la branche sociale et médico-sociale à but non lucratif ; sachant que contrairement à d'autres secteurs professionnels privés et publics, ces organisations non marchandes et généralement de petite taille, se caractérisent par une faible culture syndicale ? Comment faire en sorte que le Manifeste irrigue également d'autres milieux de travail du secteur social et médico-social, dont ceux destinés aux travailleurs en situation de handicap – en particulier les Etablissements et Services d'Accompagnement par le Travail (ESAT) ; sachant que ces lieux de productions marchandes ne relèvent pas du Code du travail mais du Code de l'Action Sociale et des Familles ? Par ailleurs, le Manifeste est-il le portevoix de professionnels en quête de nouvelles manières de travailler comme ces professionnels fréquentant des lieux de travail partagés, distincts du domicile et des locaux de l'entreprise que l'on appelle des tiers-lieux ? En quoi ces espaces hybrides hébergeant notamment des télétravailleurs sont-ils réellement ou potentiellement des incubateurs de démocratie industrielle ? Parmi les propositions que recèle le Manifeste, l'une d'elle promeut l'institution d'espaces/temps entre pairs, non subordonnés, dédiés à l'expression et à la délibération sur le travail réel. Un débat s'est ouvert dans le champ syndical et entre chercheurs au sujet de la composition de ces espaces et de leur animation. Les interventions en matière de santé au travail ne sont-



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

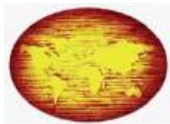
SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Groupe d'études
sur le travail
et la santé
au travail

elles pas précisément un moyen de promouvoir des espaces de dialogue sur le travail réel, à l'instar de Groupes de Rencontres du Travail (GRT) ? Ainsi, il s'agit à l'occasion de cette communication de rendre compte d'une expérience d'Ergopréventeur dédiée aux risques psychosociaux dans le champ social et médico-social. Cette communication s'attachera à montrer en quoi les démarches d'évaluation collectives centrées sur les situations de travail, sont des espaces de dialogue visant à la fois : - à faciliter la prise de parole et le débat entre salariés au sujet de ce qui dans l'organisation du travail entrave le "Vivre en santé au travail" ; - à activer par la discussion et la controverse entre pairs les « leviers de renormalisations » en germe dans le collectif de travail, afin de construire des alternatives organisationnelles.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



LE DIALOGUE PROFESSIONNEL : UN MOYEN DE CONCEVOIR LES CONDITIONS ORGANISATIONNELLES D'UNE RENORMALISATION MAJEURE DU MILIEU ?

Damien Cromer, maître de conférences associé en ergonomie ; Antoine Bonnemain, maître de conférences en ergonomie ; Fabien Coutarel, professeur des universités en ergonomie

Université Clermont Auvergne, Laboratoire ACTé

Mots-clés: Intervention ; Dialogue professionnel ; Conception organisationnelle ; Renormalisation

Contact: damien.cromer@uca.fr

Ce septième congrès de la société internationale d'ergologie propose de réfléchir à la notion de « dialogue ». C'est en effet une question d'actualité sur laquelle les ergodisciplines – pour reprendre l'expression de F. Daniellou – travaillent notamment par l'expérimentation et l'installation d'espaces de dialogue dans les organisations (Bonnefond, 2019 ; Bonnemain, 2025 ; Clot et al., 2024 ; Detchessahar & Gentil, 2024 ; Dromard, 2023 ; Mollo, 2022 ; Rocha et al., 2017). La possibilité de pouvoir délibérer avec ses pairs et la hiérarchie pour agir sur la qualité du travail est, en effet, gage de santé au travail (Bonnefond & Clot, 2018). Pour contribuer à ces réflexions nous nous appuyons sur une intervention menée pendant deux années au sein d'une collectivité territoriale (Cromer, 2024) qui a explicitement visé l'expérimentation du dialogue professionnel pour transformer l'organisation d'un service afin qu'elle soutienne davantage l'efficacité et la santé des agents de ce service (Bonnefond, 2019 ; Clot et al., 2024). La demande initiale émanait conjointement de la direction des ressources humaines et de la direction du patrimoine bâti, confrontée à des difficultés : problèmes de maintenance des ouvrages publics, tensions relationnelles et transformations importantes liées notamment aux exigences d'efficacité énergétique des bâtiments. Le périmètre retenu fut le service Thermique, composé de 11 chauffagistes municipaux. L'intervention a comporté deux phases. La première a consisté à instruire les problèmes de qualité du travail avec le collectif métier à partir d'une co-analyse de l'activité en autoconfrontation croisée (Bonnemain & Clot, 2017). La seconde a consisté à poursuivre l'expérimentation de ce dialogue professionnel à l'échelle d'une organisation-test à partir de la fonction méthodique du référent-métier (Bonnefond, 2019 ; Bonnemain, 2025 ; Clot et al., 2024) : deux agents désignés recueillaient les problèmes rencontrés dans l'activité, les discutaient avec leurs collègues puis les portaient dans des espaces réunissant hiérarchie et concepteurs du travail utiles à leur résolution. Chacune de ces deux étapes visaient ainsi à « provoquer » l'appropriation d'un genre spécifique de dialogue professionnel comme nouvelle ressource pour les travailleurs pour faire collectivement « le tour des problèmes » dans la délibération entre pairs puis avec la hiérarchie et en trouver collectivement des solutions. Un tel dialogue est traversé par des débats de normes et d'une certaine conflictualité (Schwartz, 1988). Les différents espaces de dialogue expérimentés placent en effet au centre le conflit de critères sur le « travail bien fait » comme moteur de la coopération entre les différents protagonistes pour transformer le



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



travail. L'intervention a produit deux types de résultats. D'une part, une transformation organisationnelle effective – une renormalisation majeure d'un déterminant des déterminants – avec la mise en place d'un processus structuré de dialogue professionnel définissant des espaces, des étapes et des fonctions dédiés au traitement des problèmes du travail. D'autre part, l'expérimentation de cette organisation-test a ainsi conduit à des améliorations tangibles du travail : améliorations matérielles, organisationnelles et révision du cahier des charges de conception des ouvrages futurs afin de mieux intégrer, avec les agents de premières ligne, les contraintes réelles des interventions de maintenance. À partir de cet exemple – et avec toutes ses limites – cette communication visera à montrer comment l'institution progressive du dialogue professionnel peut être regardé comme un processus de conception organisationnelle qui favorise et soutient la renormalisation (Schwartz, 2016). Dans cette perspective, le dialogue professionnel ne « crée » pas la renormalisation toujours présente dans l'activité, mais élargit et institue ses espaces et ses destinataires qui soutiennent la possibilité d'une renormalisation collective majeure du travail. On se demandera ainsi comment l'intervention – que l'on peut considérer comme une expérience de renormalisation (Coutarel et al., 2022) – peut soutenir méthodiquement les débats de normes au sein des collectifs de travail, puis entre eux et leur ligne hiérarchique pour agir sur le travail réel.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



REFLEXÕES ERGOLOGICAS SOBRE O EXILIO DE BRASILEIROS NO CONTEXTO DOS ANOS DE 2019 A 2022

Fernanda Tarabal Lopes - professeure / Lucas Manassi Panitz - professeur / Admardo Bonifácio Gomes Júnior - professeur

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) / Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Mots-clés: Exílio; histórias de vida; trajetórias de trabalho; ergologia.

Contact: fernanda.tarabal@ufrgs.br

Nos anos recentes, vislumbramos em várias partes do mundo a ascensão de líderes de extrema direita. Sobre esse fenômeno, Stanley (2019) nos diz da necessidade de uma compreensão mais generalizada e o descreve sob o prisma do fascismo, apontando características, tais como: culto à tradição patriarcal e a um passado mítico, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, apelo à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Jessé Souza (2019), ao descrever sobre a atual conjuntura do Brasil, também remete às razões irracionais do fascismo e às suas particularidades no contexto brasileiro, chamando a atenção para a emergência de um neofascismo contemporâneo. Dentro desse quadro, observamos no contexto do governo presidencial de Jair Bolsonaro (2019-2022) a ocorrência da necessidade de saída de pessoas de seu próprio país em função de violências vivenciadas. Assim, buscamos em nosso estudo a compreensão desse fenômeno por meio do estudo das histórias de vida de acadêmicos e intelectuais brasileiros que se viram constrangidos a deixar o Brasil em função de perseguições públicas, difamações e ameaças às suas existências. Objetivamos compreender quais os desafios que tais exilados enfrentam e enfrentaram, além de contribuir com reflexões para o entendimento desse período recente história brasileira. Argumenta-se que este movimento migratório revela uma faceta complexa da crise democrática brasileira, marcada pela expulsão de capital intelectual e pelo desmonte de projetos de vida. A pesquisa contribui para a compreensão de formas recentes de mobilidade forçada de trabalhadores na América Latina. Destacamos sobre a metodologia utilizada: a pesquisa em história de vida. Trata-se de uma rica possibilidade de apreensão do vivido social e do sujeito em suas práticas, e que se apresenta especialmente fecunda ao estudo de fenômenos como migração, mobilidade social, trabalho e trajetórias profissionais (BARROS; LOPES, 2014). A partir de uma perspectiva ergológica, entendemos que a compreensão desse fenômeno engloba não apenas reflexões políticas e sociológicas, visto que se constitui de uma transformação do meio de vida, que afeta diretamente as possibilidades de agir, a construção de si, os projetos de vida, a produção de saberes. A ascensão da extrema direita no Brasil e o contexto do governo de Jair Bolsonaro aparecem como uma reconfiguração das normas antecedentes que organizavam o trabalho acadêmico, a liberdade intelectual e os modos de reconhecimento social. Quando essas normas se tornam hostis ou ameaçadoras, ocorre uma dramática do uso de si na qual permanecer ou partir do país deixa de ser uma escolha apenas profissional e passa a ser uma questão de existência.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLÓGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



DIÁLOGO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: TERRITÓRIOS, RACIONALIDADES E TEMPORALIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Edna Goulart Joazeiro, Professora e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Assessora Internacional da UFPI

Universidade Federal do Piauí, UFPI

Mots-clés: Assistência Social; Saúde Pública; Proteção Social; Ergologia; Políticas Públicas.

Contact: emjoazeiro@gmail.com

Essa comunicação se propõe a analisar a importância do diálogo enquanto saber necessário ao protagonista da atividade de trabalho das e nas Políticas Públicas de Saúde e de Assistência Social em função de sua intervenção direta e continuada junto as expressões da desigualdade na sociedade de classes em um país de dimensão continental. Intervenção que requer a arte da tessitura do diálogo que precisa “[...] não apenas [...] ser apreendido por eles e pelos educandos na sua razão de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (Freire, 1999, p. 52). Diante da ampliação da desigualdade socioterritorial, de crise sistêmica e estrutural do capitalismo, e da crise sanitária da Covid-19 indaga-se sobre os desafios e perspectivas do trabalho das profissões na atenção à questão social nestas políticas enfatizando a análise do trabalho em sua diversidade de espaços sócio-ocupacionais nos quais se inserem no âmbito nessas políticas públicas com recorte temporal entre os anos de 2020-2025, com diálogo ancorado no método histórico-dialético, mediada pelo uso de fonte secundária pública e de fonte primária de pesquisas de mestrado, doutorado realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa Formação, Trabalho, Desigualdade Social e Políticas Públicas (CNPq) que coordenamos, visando compreender as múltiplas dimensões que têm lugar na dinâmica do trabalho e na demanda de diálogo na atualidade e as especificidades dos processos em curso. Analisamos a necessidade de tessitura de diálogo entre os profissionais e gestores protagonistas do trabalho de atender em ambas as políticas para o enfrentamento das múltiplas expressões da “questão social”, para tanto nos utilizamos os conceitos e categorias de análise da Démarche ergológica, atividade de trabalho, distância entre trabalho prescrito e trabalho real, corpo-si, meio infiel e outros. No âmbito de ambas as políticas é demandado dos profissionais nela inseridos que sejam capazes de tecer uma relação “entre” os saberes, mas também um diálogo “com” os saberes adquiridos e os requeridos pelas experiências nos seus encontros na Atenção Especializada na Saúde quanto na de Assistência Social. Trata-se da tessitura de diálogo que constitui uma verdadeira arte, que expressa toda a dificuldade do ofício desses profissionais e gestores. Experiência que demanda e que revela o caráter indissociável e difícil de realizar na tessitura de uma relação “entre os saberes” codificados de cada política pública, que tendem a ser relativamente atemporais, daqueles que a Ergologia denomina como ingredientes da competência humana industriosa, tais como, por exemplo, os saberes presentes no ingrediente 1, que podem ou devem ser [re]convocados em permanência de outras esferas de saber, ou seja, tanto



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



os saberes epistêmicos, formulados com a ambição de generalização dos conceitos que advém de diversos campos conceituais, quanto os ergológicos, que como assinala Schwartz (2018, p. 19) ao contrário, “são focalizados sobre a singularidade de situações encontradas”, portanto submetidos à multiplicidade das temporalidades intrínsecas à relação entre o diálogo com os saberes. Destacamos neste recorte de análise três temporalidades diferentes, a do relógio, a das instituições que predefinem “burocraticamente” a relação do saber com o continuum do tempo e a temporalidade ergológica, necessário à atividade para tratar seus encontros com o real, a cada vez parcialmente inéditos, que deve inscrever sua ambição intelectual em seus quadros temporais que lhe preexistem. Em todo esse processo há um acúmulo de conhecimento que não pode e não deve ser negligenciado, a presença do usuário, na frente do protagonista da atividade, requer a capacidade de ler e gerir o instante, ou seja, a delicada arte do kairós (Trédé, 1992), pois segundo a autora, o kairós se dá “neste devir flutuante, sempre em movimento, se propõe a reconhecer lugares, meios, os momentos oportunos, e este conhecimento torna-se a chave de uma ação eficaz” (Trédé, p. 19). Nas considerações finais destaca-se a dificuldade de negociar as circulações de interpelações mútuas “entre” saberes, entre as normas próprias de cada política, que se construíram através das esferas temporais heterogêneas: dentre elas preexiste o fato de que entre os objetivos e fins destas políticas, o protagonista da atividade deve considerar e pensar sobre a relação de interpenetração e a de interdependência recíproca de saberes nascidos em territórios vividos (Santos, 2006) distintos e marcados por diferentes níveis de aderência à histórias locais e regionais”, tanto quanto não pode negligenciar a relação com saberes que vêm dos tempos “imemorais”, não datados, que devem ser considerados, ensinados e aprendidos, esses seguindo diversos níveis de desaderência, ou seja, de um distanciamento à respeito dessas considerações locais e regionais.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



TEMPORALIDADES E TRAVESSIAS: INGRESSAR, VIVER, APRENDER EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 EM UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL NO NORDESTE DO BRASIL

Filadelfia Carvalho de Sena, Doutora e Mestre, Docente do Magistério Superior da UFPI, Brasil e Membro da SIE, Paris e Edna Maria Goulart Joazeiro, Doutora e Mestre em Educação UNICAMP, Pós-Doutora em Serviço Social pela PUC SP, Docente do Magistério Superior do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Assessora Internacional da UFPI, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, 1D, Brasil e Membro da SIE, Paris.

1) Universidade Federal do Piauí, UFPI e 2) Universidade Federal do Piauí, UFPI

Mots-clés: Ensino Remoto Emergencial (ERE); Temporalidades; Travessias; Aprender; Ensino superior federal; Desaderência.

Contact: emjoazeiro@gmail.com

Essa comunicação é um recorte da pesquisa Tempus de Travessia das Juventudes Universitárias: dialogicidade entre campos conceituais e epistemicidades, vinculada ao projeto Atenção à saúde mental das juventudes na universidade pública: travessia da formação na temporalidade da pandemia, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI sob CAAE 79122624.4.0000.5214, desenvolvida na Universidade Federal do Piauí, UFPI, no CCHL que visa compreender as contradições e sobreposições temporais e pedagógicas provocadas pela pandemia da Covid-19 no Ensino Superior público Federal no Nordeste do Brasil, especialmente nos cursos de licenciatura, cuja formação exige uma forte articulação entre concepção e vida, ou seja, teoria e prática (DCNs, Brasil, 2001/2002). A pesquisa se ancora na necessidade de analisar o impacto dessas contradições e sobreposições no “ato de aprender” (Freire, 1987) e a identidade discente, evidenciando desigualdades regionais no acesso a tecnologias e à mobilidade urbana. Em um contexto de crises e vulnerabilidades, visa contribuir para pensar políticas institucionais de saúde mental e inclusão, alinhando-se a um projeto mais amplo de atenção às juventudes universitárias, com implicações para práticas pedagógicas e inserção social vinculadas ao “direito à cidade”. No âmbito da UFPI, o estudo supre lacunas sobre as travessias em tempo de pandemia, propondo a consolidação de práticas docentes e discentes mais dialógicas e participativas. Os objetivos da pesquisa concentram-se na análise das implicações da docência remota para a formação de estudantes de licenciatura durante a pandemia, compreendendo seus efeitos sobre o tempo histórico e pedagógico vivido. Busca ainda compreender o sentido de “ser discente em situação de excepcionalidade”, tensionado pela docência remota síncrona/assíncrona, inspirando-se em Freire (1987), Schwartz (2000, 2005), Joazeiro (2008, 2018) e nas DCNs das Licenciaturas. A abordagem metodológica articula dimensões temporais e pedagógicas a partir de relatos orais de estudantes de História e Filosofia da UFPI, cursos cuja articulação entre teoria e prática constitui exigência formativa desde o ingresso. Os dados foram obtidos por questionário digital (Google Forms®), aplicado em agosto de 2024, e entrevistas semiestruturadas presenciais, realizadas entre setembro e dezembro de 2024. A análise qualitativa considera categorias



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

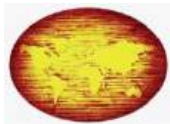
SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



como: temporalidades vital, ergológica, burocrática e do relógio, aderência, desaderência, ECRP e travessia remoto-presencial no processo formativo e o ato de aprender. Os sujeitos da pesquisa são discentes ingressantes em 2020 nos cursos de Licenciatura em História e Filosofia, que vivenciaram a suspensão das atividades acadêmicas em março de 2020, após 52 anos de tradição institucional em ensino presencial, seguida da implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em novembro de 2020. O retorno à presencialidade ocorreu em junho de 2022. A investigação organiza as análises em quatro eixos: (1) experiências discentes em tempos distintos; (2) vivências no ERE (síncrono e assíncrono); (3) retorno às atividades presenciais, pertencimento social e simbólico; e (4) o direito à cidade. O “ato de aprender” (Freire, 1987) se revela atravessado por contradições e sobreposições temporais e identitárias, narrativas tais como “Eu sei que não aprendi”, tenta colocar em palavras a dificuldade de aprender e de viver os múltiplos sentidos de compreender conhecimentos em situação de desaderência em face da fragmentação, sobreposição e limites do processo formativo com uso de tecnologia remota, desterritorialização e, de impossibilidade de construir uma Entidade Coletiva Relativamente Pertinente, ECRP no espaço da Universidade. Aprender mostra-se como ato vital, relacional e situado, impactado pelas ausências físicas, pela inviabilidade de espaços adequados de estudo, pelas dificuldades de acesso a materiais de estudo e pela perda do convívio acadêmico. Tais dimensões, acentuadas pelas desigualdades regionais e tecnológicas, revelam limitações profundas do ensino remoto. O diálogo com Schwartz (2005), sobre o paradoxo do transmitir humano educativo no formato síncrono e assíncrono na pandemia em uma atividade humana industriosa que, deslocada para a mediação tecnológica, confrontou o sentido coletivo da aprendizagem, formação e de pertencimento. Dos resultados preliminares, destacam-se os desafios da volta à presencialidade, à reconstrução de vínculos sociais, institucionais e do sentimento de pertencimento, o “habitar a universidade” e o “circular na cidade” após a pandemia. A experiência de travessias formativas pandêmica das juventudes universitárias, entre remoto e presencial, reconfiguram o sentido de ser estudante, os modos de aprender e viver, demandando novas políticas institucionais de acolhida, inclusão, mobilidade, indispensáveis à consolidação de práticas pedagógicas mais humanas e articuladoras do conhecimento da e na Universidade pública brasileira.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



CONTORNOS DA MEDIAÇÃO LABORAL EM MOÇAMBIQUE NA ERA DA IA

Anselmo Orlando Pinto

Universidade São Tomás de Moçambique (USTM), Moçambique

Palavras-chave: Diálogo Social. Moçambique. Inteligência Artificial. Ética.

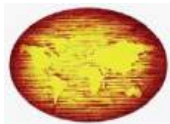
Contact: anselmo.pinto@ustm.ac.mz

Contornos da Mediação Laboral (ML) em Moçambique na Era da IA – é o tema que se explora neste estudo e surge no âmbito da celebração do 7º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia (4 a 6 de junho de 2026 em Paris), cujo tema central é aquele do diálogo social. Dado o seu alcance antropológico, o tema do diálogo social, que em Moçambique é denominado Mediação Laboral (ML), tem animado debates acesos orientados à busca de respostas e soluções das questões que imperam no mundo do trabalho, isto é, trabalho digno, salário justo, regulamentação laboral, trabalho e inteligência artificial, que são alguns dos temas essenciais no campo da reflexão ergológica. É assim, portanto, que esta proposta temática, isto é, Mediação Laboral (ML), representa um esforço de maior capitalização do diálogo social em Moçambique.

No mundo do trabalho, a Inteligência Artificial (IA) emerge como uma tecnologia transformadora que redefine a forma como se trabalha, se produz e se interage com os sistemas digitais. A adopção, portanto, da IA no local de trabalho é irreversível e envolve empresas de todas as dimensões impactando de forma directa os trabalhadores (Ministero del Lavoro e delle Politiche Sociali, 2025). Destarte, constitui objectivo deste estudo, discutir a questão da ML em Moçambique na consideração de mais um interlocutor nesse processo, isto é, a IA a ser tida na máxima atenção àqueles aspectos de ordem ético-moral que podem garantir a salvaguarda da dignidade do trabalho e do trabalhador.

A integração da IA no ambiente de trabalho oferece benefícios concretos e tangíveis; as empresas podem melhorar a eficiência operacional, reduzir erros e melhorar a qualidade dos serviços. Para os trabalhadores, a IA representa um suporte valioso, capaz de automatizar tarefas repetitivas e libertar tempo para actividades de maior valor acrescentado, contribuindo assim para a melhoria do desempenho individual e colectivo (Ministero del Lavoro e delle Politiche Sociali, 2025, cit.).

A IA configura-se como uma ferramenta poderosa para o crescimento e a inovação, porém, a sua implementação deve ser feita de forma responsável e ponderada, garantindo a protecção dos trabalhadores, a transparência nos processos de decisão e o acesso justo às novas tecnologias. No entanto, a não adopção da IA, ou uma adopção inadequada, pode expor as empresas em Moçambique ao risco de perder competitividade à escala internacional, o que pode traduzir-se numa diminuição do emprego e estagnação da inovação. Por outro lado, uma adopção responsável e estratégica da IA pode ser um factor-chave de sucesso no crescimento económico do país, com benefícios que vão desde a criação de novas profissões até à simplificação dos processos de produção (Idem). A IA é vector de transformações profundas e o seu impacto reflecte-se directamente nos trabalhadores e na forma como desempenham as suas funções. Por um lado, fomenta novas oportunidades de emprego levando, assim, ao surgimento de novas funções



profissionais. Por outro lado, porém, ela levanta preocupações sobre os potenciais riscos da substituição automatizada da mão-de-obra humana, com a consequente necessidade de programas de requalificação profissional (Ministério do Trabalho, Género e Acção Social, 2025).

A introdução da IA no mundo do trabalho pode agudizar as desigualdades socioeconómicas já existentes em Moçambique, (Maquenzi, J., 2021); pois, a aceleração da automação corre o risco de ampliar o fosso entre aqueles com competências digitais avançadas e os sem, gerando novas formas de exclusão tecnológica.

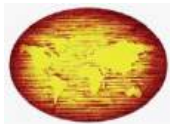
Moçambique, um país do Sul global com uma infraestrutura de suporte tecnológico ainda aquém do desejado, o que resulta num domínio digital rudimentar, tem o grave dever de acelerar os processos formativos a larga escala para os trabalhadores e, em particular, para os jovens que ainda se preparam para integrar o mundo de trabalho; isso vai permitir que nenhum trabalhador fique para trás no processo de transformação digital, (Ali, R. - Muianga, C., 2022).

O uso da IA no local de trabalho levanta, na verdade, questões éticas, sociais e económicas que ultrapassam as fronteiras de um único país e envolvem os direitos humanos, a igualdade de acesso a oportunidades e proteção do trabalhador contra a discriminação e a automação descontrolada (Ministero del Lavoro e delle Politiche Sociali, 2025, cit.). A integração da IA deve ser realizada em conformidade com estes princípios, garantindo que as tecnologias não comprometem os direitos dos trabalhadores nem introduzam formas de exclusão ou discriminação.

A IA deve ser orientada para a protecção dos direitos humanos, a supervisão humana dos sistemas algorítmicos e a prevenção de tendências puramente tecnocráticas; este posicionamento realça a importância de uma abordagem que coloca as pessoas e o seu bem-estar no centro, impedindo que a IA se torne uma ferramenta de exclusão social ou de controlo indiscriminado (UNESCO. Recomendação sobre a Ética da IA, 2021).

Para a elaboração desta proposta temática que se desdobra em quatro pontos (1. Experiências do Diálogo Social em Moçambique; 2. A mediação laboral como factor de coesão social em Moçambique; 3. A IA, um novo agente nos processos de mediação laboral; 4. Alcance ético-moral da IA no mundo do trabalho), seguiu-se pelo método da revisão bibliográfica e documental, com maior incidência para o método hermenêutico e crítico com vista a uma melhor interpretação dos contornos da ML em Moçambique na Era da IA.

O estudo avança como conclusão o reconhecimento da IA como uma ferramenta que representa uma oportunidade singular para o mundo do trabalho, mas a sua adoção deve ser orientada por princípios de responsabilidade, segurança e inclusão. Para garantir que a IA seja um motor de desenvolvimento e não um factor de desigualdade, recomenda-se a importância de: a) proteger os trabalhadores da discriminação e do tratamento injusto, b) apostar na formação e requalificação profissional, c) garantir o cumprimento das normas nacionais e internacionais, e d) apoiar a introdução da IA no local de trabalho, incluindo através do diálogo social.



Y A-T-IL UNE PLACE POUR L'ANALYSE DU TRAVAIL REEL DANS LES PSE ? L'EXPERT CSE PEUT ENCORE TENTER LE PARI.

Erwan Jaffrès (Consultant CIDECOS)

Les procédures de PSE (plan de sauvegarde de l'emploi = plan de suppression d'emplois) prévoient la possibilité pour le CSE de recourir à un expert chargé de l'accompagner pour rendre son avis et débattre avec la direction sur le projet de réduction d'effectifs. Avant d'autoriser les suppressions d'emploi, une phase de dialogue avec les représentants du personnel est donc prévue par le législateur, avec l'appui d'un expert-comptable, éventuellement appuyé par un expert santé, sécurité et conditions de travail. Le CSE dispose de deux et quatre mois pour remettre un avis sur le motif économique et sur les impacts en matière de conditions de travail de l'opération projetée. Mais dans ces phase de crise au sein de l'entreprise conduisant à supprimer des postes, quelles sont les véritables objet du dialogue et de la négociation : la stratégie économique de l'entreprise ? l'organisation du travail et les conditions de travail de ceux qui restent ? La sauvegarde de l'emploi ? Le destin des licenciés et les conditions sociales du licenciement ? En particulier, quelle est la place de l'analyse du travail théoriquement consacrée comme un instrument du dialogue à travers l'expertise ? Quelle est alors la position de l'expert et quelles sont ses marges de manœuvre au sein de la multiplicité des acteurs représentant les salariés (Organisations syndicales, RP au CSE, collectifs spontanés de travailleurs sur les piquets de grèves, avocats, ...), les décideurs de l'entreprise (direction locale, direction du groupe, financiers, ...) ?

1 - Nous reprendrons l'historique récent de l'évolution réglementaire avec ses effets contraires sur la place attendue de l'analyse de l'organisation et des conditions de travail dans le dialogique : dépossession du juge judiciaire au profit du juge administratif et des prudhommes (2013), affaiblissement du motif économique opposable (2016), disparition des CHSCT (2017).

Le CSE est devenu le théâtre d'un dialogue où les obligations de l'employeur en matière de santé, sécurité et conditions de travail sont débattues et opposées sur les « organisations cibles » à mettre en place dans l'opération projetée : quelle organisation du travail mettre en place (effectif, répartition des rôles et responsabilités, compétences mobilisées, ...) pour répondre aux critères économiques attendus tout en préservant la santé, la sécurité et les conditions de travail des salariés ?

A travers des stratégies de luttes sociales et une jurisprudence évolutive, le volet travail s'est substitué au volet économique comme levier principal du rapport de force sur l'emploi. Ainsi, l'analyse du travail que le CSE confie à l'expert répond ainsi tout à la fois à une volonté de compréhension des enjeux organisationnels et de santé, qu'à une stratégie de construction d'un rapport de force favorable pour défendre l'emploi et les conditions sociales et financières des licenciements.

2 - Nous montrerons à travers quelques exemples récents de PSE dans la pétrochimie comment l'expertise reste un exercice original qui offre des moyens pour réaliser des analyses des situations de travail avec un droit d'accès aux salariés et aux lieux de travail généralement sans limite mais dans un délai très court.

Nous défendrons que la « bataille du travail réel » vaut toujours le coup d'être menée : même si nous ne parvenons pas à déployer un dispositif ergologique idéal de production



de connaissance sur le travail, les repères épistémologiques que l'ergologie propose favorisent l'émergence même furtives de constructions de savoirs sur le travail à rapatrier dans les instances et propositions d'alternatives à mettre en discussion.

Il y a un paradoxe pour l'expert attaché au travail réel : c'est une traduction juridique des analyses du travail à travers les notions de « charge de travail » et « d'évaluation des risques professionnels » qui font l'objet de nombreux contentieux et alimentent le rapport de force des négociations sur l'emploi, les conditions financières du licenciement. Nous témoignerons d'une « professionnalisation » progressive des directions qui, accompagnées de cabinets spécialisés dans les PSE, présentent des analyses de la charge de travail, des risques psychosociaux et des risques professionnels de plus en plus longues (des fameux « livre 4 » de plusieurs centaines de pages), standardisées et couvertes d'un vernis technique et mathématique. Par la neutralisation des enjeux du travail réel (violence supplémentaire pour les travailleurs, d'ailleurs), les directions tentent de montrer qu'elles respectent leur responsabilité d'employeur, ce qui est accepté souvent avec bienveillance par les DREETS chargés du contrôle de la procédure de PSE et du juge administratif, qui ne contrôlent que la forme mais pas le fond.

Malgré cela, nous pensons que pour l'expert, plus l'analyse du travail sera proche du réel et travaillée avec les protagonistes, plus elle ouvrira des alternatives à débattre sur les transformations concrètes du travail. Si, dans l'omniprésence du juridique des espaces de négociations l'expert peut se sentir instrumentalisé, c'est en menant le plus authentiquement possible la « bataille du travail réel » que pourront être défendues à la fois des organisations de travail à l'écoute des problématiques de l'activité, l'emploi et le « chèque à la valise ». Le travail réel n'est donc pas condamné à être étouffé par les autres batailles légitimes sur l'emploi et les conditions financières de départ.

Nous concluons qu'en tant qu'expert auprès des CSE, nous sommes condamnés à toujours tenter de faire remonter le réel dans le dialogue au sein des instances car :

- cela permet encore parfois d'ouvrir des marges de manœuvre organisationnelles qui peuvent retenir l'attention des acteurs locaux, représentants des salariés et directions, qui auront à court la charge d'une organisation qui doit fonctionner post-PSE quoi qu'il en soit.
- cela apporte du crédit à la mobilisation collective et finalement renforce les collectifs autour des enjeux du travail malgré l'atmosphère de crise ;
- et a minima cela construit des moments et des traces de reconnaissance de l'engagement des travailleurs dans leur activité.



TRANSFORMER SA COMPREHENSION DU PATRIMOINE ERGOLOGIQUE POUR CHANGER LE RAPPORT ENTRE SOI ET LE MONDE : L'EXPERIENCE DE LA LECTURE COLLECTIVE

Marcelle Duc / Jacques Rollin

A la lecture de l'appel à communication : « *Les « dialogues dans le travail et la vie des sociétés : la démocratie à refonder ?* » *L'Homme Producteur* », quarante après », il nous est apparu opportun d'y répondre à partir de ce que nous avons pu faire ensemble avec les participants au cercle de lecture ergologique depuis 2022. Ces quatre années nous ont permis d'acquérir une meilleure compréhension du « paradigme ergologique » et surtout en quoi celui-ci est irremplaçable pour aborder sainement le présent avec ses contradictions.

Nous articulerons notre communication en trois temps.

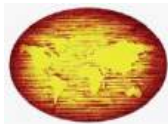
Dans un premier temps, nous présenterons le cercle. Le « prescrit » que nous avons adopté depuis 2022, son activité au cours des quatre dernières années, et enfin l'analyse qu'il nous est permis d'en faire à présent. Pour cela, nous nous appuierons sur le dialogue enregistré au cours de la séance de janvier 2026 et aussi sur les réponses recueillies auprès des personnes qui sont moins assidues depuis quelques temps.

Dans un deuxième temps, nous exposerons où en sont nos réflexions, aujourd'hui grâce au cercle de lecture ergologique, sur trois points : l'importance de ne jamais hésiter à revenir régulièrement à l'Homme Producteur pour saisir la spécificité de notre patrimoine ergologique, la question relative à la démocratie (*une démocratie à refonder ?*), et la question du dialogue social.

Pour aborder la démocratie et le dialogue social, nous nous interrogerons sur la pertinence de les approcher sous l'angle d'une « **Idée forte de la démocratie** » et d'une « **Idée forte du dialogue social** » en s'inspirant d'Yves Schwartz qui dans Expérience et Connaissance du Travail, propose « *d'identifier une double opposition tendancielle entre une idée forte et une idée faible de la science, entre une idée forte et une idée faible de la culture* » (p.37). Distinguer une « idée faible » de la démocratie et du dialogue social, nous semble un geste de lucidité pour être en capacité d'opposer des alternatives aux politiques autoritaires qui menacent.

Aussi, nous remplacerons volontiers le mot « science » par « démocratie » ou encore par « dialogue social » dans la citation ci-dessous :

« *Tenir pour une idée forte de la science [démocratie/dialogue social] (sans pour autant définir a priori les critères de ce qui la constitue comme telle ; accepter au contraire de remettre sans cesse en chantier notre appréciation sur le travail scientifique passé à la lumière du présent...)* », (ibid. ; p.38) nous paraît l'attitude à tenir pour aborder la démocratie et le dialogue social en « ergologues ». Une démocratie qui a privé pendant longtemps les femmes du droit de vote, un dialogue social qui fait encore l'impasse sur la mise en œuvre de dispositifs dynamiques à trois pôles, etc. Sont-ils les marqueurs d'une idée forte ?



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Pour autant, la vigilance à l'opposition entre idée forte et idée faible n'interdit pas la coopération et le dialogue avec celles et ceux qui ne la voit pas.

Si Yves Schwartz appelle à « *une solidarité entre une idée forte de la science et une idée forte de la culture* » nous pensons que la recherche d' : « ***une solidarité entre une idée forte de la démocratie / dialogue social et une idée forte de la culture*** » est prometteuse.

Sans dire précisément, ici, ce que nous entendons par une « idée forte » de la culture, nous croyons que le cercle de lecture ergologique n'est pas seulement une affaire « d'état d'esprit » miraculeusement apparu. Si « état d'esprit » particulier il y a, il faut le voir comme l'aboutissement d'une culture où la part qui relève de la démarche ergologique est loin d'être négligeable (attention à ne pas confondre action et activité, attention à favoriser le dialogue des savoirs en s'inspirant du dialogue socratique entre cultures et incultures spécifiques, effort pour solidariser rigueur scientifique et inconfort intellectuel ,etc.).

Dans un troisième temps, il s'agira de dégager ce qui fait la singularité de ce cercle. Est-il un maillon (sans doute modeste) pour changer le travail, les savoirs et les conditions du vivre ensemble ?

Peut-on mettre sur le même plan un groupe d'échanges d'idées, un groupe de paroles, un cercle de lecture et un cercle de lecture ergologique ? . Très certainement de fortes similitudes entre ces divers espaces d'expression existent. Mais en introduisant le patrimoine ergologique, en quoi est-ce novateur ? En quoi est-ce transformateur ?

Regarder autrui comme un « corps-soi » engagé dans une activité de dialogue, valoriser l'écoute permettant à l'autre de se construire son propre chemin, devrait nous permettre de dire en quoi la « culture ergologique » sert de catalyseur à « la culture éthique ».

En définitive, dans ce troisième temps nous souhaitons éclairer par l'exemple du cercle de lecture (qui n'est en aucune manière un modèle) ce qui peut se faire aujourd'hui pour que les discours sur le travail, sur le dialogue social, sur la démocratie, et plus généralement sur le vivre ensemble, n'usurpent pas les débats de normes.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGÍA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



ERGOLOGIA E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÃO PARA SE COMPREENDER A FORMAÇÃO DOCENTE

Jurandir Soares da Silva – UEMG Ibirité

Mariana Veríssimo – PUC Minas

A aproximação entre Ergologia e o Campo da Educação, permite compreender a formação docente a partir de uma perspectiva que ultrapassa concepções tecnicistas de ensino e rompe com a ideia de que o professor é apenas executor de métodos, metodologias e técnicas de ensino previamente definidos. Ao tomar o trabalho como categoria central de análise, a Ergologia contribui para reconhecer a docência como uma atividade humana complexa, situada histórica e socialmente, marcada por escolhas, valores e processos permanentes de reinvenção da prática pedagógica.

Sob essa perspectiva, o trabalho docente não pode ser reduzido ao cumprimento de prescrições curriculares ou ao domínio de técnicas de ensino. Existe sempre uma distância entre o trabalho prescrito — aquilo que é planejado, normatizado ou orientado institucionalmente — e o trabalho real, efetivamente realizado na sala de aula (Schwartz, 2011). É nesse intervalo que o professor mobiliza saberes construídos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, respondendo ao que Canguilhem (2009, p. 78) nomeia “infidelidades do meio”, isto é, às situações imprevistas, às demandas dos estudantes, às condições materiais e às dinâmicas próprias do contexto escolar. Assim, ensinar implica interpretar, decidir, adaptar e criar continuamente, evidenciando que a prática docente é atravessada por processos de julgamento e permanentes renormatização.

A Ergologia, especialmente a partir das contribuições de Yves Schwartz, introduz a noção de “corpo-si” (Schwartz, 2014) para evidenciar que toda atividade humana mobiliza dimensões biológicas, sociais, históricas e simbólicas da experiência da pessoa (ou sujeito, termo comum em educação). No caso da docência, isso significa reconhecer que as ações pedagógicas não decorrem apenas de escolhas racionais ou técnicas, mas expressam histórias de vida, valores, experiências formativas e modos singulares de compreender o ensinar e o aprender. Desse modo, o professor produz saberes no próprio exercício do trabalho, constituindo aquilo que Yves Schwartz (2021) denomina saberes investidos — saberes incorporados da/na experiência e inseparáveis da ação profissional.

Essa compreensão desloca significativamente o modo de pensar a formação docente. Em vez de priorizar exclusivamente os saberes acadêmicos - ou saberes constituídos, produzidos na universidade, a formação passa a ser entendida como um processo dialógico entre teoria e experiência. A Ergologia propõe superar a hierarquização entre os conhecimentos científicos e os saberes construídos no cotidiano escolar, reconhecendo o professor como sujeito produtor de conhecimento. Nesse sentido, a escola deixa de ser apenas espaço de aplicação de teorias e passa a ser concebida como lugar legítimo de investigação, reflexão e produção científica.

Tal aproximação se materializa por meio de uma pesquisa colaborativa entre Brasil, França e Moçambique, que utiliza a metodologia da autoconfrontação e de Grupos de Encontros do Trabalho (GET). Esses dispositivos, utilizados por um coletivo de



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY

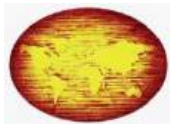


pesquisadores dos países envolvidos, apoiados nos conceitos desenvolvidos por Yves Schwartz e seus colaboradores ao longo de mais de quarenta anos da Ergologia — cujo marco fundador é a obra *Homem Produtor: em torno das mutações do trabalho e dos saberes* —, favorecem a análise do trabalho e da formação docente sob o viés da noção de atividade humana. Nos espaços escolares, professores, pesquisadores e demais profissionais da escola compartilham experiências, confrontam pontos de vista e problematizam o trabalho real, constituindo uma comunidade ampliada de produção de saberes (Oddoni; Briante, 1981). O processo formativo emerge, portanto, da reflexão crítica sobre a própria prática, fortalecendo a autonomia profissional e a consciência do professor como trabalhador intelectual.

Dessa forma, a Ergologia contribui para redefinir a formação docente como processo contínuo, coletivo e situado no trabalho. Formar professores não significa apenas transmitir conteúdos pedagógicos, mas criar condições para que os docentes analisem suas atividades, compreendam as decisões que realizam no cotidiano e transformem suas práticas a partir do diálogo entre experiência e conhecimento teórico. A aproximação entre Ergologia e Educação reafirma, assim, a centralidade do trabalho docente na produção de saberes e evidencia que a profissionalização docente se constrói no movimento permanente de reflexão sobre o agir pedagógico.

Referências

- ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail? Paris: Éditions Sociales, 1981
- SCHERER, M. D. DOS A. et al.. Entrevista: Yves Schwartz. Trabalho, Educação e Saúde, v. 20, p. e00336166, 2022.
- SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.
- SCHWARTZ, Y. Motivações de conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014
- SCHWARTZ, Yves et FAÏTA, Daniel (org.). L'Homme Producteur, autour des mutations du travail et des savoirs. Editions Sociales, Paris, 1985.
- RUZZA, Renato Di, et SCHWARTZ, Yves. Le continuum des savoirs et les conceptualités ergologiques. in: RUZZA, Renato Di, et SCHWARTZ, Yves. Agir humain et production de connaissances, Presses universitaires de Provence, 2021. p. 97-108
<https://doi.org/10.4000/books.pup.26370>



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



TRAVAIL, EDUCATION ET SENSIBILITE

Alvaro CASAS (Uruguay)

Les articulations entre éducation et travail sont au centre du débat contemporain.

Nous parlons de la formation, de l'enseignement technique, technologique et professionnel, de la TVET (technical and vocational education and training), des programmes d'inclusion sociale centrés sur le travail, ainsi que des dialogues entre les systèmes éducatifs et le monde du travail en général.

Nous postulons que l'ensemble de ces éléments doit être considéré sous l'angle de l'éducation et du travail. Tel est l'objet de l'approche/perspective que nous présenterons ci-après.

La pression du monde du travail contemporain pour que l'éducation développe les dites compétences transversales tend à confondre la mission des systèmes éducatifs avec une logique de compétences professionnelles. De leur côté, les espaces de travail au sein des organisations ou des entreprises sont souvent présentés comme des espaces d'apprentissage, voire d'enseignement de compétences, de capacités ou même de citoyenneté, ce qui conduit à une confusion similaire.

Les compétences, d'une part, et la notion d'enseignement, d'autre part, peuvent être considérées comme des exemples de catégories constitutives respectivement des espaces du travail et de l'éducation, mais qui sont utilisées indistinctement dans l'un ou l'autre sens.

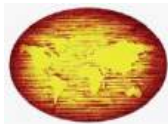
Éviter une discussion conceptuelle autour de l'articulation entre éducation et travail revient ainsi à tomber dans les dérives de postulats dépourvus de la rigueur conceptuelle nécessaire.

Par ailleurs, l'articulation entre éducation et travail est souvent présentée à partir de visions politico-partisanes, qui colorent fréquemment – ou se proposent comme – la seule ou principale voie d'analyse de ces relations.

Il s'agit là d'un des risques à éviter dans un dialogue social entre éducation et travail: ne pas laisser les positions ou arguments politico-partisans envahir une discussion qui doit aller plus loin, afin de se transformer en un véritable espace de construction collective et de débat.

C'est dans cette perspective que se situent plusieurs auteurs qui analysent ces liens à partir d'approches fondées. À cet égard, nous identifions deux grandes tendances dans l'articulation entre éducation et travail : les efforts des écoles dites de **Educación y Trabajo**, d'une part, et ceux de la perspective appelée **Trabalho Educacao**, d'autre part.

Ces deux visions offrent des réponses fondées à l'articulation et nourrissent le débat que nous proposons, mais elles laissent également certaines questions sans réponse. La première parce qu'elle dissocie l'éducation du travail. La seconde parce qu'elle ne met pas suffisamment l'accent sur la spécificité de l'éducation, entre autres aspects à considérer.



Au-delà des particularités et des apports de ces approches, il devient nécessaire de disposer d'orientations conceptuelles capables de guider et d'alimenter le débat, permettant de construire un cadre commun et un langage partagé.

Nous proposons pour cela un cadre dénommé **TRES**, correspondant aux initiales de son acronyme : **Travail, Éducation et Sensibilité**. Il s'agit d'un cadre qui part d'expériences concrètes de travail socio-éducatif avec des adolescents et des jeunes vivant dans des situations d'exclusion et qui se concrétise dans des apports conceptuels précis. Il s'inspire notamment des contributions d'auteurs uruguayens contemporains, comme celles du peintre, philosophe et éducateur **Pedro Figari**, qui fait l'objet de notre thèse de doctorat actuellement en cours d'achèvement.

Il s'agit d'un cadre qui propose de penser de manière intégrale l'articulation entre ces dimensions, sur des bases conceptuelles solides, et qui dépasse les frontières de la formation, de l'éducation, du travail ou encore de l'éducation artistique, entre autres.

Nous proposons un schéma synthétique qui articule le travail, l'éducation et la sensibilité.

Ce schéma est illustré dans la figure suivante.

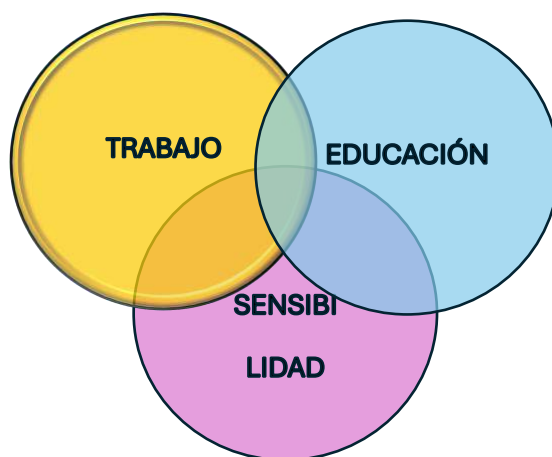


Figure 1 : Schéma général de la perspective TRES.

On y distingue les espaces spécifiques ainsi que les espaces communs du travail, de l'éducation et de la sensibilité. Chacun de ces espaces peut être nommé comme un **construct historique vital conceptuel (CHVC)**, que nous ne détaillerons pas ici en raison des contraintes de format.

Ces espaces ou constructs sont référencés par différents cadres théoriques. À titre de synthèse, nous privilégions les liens du travail avec sa perspective conceptuelle de référence, c'est à dire l'**ergologie**, de l'éducation avec la sienne, voire la **pédagogie** et de la sensibilité avec sa perspective de réflexion, voire l'**esthétique**. C'est à noter que ce sont des cadres interlocuteurs mais non pas exclusifs.

La **figure n°2** illustre ces constructs ou espaces, configurant l'espace éducation, l'espace travail et l'espace sensibilité (EE, ET et ES).

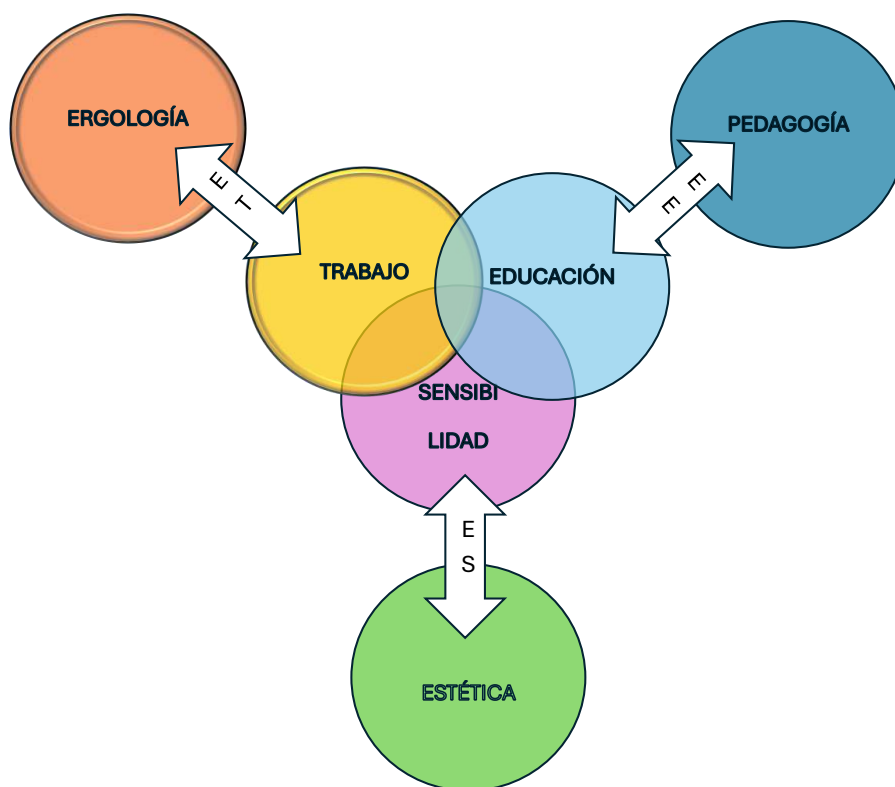


Figure n°2 : Configuration des espaces ou constructs Travail, Éducation, Sensibilité.

Les perspectives conceptuelles de référence dialoguent librement entre elles, ce qui exprime le jeu nécessaire du travail intellectuel. De même, les objets d'étude qui se configurent encadrent ce travail intellectuel, comme symbolisé par l'ancre dans la figure n°3. Par exemple, si l'objet est le travail enseignant, l'ergologie peut être mobilisée comme l'une des perspectives de référence pour l'analyser ; dans ce cas, l'ergologie se réfère à l'éducation. Cet exemple et d'autres peuvent être suivis à l'aide de la figure n°3.

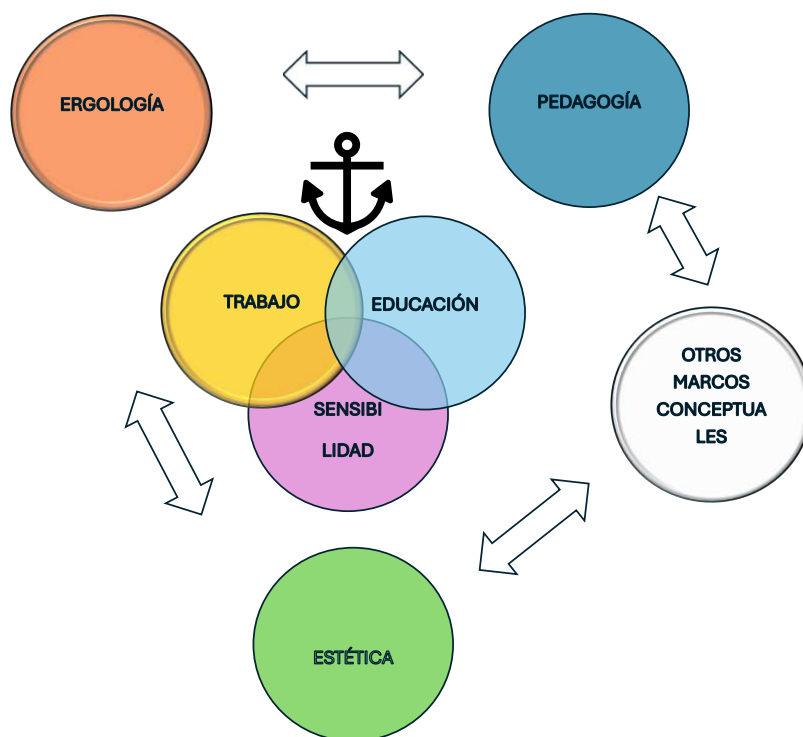


Figure n°3 : Jeu libre des cadres conceptuels avec adéquation à l'objet.

Enfin, dans l'articulation entre ces constructs se configurent différents objets de recherche. À titre d'exemple: la formation professionnelle se situe entre l'éducation et le travail ; la formation esthétique-sensible entre l'éducation et la sensibilité ; le travail créatif entre le travail et la sensibilité. Cela est illustré dans la figure n°4.

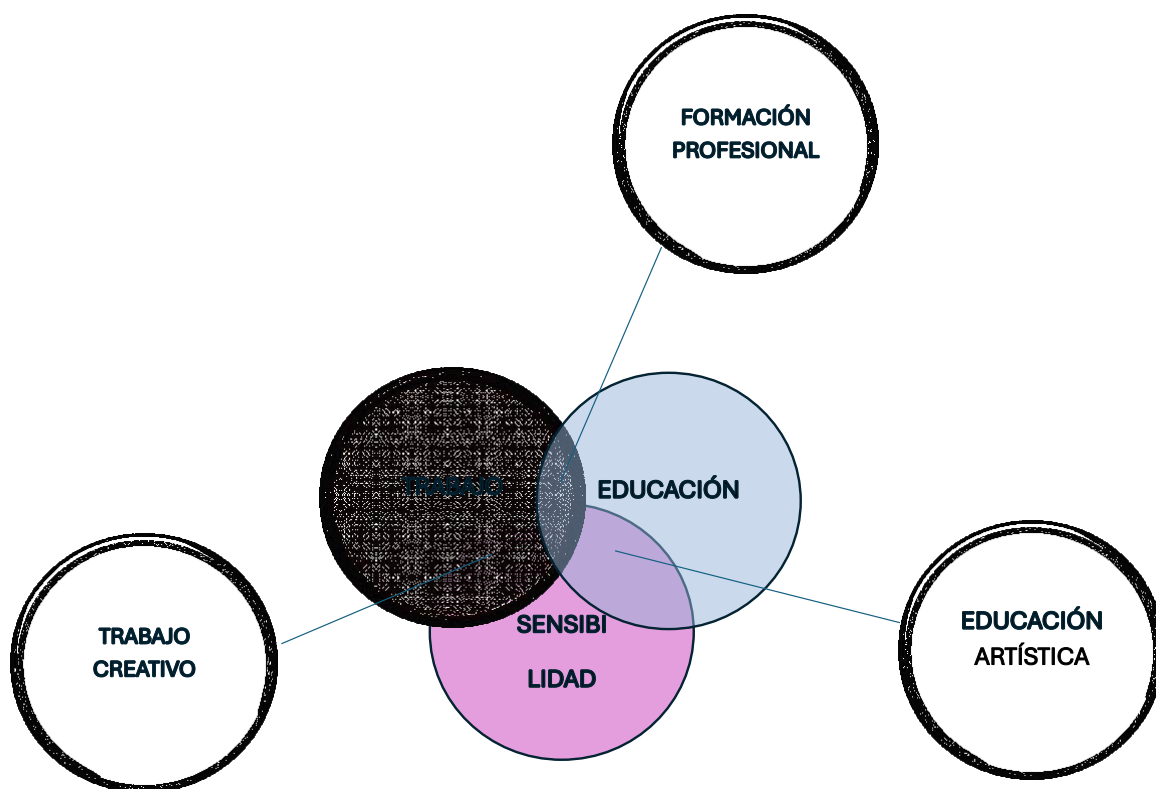


Figure n°4 : Configuration de différents objets de recherche.

Comme le montre cette figure, de multiples objets de recherche sont interpellés à partir de la perspective TRES.

Les dynamiques du dialogue social trouvent dans cette perspective un ancrage, un ensemble de considérations conceptuelles et, pourquoi pas, un langage commun permettant de mener à bien l'exigeant et nécessaire dialogue entre éducation et travail.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



DIALOGUE SOCIAL : ENJEUX DE RENFORCEMENT OU DE REDIRECTION ?

Catherine LEVRAT-PINATEL, Aract Occitanie

Magali DUBOIS-WILD, Aract Auvergne Rhône-Alpes

Le dialogue social tel qu'il se décline aujourd'hui s'articule autour de trois dimensions : les instances de représentation du personnel, la négociation de branches, d'entreprises et le dialogue social territorial. Depuis la profonde refonte des modalités du dialogue social en 2017, de nombreux travaux nous ont éclairé sur les pratiques des acteurs du dialogue social et les difficultés récurrentes qu'ils rencontrent pour aboutir à des dispositions, actions, transformations, en faveur des enjeux de toutes les parties prenantes. Pour exemple, aux sujets dits traditionnels (tels que la prévention des risques professionnels, de l'usure professionnelle ou encore la construction de données utiles à la décision) qui restent difficiles à instruire paritairement dans les instances, s'ajoutent des sujets de plus en plus complexes. Ainsi, les sujets s'accumulent sur la table des instances avec une difficulté amplifiée à lier enjeux stratégiques, économiques et de conditions de travail. De même, la négociation peine à s'appuyer sur un diagnostic partagé des enjeux, à problématiser conjointement les questions à résoudre, à convoquer la réalité du travail, à se doter de méthode négociée pour élargir les possibilités en matière de dispositions effectives et transformatrices. Enfin, le dialogue social territorial reste marqué par une forte hétérogénéité de fonctionnement et une articulation limitée avec les entreprises.

Néanmoins, l'analyse des pratiques permet également de mettre en lumière de véritables leviers, réussites qui répondent aux enjeux à traiter. Plusieurs ingrédients sont ainsi identifiés : la représentation des acteurs et particulièrement celle des employeurs, sur l'utilité du dialogue au sens d'un processus permettant de transformer des aspirations individuelles en intérêt commun ; l'intérêt de confronter des points de vue généralement différents et souvent divergents pour identifier une autre voie, celle permettant de mieux articuler stratégie, organisation et activités de travail ; la formation et l'accès à des ressources pour mieux comprendre les sujets et ainsi agir avec plus d'efficacité ; des processus de travail et des moyens d'action à la hauteur du travail de dialogue social à réaliser, permettant d'intervenir en amont des transformations pour mieux appréhender leur utilité et leurs impacts sur l'emploi et le travail d'une part, l'organisation voire le territoire d'autre part. Ainsi on peut résumer les leviers d'un dialogue social productif et de qualité en trois points : la façon de traiter les sujets, les processus de travail mis en œuvre par les acteurs et bien évidemment les relations entre ces derniers, c'est-à-dire leur posture, leur rapport au dialogue social et à la place du travailleur dans le fonctionnement de l'entreprise, à la prise en considération de son nécessaire pouvoir d'agir.

Les évolutions sociétales imposent de nouveaux sujets aux acteurs du dialogue social, notamment ceux liés à la transition écologique et aux transformations numériques, dont l'essor de l'intelligence artificielle. Face à cette complexité, les acteurs sont incités à opérer plusieurs mouvements : l'ouverture du périmètre du dialogue social à l'extérieur de l'entreprise pour mobiliser des ressources inexistantes et dialoguer sur les impacts

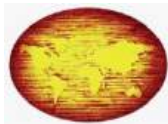


des choix stratégiques de l'entreprise sur son territoire ; la mobilisation du dialogue social en amont des décisions des projets, permettant d'installer un débat éthique sur les choix stratégiques de ces transitions avec les salariés/citoyens ; la réintégration du travail réel et des savoirs de l'activité dans le dialogue social pour véritablement accompagner ces transitions et anticiper les impacts inédits sur l'emploi, les conditions de travail, la santé au travail, le sens au travail, la qualité du travail.

Les travaux issus de la 38^{ème} session nationale de l'Institut national du Travail, de l'Emploi et de la Formation Professionnelle illustrent ces enjeux. Ce dispositif de dialogue social, existant depuis 1986, s'appuie sur la participation d'auditeurs issus de trois collèges : des représentants de syndicats de salariés, d'employeurs et d'acteurs publics. Les principes innovants de ces sessions sont basés sur le croisement de regards, la confrontation de points de vue entre des savoirs issus de l'expérience de chaque auditeur, de savoirs académiques articulés avec des témoignages d'acteurs d'entreprises. Un processus itératif qui permet de lever les freins liés aux représentations et propose un espace adéquat pour le débat de normes. Le thème de la SN38 « Défis écologiques, numériques et recomposition des modes de productions : vers des trajectoires soutenables et désirables » a permis au groupe d'auditeurs¹⁰ de travailler sur les enjeux d'une nécessaire revitalisation du dialogue social, en pointant les tensions à l'œuvre utiles à traiter pour davantage inscrire les transitions dans le dialogue social. Le groupe s'est appuyé sur les matériaux mis à disposition, en miroir de l'expérience de chacun, pour coconstruire des propositions visant à redessiner le dialogue social, ce en explorant plusieurs axes : le renforcement du dialogue social dans les processus de transitions, la construction d'un dialogue plus articulé et la mise en cohérence entre des temporalités hétérogènes. Tout en posant la question de la nature des transformations du dialogue social à opérer : de l'ordre d'une revitalisation ou d'une redirection.

¹⁰ Livret 10 propositions vers un dialogue social revitalisé pour accompagner les transitions : https://www.intefp.travail-emploi.gouv.fr/files/SN38_Docfinaux/10%20propositions.pdf

Contributeurs : Collège privé : M. Geffrier SALESFORCE, D. Jacob MEDEF 71, A. Vivier IST ; Collège syndical : A. Balle CFDT, JM. Boulanger CFTC, M. Rih FO MÉTAUX, F. Rouchy CGT, S. Surre CFE-CGC ; Collège public : C. Jaeggy UNEDIC, C. Levrat-Pinatel ANACT, V. Maille DDETS-PP 07, C. Métral DGFIP.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



CONFRONTATION AU REEL ET PUISSANCE DU LANGAGE

Yves BAUNAY

Institut de Recherches de la FSU

Dans mes activités diverses, le social collectif s'imbrique à l'individuel singulier, gestuel et subjectif : activité sportive, activité de recherche, activité domestique, citoyenne, syndicale associative, politique...Elles ont toutes cette particularité d'une confrontation énigmatique. D'un côté, des expériences réelles vécues et accomplies par mon corps tout entier : ce « corps soi » est agi par moi, selon des processus inconscients et conscients avec des débats avec moi-même de normes et de valeurs. Ce corps soi réagit dans le même mouvement aux sollicitations des autres, à leur agir porteur aussi d'autres normes et de valeurs. Dans ces confrontations, un dialogue social singulier se déploie. Ce que l'ergologie désigne, conceptuellement parlant, par « les dramatiques d'usage de soi par soi et par les autres ». Ces dramatiques d'usage des corps soi au sein de collectifs divers se matérialisent dans les activités réelles de travail et autres. Des liens se tissent ; de coopération, de conflits, de bienveillance ou de maltraitance, avec toutes les nuances que peuvent produire les engagements de ces corps soi au sein d'activités partagées. Dans ces « dialogues sociaux » de toutes sortes où s'engagent des hommes et des femmes dans la conduite de leurs activités réelles et partagées, l'activité langagière s'invite d'une façon encore plus énigmatique. Elle transforme complètement la nature, le sens et le déroulement des confrontations. Celles-ci se manifestent dans les dramatiques d'usage des corps soi par soi et par les autres. Elles sont d'abord des affrontements entre des manières de faire et de conduire tel ou tel activité, avec des gestes, des usages du temps, des coordinations, des frictions, entre des postures physiques contradictoires ; mais pas seulement. Selon une certaine conception du langage, au-delà des conflits de normes et de valeurs, l'activité langagière introduit des confrontations entre des « visions du monde » où se situent ces activités, et bien au-delà d'ailleurs.

Ce rôle du langage reste à découvrir sous ses aspects pratiques et théoriques. Les usages qui en sont faits, dans les expériences réelles d'activité humaine de travail et autres, sont l'objet de recherches que personnellement, j'ai découvert très récemment.

Cela a produit chez moi le sentiment d'une avancée extraordinaire dans la connaissance de la vie et de l'activité humaine. Et dans la façon dont les humains qui peuplent la planète font histoire et société. Pour le pire comme le meilleur !

Dans cet essai de dialogue avec moi-même et avec les autres, je tente de faire le point sur mon propre cheminement vers une certaine théorie du langage que j'appellerai, après d'autres, « la puissance du langage »



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



O QUE OS OLHOS AGUENTAM VER: UMA ANÁLISE DA ATIVIDADE DO TRABALHO DE MODERADORES DE CONTEÚDO BRASILEIROS RESIDENTES NA ESPANHA

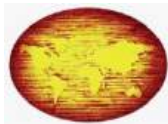
Hugo Gama P. dos Santos; Talita Nascimento T. Coelho; Simone Santos Oliveira

Palavras-chave: Trabalho de Dados; Moderação de Conteúdo; Inteligência Artificial (IA); Ergologia; Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora

O avanço das tecnologias digitais e a expansão das plataformas de mídia social têm produzido novas formas de organização do trabalho. Nesse contexto, o trabalho de moderação de conteúdo surgiu como uma necessidade para manter a ordem e os padrões sociais aceitáveis nas plataformas digitais. Apesar da forte base tecnológica o trabalho humano continua sendo imprescindível nesse processo, garantindo que conteúdos que violam termos de uso ou a lei fiquem fora das telas, proporcionando um ambiente seguro e confiável para usuários, anunciantes e parceiros de negócios. À luz da perspectiva ergológica, buscou-se compreender o trabalho prescrito, bem como identificar ingredientes da competência e os debates de normas presentes nessa atividade de trabalho. Realizou-se entrevistas semiestruturadas individuais, com 10 trabalhadores/as brasileiros/as residentes na Espanha, sendo 5 homens e 5 mulheres, que trabalham para uma empresa de *Business Process Outsourcing* (BPO) responsável pela moderação de conteúdo para as plataformas da Meta.

Os relatos evidenciam uma organização do trabalho marcada por forte padronização e controle, combinando tarefas fragmentadas e repetitivas, uma espécie de 'taylorismo digital'. Para além da monotonia das tarefas, caracterizada principalmente por cliques repetitivos e decisões rápidas de classificação, os moderadores são expostos de forma constante a conteúdos sensíveis e de extrema violência. A organização do trabalho é estruturada por turnos rotativos nos quais os trabalhadores mudam de horário a cada duas semanas, alternando entre manhã, tarde e noite. Esse regime provoca dificuldades na organização da vida cotidiana e no ritmo biológico. O controle da atividade se manifesta por meio de monitoramento digital permanente: os/as trabalhadores/as devem permanecer cerca de uma hora consecutiva diante da tela, seguidas de pausas de cinco minutos. Há ainda 20 minutos de pausa para refeição, frequentemente apontados como insuficientes, e 40 minutos semanais destinados ao "wellness", período em que poderiam conversar com psicólogos da empresa ou utilizarem a sala de jogos.

Entretanto, a maioria dos entrevistados relatou utilizar esse tempo para conversar com colegas e tentar se distrair, pois consideram as sessões psicológicas oferecidas insuficientes e pouco especializadas para lidar com o sofrimento psíquico decorrente dessa atividade. As pausas e tempos são rigidamente controlados por softwares que monitoram a atividade no computador, detectando movimentação do mouse e presença na plataforma. Paralelamente, *team managers* circulam constantemente pelo ambiente de trabalho, reforçando o cumprimento das metas e dos horários estipulados. Nesse contexto, os trabalhadores relatam pouca ou nenhuma margem para negociação ou flexibilização das normas. A tarefa consiste em avaliar conteúdos sinalizados por sistemas de Inteligência Artificial da Meta como potencialmente contrários às políticas



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLOGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



da plataforma, para isso, os moderadores recebem manuais de classificação que frequentemente se mostram insuficientes ou ambíguos, embora sejam cobrados a atingir taxas de acerto de cerca de 90%.

Diante dessas lacunas normativas, surgem importantes processos de cooperação entre os/as trabalhadores/as, que discutem entre si como classificar determinados conteúdos. Quando não chegam a um consenso, alguns optam por pular a tarefa ou responder conforme sua interpretação, mesmo correndo o risco de erro, dado que há um tempo médio de um minuto e meio para cada decisão. Essas situações evidenciam dinâmicas típicas da atividade de trabalho, nas quais se expressa o uso de si por si e pelos outros, bem como processos de renormatização que permitem sustentar a produção diante da insuficiência das normas prescritas. A cooperação também se mostra fundamental nos momentos de sofrimento: diversos relatos descrevem trabalhadores/as acolhendo colegas após exposições particularmente perturbadoras. Os impactos na saúde aparecem de forma recorrente nas entrevistas.

Além de pesadelos, pensamentos intrusivos, ansiedade e desconfiança generalizada, alguns trabalhadores/as relatam mudanças na relação com o cotidiano, como imaginar acidentes ao observar situações banais. Também foram mencionados consumo de álcool ou outras substâncias como formas de lidar com o estresse, assim como o ganho de peso, associado ao curto intervalo para o almoço e à fácil disponibilidade de *junk foods* em máquinas de venda na empresa. A monotonia da tarefa surge como outro fator agravante: descrevem uma sensação de empobrecimento cognitivo, relatando dificuldade de concentração, perda de interesse por leituras longas, filmes ou conteúdos mais complexos.

Ainda assim, a principal motivação para permanecer no trabalho é o salário, considerado elevado para os padrões espanhóis (cerca de 2.000 €, acrescidos de bônus por metas, vale refeição, plano de saúde e adicionais noturnos), tratando-se de um emprego que não exige experiência prévia, apenas fluência em português. Os resultados indicam que o controle rígido das normas, aliado à limitação das possibilidades de renormatização no cotidiano de trabalho, aparece como um dos principais fatores de sofrimento relatados. Somado à exposição constante a conteúdos violentos, esse contexto coloca importantes desafios para a saúde desses/as trabalhadores/as. Entre as possibilidades apontadas pelos/as entrevistados/as estão o desenvolvimento de soluções tecnológicas que reduzam a exposição direta a conteúdos sensíveis, como sistemas de desfoque automático, bem como a implementação de acompanhamento psicológico contínuo e especializado. Por fim, destaca-se a necessidade de maior fiscalização das condições de trabalho nesse setor, considerando os impactos humanos frequentemente invisibilizados na moderação de conteúdos digitais.



O HOMEM¹¹ PRODUTOR NA SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE A ERGOGESTÃO DO TRABALHO DOCENTE-DISCENTE

Ariane Pereira Magalhães de Oliveira

Mariana Veríssimo

Palavras - chave: Ergogestão. Trabalho docente-discente. Desconforto Intelectual. Saberes constituídos. Saberes Investidos.

Este texto problematiza a clássica separação entre gestão e execução, característica do modelo taylorista-fordista de organização do trabalho. Nesse modelo, a gestão é concebida como instância que planeja, controla e define normas, enquanto a execução caberia aos trabalhadores, reduzidos a agentes que apenas realizam tarefas prescritas previamente. Para Schwartz (2021), essa divisão não se sustenta no trabalho real, afinal os trabalhadores arbitram, fazem escolhas e tomam decisões diante dos imprevistos e das infidelidades do meio.

Historicamente, no Brasil, reformas educacionais especialmente a partir da década de 1990 colocaram em foco a avaliação, o currículo, a gestão e o controle de informações (Freitas, 2012). A formação docente e de gestores passou ao longo do tempo a basear-se em parâmetros de avaliação por competência, em uma lógica de produtividade e competição. Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo problematizar uma concepção de gestão centrada no controle e na hierarquia, contrapondo-a à ergogestão, que reconhece o trabalho como atravessado por saberes científicos, técnicos e da experiência. A gestão, assim, se realiza no próprio fazer, por meio de decisões coletivas e situadas, em uma dinâmica de compartilhamento de saberes, tomadas de decisões em que os trabalhadores participam ativamente das mudanças, da produção das normas e das decisões (Schwartz; Faïta, 1985). Assim, a ergogestão desloca o foco da gestão como instância separada para uma compreensão mais ampla, em que gerir e fazer são dimensões indissociáveis da atividade humana.

Nesse cenário, não está tudo decidido, pois existem elementos políticos, culturais e o meio escolar que não se ajusta linearmente às imposições e reformas. Existem movimentos, resistências, o que nos leva à seguinte questão: A gestão, no tocante ao trabalho de um diretor de uma unidade escolar está circunscrita a uma mera gestão de crises? A perspectiva ergológica que nos mobiliza neste trabalho, nos leva a responder negativamente a esta questão. Como afirma Schwartz (2000), nas situações de trabalho se pode encontrar a presença viva de uma pessoa. A partir desta premissa, o trabalho é concebido como um lugar de debates de valores, em que se negocia o *uso de si por si e pelos outros*.

Cada pessoa em situação de trabalho então, é convocada a gerir sua atividade, frente às normas antecedentes, documentos, leis, planejamentos, ao que consideramos como trabalho prescrito, mas também frente às variabilidades do meio, às situações

¹¹ O termo “homem produtor”, conforme mobilizado na abordagem ergológica, não se refere ao gênero masculino, mas ao humano em sua condição genérica. Trata-se de uma expressão historicamente situada, utilizada para designar o sujeito que produz, age e transforma o mundo por meio do trabalho, independentemente de sua identidade de gênero.



imprevistas no aqui e agora do trabalho, ou no que consideramos trabalho real. Entre o trabalho prescrito e o trabalho real, se engendram as decisões dos trabalhadores, que fazem escolhas de acordo com seus saberes investidos, suas experiências, suas histórias de vida e seus valores, portanto há também nesse conjunto de questões a noção de corpo-si que nos possibilita a inferir que trabalhar é gerir (Schwartz, 2000; Souza, 2009). E porque não dizer que todo trabalho requer a formação de um coletivo de homens produtores que estão em sintonia para fazer a ergogestão do trabalho para que este seja realizado a contento?

Baseados na noção de que trabalhar é gerir, Souza (2009), nos ajuda a pensar a gestão como um conceito ampliado, algo que as pessoas operam ao trabalhar, e não somente como uma função exclusiva dos gestores, supervisores, diretores. Portanto, todos os trabalhadores estão fazendo a gestão de si também no momento em que trabalham. Entretanto, em uma escola, especialmente em uma escola da rede pública de educação, cabe aos diretores, gerir o trabalho dos outros, gerir tempos, documentos, programas, verbas, sozinho? Em meio a uma gama de demandas complexas, ele precisa fazer a gestão sozinho? Em muitos casos, os diretores escolares se sentem premidos pelas demandas burocráticas, o que acaba por ocasionar um distanciamento de certas situações próprias do cotidiano da escola, por vezes até mesmo se distancia do coletivo docente da escola, ou como eles costumam dizer, um distanciamento do “pedagógico” (Souza, 2007; Estrada; Viriato, 2012).

Nessa direção, o caso de uma professora com participante de uma pesquisa em andamento, intitulada: A(s) Prática(s) Pedagógica(s) de Professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental após a Pandemia da Covid-19: pesquisa colaborativa em escolas das cinco regiões do Brasil. Após explicarmos o objetivo da pesquisa, a referida professora respondeu com receio e preocupação: *“Eu não tenho a prática desse período (da Pandemia da Covid-19). Eu atuava como diretora durante a pandemia, então penso que não consigo contribuir. Eu cuidava mais da parte burocrática”*. É notável a separação entre a dimensão da gestão e a dimensão do trabalho docente nesta fala. Em se tratando de compreender as reconfigurações das práticas pedagógicas de professoras do Ensino Fundamental I durante e após a pandemia da Covid-19, a professora trata como algo estranho a ela, que esteve acompanhando o processo de orientar e mediar a transição para o regime letivo remoto, a organização logística da entrega de atividades e cestas básicas, dentre outras iniciativas como a viabilização da busca ativa pelas crianças face ao número alto de crianças ausentes, ou mesmo que evadiram da escola neste período. É como se a professora, que na ocasião da pandemia era diretora, se sentisse estrangeira em seu próprio *métier*.

Gerir o trabalho ancorado na perspectiva da ergogestão, requer a compreensão do trabalho como atividade situada e atravessada por debates de normas, exigindo do gestor no contexto educacional, uma postura de abertura ao desconhecido, na relação com os pares, com discentes e com as famílias. Nesse contexto, o desconforto intelectual torna-se condição fundamental para reconhecer o caráter inacabado do conhecimento e sustentar uma atitude de humildade frente ao real. Tal postura possibilita o diálogo entre saberes constituídos — formais e sistematizados — e saberes investidos, produzidos na experiência, elemento central para uma gestão que reconheça a complexidade do trabalho humano.



As normas, enquanto saberes constituídos, são essenciais, mas insuficientes diante da complexidade do trabalho. Já os saberes investidos emergem da experiência e das situações concretas. O trabalho, portanto, não se reduz à aplicação de normas, exigindo arbitragens e renormatização contínua. A relação entre saberes constituídos e investidos não é de oposição, mas de tensão criadora. É nesse encontro que se produzem novos saberes sobre o trabalho, evidenciando seu caráter dinâmico, situado e profundamente humano.

Referências

FREITAS, Luiz Carlos de. Os Reformadores Empresariais da Educação: da Desmoralização do Magistério à destruição do Sistema Público de Educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr.-jun. 2012.

ESTRADA, Adrian Alvarez; VIRIATO, Edaguimar Orquiza. A escola enquanto organização burocrática: A Gestão Escolar na perspectiva dos Diretores Escolares de Cascavel. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 12, n. 45e, p. 18-33, 2012. DOI: 10.20396/rho.v12i45e.8640105. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/864010>

SCHWARTZ, Yves; FAÏTA, Daniel (Dir). **L'homme producteur**: autour des mutations du travail et des savoirs. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Org.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Eduff, 2021.

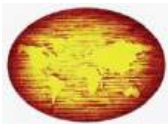
SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pro-posições**, Campinas, V. 1, N. 5(32), p. 34-50, jul. 2000

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Wladimir Ferreira de. **Gestão e saúde, uma perspectiva ergológica: com quantos gestos se faz uma gestão**. Tese doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. **Os Dirigentes Escolares no Brasil. Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 15, n. 27, p. 51, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/642>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SOUZA, Wladimir Ferreira de; VERÍSSIMO, A ergogestão: por um outro modo de gerir o trabalho e as reservas de alternativas. **Ergologia**, n. 1, p. 75-90, 2009. Disponível em: <https://teste.ergologia.org>



QUANDO O LOBO MAU É UM *BRAINROT CREEPY CUTE*: A URGÊNCIA DA *MEDIA LITERACY* NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O DIÁLOGO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE, E A MEDIAÇÃO CORRESPONSÁVEL DA EXPERIÊNCIA DIGITAL DAS CRIANÇAS

Mariana Verissimo¹²

Erika Barboni¹³

Quando professores e famílias se deparam com os conteúdos digitais que fascinam crianças e adolescentes, suas reações raramente permitem o diálogo. Este trabalho propõe que essa falha dialógica seja estrutural, com raízes na ausência de instrumentos estéticos e críticos capazes de tornar legível, para educadores e famílias, o que circula nos ambientes digitais globais em que crianças do mundo todo se aventuram sozinhas, diariamente. (Schwartz, 2000; Schwartz; Durrive, 2007).

A partir de uma experiência de formação inicial de professores, em uma universidade brasileira, dedicada à cultura digital infantil, analisamos os brainrots italianos como sintomas privilegiados da crise do diálogo no espaço educativo sobre infância e cultura digital. Forma estética dominante da cultura digital infantil contemporânea, o *creepy cute*, que os brainrots italianos encarnam, utiliza a *cuteness* para normalizar violência, tornar o sofrimento consumível e circular livremente entre crianças que não têm instrumentos para nomear o que sentem ao consumi-los.

Para compreender a complexidade do fenômeno, foi preciso articular vários campos: as categorias estéticas de Sianne Ngai (2012) (*cute*, *zany*, *interesting*) que mostram como o *cute*, longe de ser inocente, seja estruturalmente ligado a relações de poder, vulnerabilidade e consumo e, por isso, possa ser considerado uma categoria estética central do capitalismo contemporâneo; o *Kindchenschema* de Konrad Lorenz (1943) que demonstra a base biológica da atração pelo fofo como gatilho neurológico pré-racional; o grotesco de Bakhtin (2010) e o *Unheimliche* de Freud (2010) que explicam como o *creepy cute* opera precisamente no limiar entre o familiar e o perturbador; a distinção de Kahneman (2012) entre Sistema 1 e Sistema 2 que mostra como esses conteúdos atraem antes que a razão os possa analisar; o capitalismo de vigilância de Shoshana Zuboff, (2020) que revela como o algoritmo amplifica e monetiza esse mecanismo, considerando a atenção das crianças como matéria-prima. Esse conjunto analítico permitiu identificar que as crianças estão inseridas numa lógica de captura da atenção e do afeto cujas consequências ultrapassam largamente o espaço digital e chegam até a sala de aula. Do ponto de vista ergológico, esse conjunto de análises permite reconhecer que as crianças estão engajadas numa atividade complexa, atravessada por debates de normas implícitos, cujos efeitos ultrapassam o espaço digital e reconfiguram o trabalho escolar.

Sob uma perspectiva ergológica, essa situação exige uma reconfiguração da compreensão do trabalho real tanto das crianças quanto dos professores. Para muitas crianças, smartphones e plataformas digitais passam a integrar o corpo-si, (Schwartz, 2000)

¹² Professora na PUC-Minas

¹³ Mestre em Scienze della Comunicazione, Università La Sapienza de Roma, Pedagoga pela PC-Minas



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



reorganizando modos de atenção, sensibilidades, afetos e formas de relação com o mundo de maneira que as normas escolares e familiares não reconhecem. Para professores e instituições, o confronto com essas experiências digitais produz frequentemente uma desorientação interpretativa que bloqueia o diálogo e fragiliza a ação educativa. Na ausência de espaços para o diálogo e instrumentos que permitam nomear o que opera nos conteúdos digitais consumidos pelas crianças, torna-se impossível para o professor mediar o processo de ensino aprendizagem a partir do repertório real dos alunos, bem como construir pontes de comunicação entre escola, família e infância. É, ainda altamente improvável que a criança consiga compartilhar com o adulto as experiências e sensações que vive no ambiente digital.

A tensão entre normas antecedentes — prescrições pedagógicas, discursos moralizantes, políticas regulatórias — e o trabalho real das crianças e professores constitui, assim, o nó central que impede a emergência de diálogos genuínos entre escola, família e crianças. É precisamente nesse ponto que a abordagem ergológica converge com a *media literacy* crítica (BUCKINGHAM, 2013): ambas apostam na possibilidade de reconstruir o diálogo a partir do trabalho real, reconhecendo os debates de normas que atravessam o trabalho e valorizando os saberes investidos produzidos na vivência, em vez de impor respostas externas e abstratas.

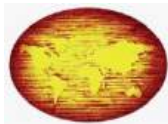
Concluimos que a mediação corresponsável, entre escola, família e sociedade, da experiência digital das crianças não é uma mera questão prescritiva de regulação de telas, mas uma questão democrática que exige reconstruir as condições de um diálogo que se torna possível somente se adultos dominarem as ferramentas para participar dele. Uma possível solução consiste em resgatar o controle do bem mais precioso da internet, a atenção. Contra a lógica de captura que transforma a atenção das crianças em mercadoria, é possível repensar a atenção não como recurso individual a ser gerido, mas como prática coletiva, política e educável, no âmbito daquela que Citton (2014) chama “ecologia da atenção”. Nesse sentido, formar professores sobre cultura digital infantil e promover diálogos no ambiente de trabalho educativo e entre escola e sociedade, é um ato político e uma condição necessária para que as crianças não sejam “presas” do lobo, mas protagonistas ativas de suas próprias histórias nos bosques digitais.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora UnB, 2010.

BORGI, Marta; CIRULLI, Francesca. Pet face: mechanisms underlying human-animal relationships. **Frontiers in Psychology**, v. 7, art. 298, 2016. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.00298

BORGI, Marta; COGLIATI-DEZZA, Irene; BRELSFORD, Victoria; MEINTS, Kerstin; CIRULLI, Francesca. Baby schema in human and animal faces induces cuteness perception and gaze allocation in children. **Frontiers in Psychology**, v. 5, art. 411, 2014. DOI: 10.3389/fpsyg.2014.00411



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. Tradução de Janaina Marcoantonio. São Paulo: Edições Sesc SP, 2023.

BUCKINGHAM, David. **Media literacy per crescere nella cultura digitale**. Organização de R. Andò e I. Cortoni. Roma: Armando Editore, 2013.

CITTON, Yves. **Pour une écologie de l'attention**. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 247-283.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LORENZ, Konrad. Die angeborenen Formen möglicher Erfahrung. **Zeitschrift für Tierpsychologie**, v. 5, n. 2, p. 235-409, 1943. DOI: 10.1111/j.1439-0310.1943.tb00655.x

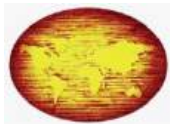
NGAI, Sianne. **Our Aesthetic Categories**: zany, cute, interesting. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

SCHWARTZ, Yves; FAÏTA, Daniel (Dir.). *L'Homme Producteur*. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985

SCHWARTZ, Yves. *Trabalho e uso de si*. Pro-Posições, 2000.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



APPEL À COMMUNICATIONS

Les « dialogues » dans le travail et la vie des sociétés : la démocratie à refonder ?

« L'Homme Producteur », quarante ans après

Quarante ans après la parution de *L'Homme Producteur*¹⁴ qui témoignait de l'expérience d'une rencontre inédite entre universitaires et syndicalistes, la Société Internationale d'Ergologie souhaite que son 7^{ème} Congrès soit une occasion de point d'étape, de réflexion et de débats sur la notion de « dialogue » dans le travail et dans les divers champs de la vie sociale.

Sur ce sujet, l'ensemble des questions posées par la démarche ergologique et dans le champ des « ergodisciplines »¹⁵ trouve son origine dans le dialogue initié en 1983-1984 à l'Université de Provence¹⁶ entre une quinzaine de travailleurs de la région marseillaise et une petite équipe d'universitaires et de professionnels (ergonomes, ingénieurs, techniciens...). Un dialogue dont l'ouvrage *L'Homme Producteur* avait fait une synthèse et à partir duquel des concepts essentiels de l'approche ergologique du travail ont été collectivement élaborés et validés : usage de soi par soi, usage de soi par d'autres, corps-soi, normes antécédentes et renormalisations, ingrédients de la compétence, valeurs dimensionnées et valeurs sans dimension, entités collectives relativement pertinentes, projets-héritages¹⁷...

Mais, dans la période que nous traversons, il nous paraît nécessaire de réinterroger ce qui se joue dans les différentes formes de dialogue qui existent dans nos sociétés. Cette réinterrogation devrait notamment prendre en compte la distance critique, les insuffisances et les limites qui caractérisent généralement toutes ces formes de dialogues et qui concernent en premier lieu le champ du travail où les difficultés dialogiques sont particulièrement fortes et dans lequel le terme de « dialogue » est souvent inauthentique, voire mystificateur.

Quatre décennies d'expériences d'interventions, de dispositifs de type ergologique ou inscrits dans le champ des « ergodisciplines », ont montré qu'un changement de posture était nécessaire pour rendre possibles de véritables dialogues ancrés dans le travail réel.

Avancer sur ce sujet est indispensable, non seulement au regard du besoin de démocratie que connaît le monde du travail pour construire du bien commun, mais aussi pour une redécouverte des savoirs opérant dans la vie productive et sociale, une interpellation des rapports de pouvoirs dans le rapport aux savoirs, une régulation de la confrontation entre des valeurs de vie parfois contradictoires comme elles peuvent l'être par exemple sur les questions écologiques, et au bout du compte pour une pratique élargie de la vie politique.

¹⁴ *L'Homme Producteur, autour des mutations du travail et des savoirs*, sous la direction d'Yves Schwartz et Daniel Faïta, Editions Sociales, Paris, 1985.

¹⁵ Gaudart, C. et Rolo, D. (2015). L'ergonomie, la psychodynamique du travail et les ergodisciplines. Entretien avec François Daniellou. *Travailler*, 34, p. 14.

¹⁶ Fusionnée depuis 2012 au sein d'Aix-Marseille Université.

¹⁷ Voir le « Vocabulaire ergologique » dans les Annexes de *L'Activité en Dialogues*, sous la direction d'Yves Schwartz et de Louis Durrive, Octarès Editions, Toulouse, 2009.



Au-delà du débat sur les règles formelles des dialogues dans nos sociétés, c'est la conception et le sens même de la démocratie qui est en jeu sur ce sujet. Dans l'univers intellectuel, dans la gouvernance des entreprises, dans la lutte contre l'aveuglement du système financier aux conditions de la création de valeur, et plus largement dans toute la vie sociale. Cela ne se limite pas, loin s'en faut, à l'ambition de « soigner le travail ». C'est d'un retravail du sens même de la démocratie qu'il s'agit : sans un sentiment permanent d'inconfort, voire d'insécurité dans la pratique du dialogue, sans la sensibilité aux débats de normes de tous ceux qui participent et fabriquent au quotidien la vie sociale, une vie démocratique est-elle seulement possible ?

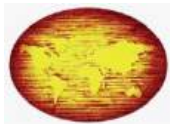
Dans ce questionnement, nous proposons de mettre plus particulièrement à l'épreuve la notion de « dialogue social », telle qu'elle est définie par l'Organisation Internationale du Travail et telle qu'elle fonctionne institutionnellement dans les relations professionnelles¹⁸. Dans nos sociétés où le travail est considéré comme une marchandise dont l'échange activité/rémunération est généralement réglé par des dispositions légales et contractuelles basées sur la subordination, c'est-à-dire un face à face déséquilibré entre l'employeur et le salarié, la notion de dialogue social vise essentiellement le droit syndical, le droit des instances représentatives des salariés, le droit de grève et le droit à la négociation sur les salaires, les conditions d'emploi, de travail et de vie des salariés.

Il y aurait à présenter l'histoire de ces dialogues, leurs apports et leurs difficultés de fonctionnement dans chaque pays en lien avec les développements de l'industrie, du salariat, des sociétés capitalistiques, la montée des mouvements ouvriers et des droits du travail. Les débats au sein de ce Congrès, dont l'un des objectifs est de partager des constats et des réflexions sur la place, le fonctionnement et l'utilité de ces dialogues dans la réalité actuelle de nos sociétés, pourraient à partir de là porter sur deux dimensions problématiques majeures concernant les fonctionnements de ces dialogues.

1. La première aurait pour objet les négociations qui portent le plus souvent sur les « conditions de travail », au sens classique du terme, c'est-à-dire sur les cadres formels, quantifiés, anticipables, des emplois – ce qui est très important –, mais fort peu sur le travail lui-même comme activité¹⁹.

¹⁸ <https://www.ilo.org/fr/publications/flagship-reports/rapport-sur-le-dialogue-social-2024-le-dialogue-social-au-plus-haut-niveau>

¹⁹ Au sens où la démarche ergologique considère une « *structure permanente et universelle de déploiement de l'activité, dont la caractéristique est de resingulariser le vivre, remettre en dialectique de manière variable et variée, selon les individus, les conditions présentées par son milieu de vivre* », Prévot-Carpentier, M. (2013). « Les « conditions de travail » : proposition de modélisation pour l'usage. Entre épistémologie et philosophie sociale, un mode de traitement ergologique du concept ». Thèse de doctorat de philosophie, Aix-Marseille Université, p. 464.



Comme l'écrit l'ergonome Bernard Dugué dans « Négociier des marges de manœuvre : une dynamisation du dialogue social ? »²⁰, ce contournement du travail comme activité n'est pas vraiment étonnant car cette réalité du travail « est l'une des plus complexes à négocier » : comment faire de « la connaissance précise du travail réel » un « objet à négocier » ? Ne s'agirait-il pas d'un changement de paradigme ? Or, peut-on vraiment agir pour « une amélioration continue des conditions de travail » si le dialogue social contourne ou sous-dimensionne ce que la démarche ergologique appelle les « dramatiques d'usage de soi » dans l'activité réelle de travail ? Ce premier constat pourrait être discuté dans ce Congrès : quelle est la prise en compte du travail réel dans les échanges et les négociations au sein des dits dialogues sociaux ?

Si ce constat du contournement majoritaire de l'activité est validé, il faut alors se poser les questions du « pourquoi » et tenter de savoir « quelles en sont les conséquences ». N'est-ce pas un facteur essentiel d'affaiblissement, d'altération, voire de manipulation des supposés processus de compromis sociaux attribués à de tels dialogues ?

2. Ces questions conduisent directement à l'exploration d'une seconde dimension problématique : on peut en effet se demander si les difficultés et les limites du dialogue sur le travail comme activité ne relèvent pas de manière fondamentale de l'ambiguïté profonde d'un dialogue entre des parties prenantes dont les intérêts, les responsabilités, les pouvoirs dans l'institution ou l'organisation ne sont que très partiellement convergents, et très largement marqués par l'inégalité, voire le conflit. Et cela concernerait toutes les configurations actuelles de dialogue, du plus institutionnel, le dialogue social, à ceux qui portent sur l'analyse de l'activité tels que pratiqués de manières diverses par différentes sciences du travail.

Pour autant, faut-il uniquement critiquer et sous-estimer ces dialogues sociaux ? Tels qu'ils existent, n'ont-ils pas, en effet, malgré les limites et les difficultés évoquées, un potentiel de conquête sociale susceptible de freiner, voire de mettre en cause l'exploitation du travail par le capital, et qui permet d'usiner des réserves d'alternatives ?

Cette dimension de conquête sociale, liée aux luttes et à l'action revendicative des travailleurs, ne peut être niée, mais ne serait-elle pas consolidée et renforcée par le développement des formes de dialogue centrées sur les activités de travail, telles que les « Dispositifs Dynamiques à Trois Pôles » et les « Groupes de Rencontres du Travail » proposés par l'approche ergologique et expérimentés dans diverses entreprises et organisations ?

Et les formes de dialogue direct et en articulation avec les instances de dialogue social dans l'entreprise, qui sont aujourd'hui en débat dans les milieux syndicaux et de l'analyse du travail pourraient-elles également y contribuer ?

²⁰ Chapitre 16 de l'ouvrage sous la direction de Fabien Coutarel, Mohsen Zare, Sandrine Caroly, Agnès Aublet-Cuvelier, Nicole Vézina, Alain Garrigou, Yves Roquelaure, *Marges de manœuvre : des concepts à la transformation du travail*, Octarès Editions, Toulouse, 2024.



SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE

SOCIEDADE
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

SOCIEDAD
INTERNACIONAL
DE ERGOLÓGIA

INTERNATIONAL
SOCIETY
OF ERGOLOGY



Pour mesurer tout cela, il est nécessaire de prendre en compte les réalités des éléments suivants :

- les sujets et les collectifs concernés par ces dialogues,
- leur cadre juridique et leurs modalités (instances, interlocuteurs/participants, finalités, moyens...),
- les secteurs (public, privé, économie sociale et solidaire) et les niveaux où ils se mènent : national/interprofessionnel, branches professionnelles, groupe, entreprise, établissement, service/unité de production...,
- les résultats de ces dialogues et leur durabilité,
- les évolutions et les tendances sur ces différents points.

Et, dans le cas particulier de la France, la réflexion devrait aussi porter sur le bilan à tirer du droit d'expression des salariés sur le contenu, les conditions et l'organisation du travail tel qu'il existe depuis 1982. Et, à l'inverse, sur celui de la suppression, en 2020, des CHSCT (Comité d'Hygiène, de Sécurité et des Conditions de Travail) dans le droit du travail.

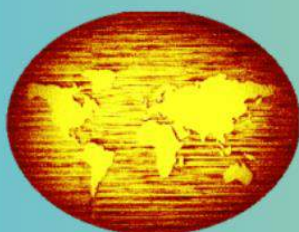
Au regard de tout cela nous devrions enfin nous poser la question des changements à promouvoir concernant les sujets, les acteurs/partenaires, les méthodes et les objectifs du dialogue social. En tenant compte des évolutions technologiques, économiques et sociales (télétravail, Intelligence Artificielle, importance des réseaux sociaux, ubérisation, robotisation, puissance des organismes financiers et des GAFAM...) qui transforment les modes d'usage de la force de travail humaine.

Telles sont les questions sur lesquelles nous invitons les participantes et participants à notre 7ème Congrès à réfléchir et proposer des communications.



7ème Congrès de la SIE

Promotion et organisation



**SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE**

Partenariat



4-6 Juin, 2026

Conservatoire National des Arts et Métiers
Amphitéâtre Jean Fourastié
292, rue Saint-Martin - PARIS

